

Pe. Mauro Odorísio, CP

LUCAS

EVANGELISTA, MÉDICO E PINTOR?

Ponta Grossa – 2019

Sumário

ALÉM DE EVANGELISTA, MÉDICO E PINTOR?	3
ANTES DOS EVANGELHOS, O EVANGELHO	5
ANTES DA OBRA, O AUTOR	6
NADA DO NADA.....	7
O PROJETO LUCANO.....	8
PRELÚDIO (Lc 1,1-4)	10
DEUS CONTA COM OS INCAPAZES (Lc 1,5-38)	11
PAUSA NECESSÁRIA.....	13
A – A concepção virginal de Maria	13
B – Mistério da Encarnação de Jesus	13
CONCEPÇÃO FECUNDA (Lc 1,39-80).....	16
O ESPERADO COMEÇA A CHEGAR (Lc 2,1-52)	19
ANTES DELE, O ARAUTO (Lc 3,1-38)	22
DESERTO: PONTO DE PARTIDA (Lc 4,1-44).....	24
JESUS ACOLHE DISCÍPULOS (Lc 5,1-44)	26
A SUBLIMIDADE DA NOVA LEI (Lc 6,1-49).....	28
AS OBRAS DE JESUS REVELAM-NO PODEROSO ENVIADO (Lc 7,1-49).....	31
JESUS ACOLHENDO, EVANGELIZANDO E SE REVELANDO (Lc 8,1-56)	33
JESUS REVELA QUEM É E ENVIA OS DISCÍPULOS (Lc 9,1-62).....	36
EVANGELHO, EVANGELIZADORES E ACATAMENTO A PALAVRA (Lc 10,1-42).....	40
JESUS, MESTRE DA ORAÇÃO (Lc 11,1-53).....	42
É A VEZ DOS DISCÍPULOS DE JESUS (Lc 12,1-59)	46
A VIDA RELIGIOSA PARTE DO INTERIOR (Lc 13,1-35)	49
OS ADVERSÁRIOS E OS DISCÍPULOS DE JESUS (Lc 14,1-35).....	51
OS CARENTES ABERTOS À PALAVRA (Lc 15,1-32).....	53
AINDA DURANTE UMA REFEIÇÃO (Lc 16,1-31)	55
O REINO VAI CADA VEZ MAIS SE CONFIRMANDO (Lc 17,1-37).....	57
O REINO IMPLICA LUTA CONSTANTE CONTRA O MAL (Lc 18,1-43).....	59
JERUSALÉM MATA OS PROFETAS (Lc 19,1-48).....	62
PODER X AUTORIDADE (Lc 20,1-47)	64
O FIM NÃO CHEGOU, MAS ESTÁ PRÓXIMO (Lc 21,38)	67
ÀS PORTAS DO TEMPO DOS TEMPOS (Lc 22,1-71)	69

DO TRIBUNAL RELIGIOSO AO CIVIL (Lc 23,1-56)	74
VITÓRIA DA VIDA E NÃO DA MORTE (Lc 24,1-53)	78
O IIIº EVANGELHO E ATOS DOS APÓSTOLOS	83

ALÉM DE EVANGELISTA, MÉDICO E PINTOR?

A sabedoria popular é capaz de trazer ensinamentos, em doses homeopáticas, enquanto os estudiosos os apresentam em alentados volumes. Um provérbio, por exemplo, traz lições condensadas em poucas palavras, mas os cientistas, muitas vezes, precisam corrigir alguns desvios. É conhecido o provérbio: “quem conta um conto aumenta um ponto”. O que está sendo afirmado pode ser constatado no que se conhece sobre Lucas: teria ele sido, realmente, médico e pintor?

O belo texto do prólogo (Lc 1,1-4), mesmo em sua brevidade, é como pegadas de gigante que deixou suas marcas na areia da praia por onde passou. O escritor demonstra ser bom conhecedor de sua língua, o grego. Dá mostras de elegância, profundidade, e de seu etilo castiço. Entretanto, a partir de Lc 1,5ss ele parece outro, pois há profunda queda estilística; ele foi obrigado a guardar fidelidade à fonte que tinha em mãos.

O autor do IIIº Evangelho se revela delicado e sensível ao “fotografar” ou “pintar” o coração de Nossa Senhora: mostra-a como, mesmo sendo adolescente, atingira elevado estágio de vida espiritual. Sendo “noiva” ou propriedade de José, ao dizer “sim” a Deus, ela sabia da probabilidade de morrer apedrejada como adúltera (Dt 21,22-13). Isto não a impediu de colocar-se abandonadamente nas mãos de Deus (Lc 1,38). Então, o Evangelista poderia, mais do que os outros, retratar em telas o rosto e o coração de Maria.

Não seria isto que levou pregadores, escritores e devotos marianos a atribuírem telas artísticas e belas à autoria lucana?

Porém, a ciência e a técnica são capazes de datar, com segurança, fósseis que existiram há milhares de anos. Com a mesma segurança o fazem quanto à época de um tecido ou da tinta usada pelo pintor ao imprimir sua arte na tela. Aqueles recursos demonstram que quadros encontráveis em santuários da Europa e atribuídos a S. Lucas são bem posteriores a ele.

Se Lucas não deixou na tela a efígie de Maria, como faria caso fosse pintor, ao menos ele retratou com exímia perfeição o coração mariano cheio de graça, transformando-o em santuário do Filho de Deus (Lc 1,28). Então, com todo direito, os nossos artistas podem, com razão, ter o Santo como o exímio protetor.

Agora, o que dizer de Lucas médico e padroeiro dos nossos irmãos que se dedicam com zelo e capacidade à saúde das pessoas?

Em Cl 4,14 Paulo se refere a um membro da comunidade que o chama “Lucas o querido médico”. Seria este o autor do III Evangelho e dos Atos dos Apóstolos?

Os especialistas em estudos bíblicos que bem conhecem os escritos paulinos (Romanos, Coríntios, Gálatas, etc), bem como os lucanos (III Evangelho e Atos dos Apóstolos), constataam discrepâncias em pontos fundamentais entre ambos. Sem ulteriores considerações, afirma-se que Paulo jamais faria o discurso que Lucas põe nos lábios dele em At 17,22-31.

Sem aprofundar o problema, que pediria longas considerações, se afirma: o autor do III Evangelho e Atos dos Apóstolos não é a mesma pessoa à qual Paulo se refere em Cl 4,14. Eram pessoas distintas, mas irmanadas pelo mesmo zelo apostólico, quer curando corações, quer retratando-os em santidade.

Não obstante estas considerações, os médicos e médicas, zelosos servidores da saúde dos irmãos, podem se considerar bem assistidos e iluminados pelo autor do III Evangelho e Atos dos Apóstolos. Tal exímio escritor, independentemente da profissão que exerceu, cuidou e continua cuidando dos corações, da saúde espiritual de todos, na perspectiva da vida em plenitude (Jo 10,10).

Que os pintores, os médicos e leitores do III Evangelho e dos Atos dos Apóstolos se sintam piedosamente guiados por alguém, teólogo, santo e exímio escritor destes livros sagrados. A piedosa tradição cristã, de há muito o chama Lucas. E não é necessário maior esforço para descobrir a fonte luminosa do nome: etimologicamente vem de LUZ.

Contudo, que todos se cheguem a Lucas como luzeiro que ilumina as mentes e, de modo especial, os corações. E que se possa repetir o que ele mesmo escreveu, falando da caminhada reflexiva com o Senhor e com ele partindo o pão: “Não se inflamavam os nossos corações quando ele falava conosco pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32).

Que o Santo acompanhe e ilumine todos os estudiosos deste seu trabalho: III Evangelho de Lucas.

Pe. Mauro, CP

ANTES DOS EVANGELHOS, O EVANGELHO

1 - Evangelho significa o “Bom Anúncio” (*eu-agghelos*). O primeiro Bom Anúncio existiu desde sempre, estava junto de Deus, era Deus e era criador, também. Mas o Pai o quis igualmente redentor (Jo 1,1-3). Então, num de determinado “momento” da eternidade, conhecido como a “plenitude do tempo”, o Pai o enviou salvificamente ao mundo (Gl 4,4-5) e ele se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14).

Cristo é o Bom Anúncio do Pai em benefício da humanidade e trouxe a vida ao mundo, anunciou, pregou o bem e a santidade. Este complexo de vida também passou a ser conhecido como evangelho e não só foi vivido por muitos discípulos, como irradiado, celebrado, com sangue e dedicação. Mas uma parcela de tudo foi escrita e constitui os quatro livros canônicos, inspirados. Deles, o III é atribuído a Lucas. Trata-se do mesmo autor de Atos dos Apóstolos.

O Evangelho de Lucas aborda, fundamentalmente, do nascimento de Jesus (Lc 1,5ss) até sua Ascensão (Lc 24,50-52). Os Atos dos Apóstolos reassumem a narração da Glorificação do Senhor, em novas perspectivas; aos apóstolos que insistiam em ficar olhando para o alto, foi-lhes cobrado “se não tinham nada a fazer”. Praticamente foi-lhe dada solene missão: irradiar a mensagem evangélica até a consumação dos tempos (At 1,11).

Atos dos Apóstolos, o 2º volume escrito pelo mesmo autor do III Evangelho, termina sem fecho especial. Trata-se de verdadeira “obra aberta” ao falar de Paulo quando este chegou em Roma (At 28,30-31). O Livro não tem “fecho” ou encerramento. Com a chegada do Apóstolo à capital do Império Romano se considerou que a Palavra estava atingindo os confins da terra (Mt 28,20).

2 - A verdade é que a mensagem salvífica de Deus deve atingir todos os recantos do universo. Abre-se a todos os seres racionais que jamais conseguirão sua plenificação apenas em valores terrenos que jamais poderão saciar plenamente os corações humanos. Quem não se abrir aos valores transcendentais, ou mais precisamente, a Deus, tem grande possibilidade de se apegar aos bens terrenos. E isto acontecendo, tudo lhe passa a ser lícito; as primeiras e maiores vítimas, são as pessoas mais indefesas.

Sintetizando, o Evangelho ou a Boa Nova é, antes e acima de tudo, Cristo, que salvificamente assumiu carne para morrer em prol da humanidade. Seu exemplo e sua mensagem foram assumidos vivencialmente pelos discípulos destemidos que os transformaram em vida oblativa. Eles eram capazes, conforme o preceito do Mestre, de dar a vida pelos irmãos (Jo 15,12-13). Tal testemunho vivencial foi sendo celebrado nas liturgias e na vivência comunitária. Tanta riqueza foi sendo narrada, pregada e virou livros.

Concretamente, surgiram, assim, os conhecidos quatro evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus e João.

No momento está sendo apresentado o Evangelho de Lucas. Para maior compreensão são traz comentários enriquecidos de recursos audiovisuais. O estudo será mais rico e profundo se feito em comunidade, recebendo o contributo de todos os corações de boa vontade.

ANTES DA OBRA, O AUTOR

1 - Os livros, antigamente, eram realmente manuscritos e chegavam aos leitores sem o mínimo das exigências dos atuais. O III Evangelho não foi exceção: nada de autor, editora, época e lugar de impressão. Cabe aos estudiosos descobrir os dados da obra.

A beleza e a liberdade do prólogo (Lc 1,1-4) de imediato revelam o autor como prendado escritor. Pode elaborar sem peias a apresentação de seu escrito e assim mostrar o quanto e o como dominava a língua grega. A partir de Lc 1,5ss, o nível estilístico cai: revela escritor que tinha fontes em mãos às quais devia ser fiel.

O prólogo que mostra as prendas linguísticas do escritor retrata-o como investigador sério e crítico; o autor afirma ter investigado tudo seriamente (*ákribos*).

Cedo a piedade cristã foi criando perfis não condizentes com a realidade: chegou-se não só a afirmar que ele era pintor, mas que teria retratado Nossa Senhora em suas telas. Além disto, que era médico e que se chamava Lucas (Cl 4,14). Na verdade, ele escreve mais distinguidamente do que os outros, fenômenos do suor de sangue de Jesus (Lc 22,44); mas não vai além do esperado das pessoas bem informadas de então. Estudiosos robusteciam a tese com o fato de o Evangelista atenuar o texto de Marcos, que se refere aos médicos sem muitas medidas (Mc 5,26 e Lc 8,43).

2 - Com sólidos argumentos, afirma-se atualmente, que o Lucas referido por Paulo não é o mesmo que escreveu o III Evangelho e os Atos dos Apóstolos. Jamais o Apóstolo das Gentes, entre outras coisas, aceitaria as decisões do Concílio de Jerusalém como é dito em At 15,20. Na passagem se nota a comunidade ainda vinculada ao legalismo judaico. Para Paulo, o discípulo do Senhor estava liberto dos preceitos da Lei; o único era viver o amor vivenciado por Jesus (Gl 2,6-10; Jo 15,12-13). Jamais seriam ditas pelo Apóstolo as palavras que Lucas lhe coloca nos lábios: em At 17,22-31 fica a impressão de que eram os atenienses que procuravam Deus e na verdade é Deus quem ama primeiro, é ele quem toma a iniciativa, vindo aos seres humanos (1Jo 4,19). Isto é fundamental na teologia paulina.

O autor do III Evangelho e dos Atos dos Apóstolos provavelmente jamais esteve na Palestina; diferentemente não teria cometido imprecisões topográficas. Demonstra ser grego, bom conhecedor da cultura do seu povo e, entusiasmado pelo Evangelho que conheceu e abraçou, tudo faz para levá-lo aos afeitos à cultura grega.

NADA DO NADA

1 - No princípio era o Verbo que era Deus, que é eterno e criador. É dele e nele que tudo existe e subsiste. E as coisas, ao receberem a existência, foram canonizadas, declaradas boas (Gn 1,1ss).

Viu-se que, antes do Evangelho, existiu quem é o Evangelho: Cristo Jesus. Nele e dele está o Evangelho de Lucas.

Nos quatro primeiros versículos de seu livro (Lc 1,1-4), sem qualquer tipo de amarras, Lucas se revela exímio escritor. A partir de Lc 1,5ss, o aspecto literário do livro tem forte defasagem. Evidencia-se que o autor tinha algum compromisso com determinadas fontes. Nesse compromisso, teria relativa liberdade, mas devia ater-se a determinada fidelidade. Esta realidade se evidencia a todo estudioso do III Evangelho: Lucas escreve com certa liberdade, mas é fiel às fontes que tinha em mãos.

2 –Isaías é exemplo eloquente do que se diz (Is 40,3). Os judeus eram escravos na Babilônia e tudo indicava que desapareceriam como povo, como acontecera com tantos outros. Mas Isaías profetizou o “absurdo”: eles voltariam para reconstruir a pátria, como, afinal, aconteceu. Afirmou que uma voz deveria proclamar: preparem no deserto os caminhos para o grande cortejo que, guiado por Deus, voltará para reedificar Jerusalém.

O resumo do texto é apresentado, distinguidamente, em duas ações bem distintas: primeiro em Isaías e depois nos evangelistas:

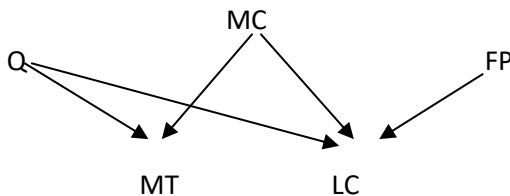
Voz que clama	preparem <u>no deserto</u> o caminho... (Isaías)
----------------------	---

Não se sabe como e donde o texto foi citado com certa alteração em Mc 1,3 (que é fonte para Mateus e Lucas):

Voz que clama <u>no deserto</u>	preparem o caminho... (Evangelistas)
--	---

Então, resumidamente, se afirma: Lucas tem no mínimo três fontes: uma é **Marcos**, outra é comum a ele e a Mateus identificada com a letra **Q** (de Quell = fonte) e a terceira nomeamos **FP** (fontes próprias).

O gráfico abaixo pode ilustrar o que está sendo dito:



Não sabemos onde e quando o III Evangelho foi escrito. Provavelmente depois do ano 70. Marcos já tinha escrito o seu Evangelho aos fieis de língua latina, idioma conhecido não só em Roma, como em todo o Império Romano. Mateus elaborou o seu aos judeus, em geral, mas de modo especial aos que falavam o hebraico ou, mais precisamente, o aramaico. Mas o grego, a partir das conquistas de Alexandre Magno, tornou-se língua quase que universal. É aos detentores dessa cultura que Lucas dirige o seu escrito.

O PROJETO LUCANO

1 – O fato do III Evangelho ter sido escrito por Lucas é pacificamente aceito. Porém, é menor o número dos que concordam que também Atos dos Apóstolos foi elaborado por ele. Entretanto, os dois volumes não são unidades desvinculadas entre si. Ao contrário, estão estreitamente articulados.

O Evangelho apresenta Jesus, o enviado pelo Pai, como salvador de toda a humanidade. Tanto é verdade que Lc 3,23-37 vincula Jesus a Adão, apresentado como o pai de “todos os povos”. Para que isso não pareça afirmação gratuita, é importante evocar a genealogia apresentada por Mateus (Mt 1,1-17); ele conecta Jesus a Abraão, que é considerado o pai do povo judeu. Escreve o seu livro aos judeus e quer mostrar como Jesus não é alguém que veio do nada, mas que foi predito pelas Escrituras.

Deixando mais claro: Lucas pretende mostrar que não são apenas os judeus os destinatários da salvação. Primeiro vieram os judeus como povo-sinal; mas a salvação estava aberta a todos os povos.

2 – A grupos que imaginavam serem os judeus o único povo santo, surge o livro de Jonas, mostrando que todos são amados pelo Criador, todos podem se abrir à conversão, à salvação. Assim, baseando-se em Gn 17,3, Paulo mostra que Abraão foi chamado a ser pai de muitos povos e não só dos judeus. Esta promessa foi gratuita, independente de merecimentos como o da circuncisão (Gn 17,23-27) e da prontidão em sacrificar Isaac, fatos que aconteceram depois (Gn 22,1-18). Firmemente fundamentado, Paulo afirma que quem crê como o Santo Patriarca é descendente dele e não quem tem o seu sangue correndo pelas veias. As obras da lei não justificam ninguém, conclui ele, e sim a plena doação pela fé (Rm 4,13-25). Com arte, profundidade e sabedoria o Escritor Sagrado proclama como também os pagãos são chamados, com os judeus, a formarem um único povo (Ef 3,2-6).

3 – Por isso o evangelho lucano insiste na caminhada de Jesus a Jerusalém: a) - no seio de Maria, vai a Ain Karem a 5 km da cidade (Lc 1,39); b) – vai a Belém, passagem necessária por Jerusalém, 8 km antes (Lc 2,1-5); c) - a Jerusalém, ao ser apresentado no templo (Lc 2,21-39); d) – ao completar doze anos e fazer a peregrinação pascal, obrigatória (Lc 2,41-50). e) Adulto, Jesus tomou o caminho para a chamada Cidade Santa, onde aconteceria o ponto alto da redenção: morte, ressurreição e glorificação.

Esta é a primeira parte do pensamento teológico de Lucas, contida no primeiro livro, o Evangelho. A obra termina narrando a ascensão de Jesus ao céu (Lc 24,50-53). Um pormenor aparentemente insignificante não pode ser atropelado: os discípulos voltaram ao templo pois ainda estavam com o cordão umbilical ligado a ele e ao que ele significava. É assim que termina o Evangelho de Lucas, o primeiro volume de um complexo teológico.

4 – Dando continuidade ao que fora escrito no Evangelho, Lucas escreve Atos dos Apóstolos. Significativamente, o livro começa onde terminou o primeiro: narrando, mais uma vez, a ascensão (At 1,9-11). Porém, com particularidades que não podem ser ignoradas. Aos discípulos embevecidos olhando para o alto, é dado um “chega pra lá”: que se colocassem em ação, em caminho pela vida apostólica.

Há outro particular: desta feita eles não voltam ao templo, como foi dito no Evangelho (Lc 24,50-53), e sim para a sala de cima, conhecida como o local onde teriam celebrado a última páscoa com Jesus. Isto significa que estavam cortando o cordão umbilical com o templo, com o judaísmo e se abrindo para a vida apostólica sem limites geográficos, culturais, etc. O discípulo do Mestre deve ser um apóstolo. É o que nos ensinam, homeopaticamente, os dois livros de Lucas.

5 – Lucas não pode ser encarado apressadamente. A primeira impressão que pode deixar é a de ser biógrafo de Jesus, historiólogo da mensagem do Senhor ou até mesmo da Igreja. Porém, ele é teólogo, místico e apóstolo. Não narra história pura e simplesmente, mas a História da Salvação na qual Deus não pode ficar olvidado. Ao escrever tal história, principia falando no dom do Espírito Santo (At 2,1-20). Esta

colocação merece considerações extras. O dom do Espírito Santo aconteceu na morte de Jesus. Tanto que João não diz que o Senhor expirou e sim, que “entregou o Espírito” (Jo 19,30); com sua morte na cruz originava-se a nova vida (Jo 19,31). Era o verdadeiro sopro, o verdadeiro espírito divino que transformara o boneco de barro em ser vivente (Gn 2,7).

Dias depois, o Evangelista apresenta Jesus soprando sobre os discípulos e lhes dando “novamente” o Espírito (Jo 20,19-23). Não se tratava de nova “doação” do Espírito e sim, do poder de perdoar o pecado que atenta contra a especial vida recebida na cruz.

Em Atos dos Apóstolos, Lucas principia a falar da Igreja que se abria para o mundo. A ela se achegavam povos de todos os quadrantes. Os nomes desses povos estão estrategicamente colocados. Cada qual falava o seu idioma e o desentendimento era “babélico”. Contudo, eles se entendiam, porque todos falavam a mesma língua inteligível no mundo: a língua do Espírito Santo, a língua do amor fraterno.

O projeto teológico e místico de Lucas é sublime: partindo do que foi revelado por Cristo na cruz, o mundo e as pessoas devem ser evangelizados e ficar impregnados, a partir de dentro, pela revelação amorosa do céu.

PRELÚDIO (Lc 1,1-4)

1 – (Lc 1,1-4). Grandes apresentações operísticas são antecedidas por verdadeiros aperitivos artísticos que retratam o espetáculo, quando não chegam a superá-lo. Assim faz Lucas, antes de apresentar o seu escrito, em poucos versículos que revelam sua estatura cultural e artística. Sabe estar escrevendo para cristãos ou não, de cultura grega. Então, sem as amarras das fontes às quais deverá ser fiel, no prólogo de seu livro, dá sublime amostragem de suas diversas qualidades artísticas de pensador e de escritor.

Revela ter consultado muitas obras antes de se dar ao trabalho de escrever o seu Evangelho (Lc 1,1). Já se acenou que ele se serviu do texto de Marcos, de uma fonte também usada por Mateus e de algo que lhe é próprio. No v. 2 deixa claro que fez investigações também entre os que foram testemunhas oculares, que conviveram com Jesus, como os que eram catequistas e ministros da palavra.

Pelo fato de trazer em seu texto hinos, como o cantado por Maria (Lc 1,46-55), por Zacarias (Lc 1,68-79), por Simeão (Lc 1,29-32) se deduz que o Evangelista tenha ido buscar subsídios nas celebrações das primeiras comunidades cristãs. A liturgia, a história, a catequese, o apostolado e a pregação de vida, numa palavra, se unem como fonte inspiracional de vivência, de oração, de pregação.

2 – Lucas mostra como procurou dar continuidade à herança que recebeu: ao trabalho de tantos irmãos testemunhas e apóstolos ele se revela digno herdeiro que tudo faz para enriquecer o patrimônio que recebeu. Não depauperou a herança recebida, mas deu seu contributo responsável: investigou tudo e desde o início. Mas com acuidade (*ácribos*). Aqui entra o estudioso, o crítico, o cientista e a pessoa de fé. Tudo foi feito à luz da fé, em benefício dos pósteros.

Surge, então a figura do misterioso Teófilo (o amado de Deus). Parece ser alguém da comunidade que teria auxiliado o Escritor Sagrado no árduo empreendimento, como pode também significar a comunidade na qual Lucas partilhava o pão da Palavra e da Eucaristia, tudo em vista do crescimento espiritual da comunidade (Lc 1,3-4).

DEUS CONTA COM OS INCAPAZES (Lc 1,5-38)

1 – (Lc 1,5-25). Depois do Prólogo (Lc 1,1-4), as cortinas do palco da história do Novo Testamento se abrem e começam a aparecer uns personagens coadjuvantes: Herodes, Zacarias e Isabel (Lc 1,5-7).

Estes versículos fazem parte de unidade maior chamada Evangelho de Infância. A língua grega é muito aquém da do Prólogo (Lc 1,1-4), uma vez que Lucas precisa ser fiel às fontes que tem em mãos.

Sem lhe dar a menor importância, mas apenas um ponto referencial na história, Lucas cita o rei Herodes que não era propriamente judeu e nem rei. Apegado ao poder, eliminava quem levantasse suspeita de ser ameaça ao trono. Além deste tresloucado, entram no palco da história dois personagens queridos, mas limitados, quer pela idade, quer por não ter filhos: Zacarias e Isabel. Eram piedosos, mas carregavam o desdouro de não serem pais, o que equivalia a se sentirem, no mínimo, olvidados por Javé (1Sm 1,10-20). Mas Deus costuma escolher os fracos para confundir os fortes (1Cor 1,27-29).

Coube por sorteio a Zacarias oferecer os perfumes no santuário, ponto alto na vida dos sacerdotes (Lc 1,8-25). A grande maioria deles morria sem ter tão subida honra. Mas acreditava-se que seria punido pela morte quem cometesse o menor deslize. Zacarias teve especial visão, o que não era dado ao ser humano ter sem lhe ocasionar a morte (Jz 13,22). Após acalmá-lo, o anjo anunciou o que ele não mais esperava: seria pai de uma criança que se chamaria João (Deus tem misericórdia). Esta será grande e não beberá bebida alcoólica porque será alcoolizado por outro álcool especial: o Espírito Santo. Aqui há um jogo de palavra: “*pneuma*” tanto significa álcool como espírito em muitas línguas. O Precursor viverá embriagado pelo Espírito Santo. Ele será a voz que faz preparar no deserto o caminho para o Senhor, encabeça o povo que caminha para a construção da verdadeira pátria (Mt 3,1.23-24; Is 40,3).

Esperar-se-ia de experiente sacerdote que acatasse, de imediato, a proposta celeste, mas ele pede sinal. O anjo se apresenta como Gabriel, o mensageiro que Zacarias conheceria como o que anuncia tempo especial (Dn 8,15-17; 9,21-27). A mudez lhe é dada como sinal e como punição. Saindo do santuário, o povo reconheceu que lhe acontecera algo especial.

Vendo-se grávida, Isabel se viu liberta da humilhação e o silêncio que guardou a respeito de sua gravidez somou-se ao do seu marido (Lc 1,18-25). A narração do que aconteceu com o casal preparou o ambiente para a compreensão de outra especial concepção: a de Maria.

2 – (Lc 1,26-38). Lucas vincula o evento na anunciação do Anjo a Nossa Senhora à aparição dele a Zacarias, no templo. As duas crianças, João Batista e Jesus, estariam relacionadas entre si: o primeiro seria o anunciador e o segundo, o anunciado. Os dois ambientes são muito distintos: um foi em Jerusalém, a chamada cidade santa, no templo, mas no santuário onde só alguns sacerdotes podiam entrar. O outro estava na Galileia dos pagãos (Is 8,23), na paupérrima e mal considerada Nazaré (Jo 1,46). Em ambas as cenas estão duas mulheres “estéreis”: uma pela idade e por problema natural e a outra, por opção. É Deus que sempre escolhe o “incapaz” para confundir os poderosos. O caso de Maria era mais grave: tinha apenas de 11 a 13 anos, fora adquirida por José, para esposa (Lc 1,26-27).

O Anjo saúda significativamente Maria, aparentemente trocando o nome Maria por “Cheia de Graça” (*kaire, kecharitomene*). Ambos os nomes significam a mesma coisa: agraciada, elevada santificada; Maria vem do verbo “*rum*” com o prefixo “*M*” (*men*) que dá Míriam: a exaltada, elevada por Deus.

Tudo levava a Virgem a ficar envolta em interrogações. Entre outras, foi-lhe dito que engravidaria, e o filho que nasceria seria chamado Filho do Altíssimo. Mas é de se destacar: ela tinha sido adquirida por José. Jamais dissera “não” à proposta divina; mas, dizendo “sim”, ela ficaria grávida e com isto corria o risco de morrer apedrejada como adúltera (Dt 22,23-24).

Neste ambiente, não pediu provas, como Zacarias, mas apenas ilustrações. E o caso de estéreis que engravidaram não seria fato único na história da salvação; mas o de uma jovem virgem que engravidaria

sem o concurso masculino jamais acontecera. Possivelmente Maria se recordou da profecia de Isaiás (Is 7,14), da virgem que conceberia. Segundo o anjo, a criança seria chamada Jesus, que significa “Deus salva”.

Como todos os judeus, Nossa Senhora também esperava o salvador do povo. Mas seguramente não lhe passou pela cabeça o alcance e a profundidade do que estava sendo dito: que seu filho assumiria o trono de Davi e reinaria para sempre (2Sm 7,12ss).

Sem exigir provas, como Zacarias, Maria apenas suplicou orientações, pois não tinha em seu coração o projeto de ser mãe de família. São-lhe dadas duas garantias: seria assistida especialmente pelo Espírito Santo, de quem não tinha maiores informações. Teria, ainda, o testemunho da gravidez de Isabel que morava a mais de cem quilômetros de distância (Lc 1,28-37).

Com ressonâncias cósmicas, algo sublime aconteceu: o Verbo assumiu carne, porque uma adolescente se colocou como serva do Senhor ante a probabilidade de ser apedrejada (Lc 1,38).

3 –Imaginemos Lucas querendo transmitir o mistério da redenção, de Deus “precisando” da colaboração humana. Ele não somente se serviria da palavra ou da escrita, como de recurso literário. Serviu do chamado paralelismo antitético. Pede-se que seja feita a leitura, pura e simplesmente, como é apresentada pela tabela:

MARIA	ZACARIAS
Mulher	HOMEM
Leiga	SACERDOTE
Envolvida em atividades profanas	EXERCENDO ATIVIDADE SAGRADA
Despreparada	PREPARADO
Da Galileia dos pagãos	DA JUDEIA FIEL
Absorvida pelos trabalhos domésticos	ABSORVIDO PELO TEMPLO
Proposta de concepção virginal única	CONCEPÇÃO NA ESTERILIDADE
CRÊ	pede prova

O confronto é desconcertante: tudo pendia em favor de Zacarias pelos recursos que o adornavam. Mas não teve a estatura da jovem adolescente que competia em circunstâncias tão desiguais. Ela soube se colocar como Serva do Senhor e em vista da humanidade.

PAUSA NECESSÁRIA

A concepção virginal de Maria e o Mistério da Encarnação de Jesus se situam não só em contexto único, como adverso e até fora ou contra o modo de pensar vigente. Embora fuja do objetivo do nosso estudo, assim mesmo ele merece alguma consideração.

A – A concepção virginal de Maria

1 – O simples confronto entre a atitude de Zacarias e de Maria, exposto na tabela, basta por si mesmo; são dispensáveis maiores considerações. Na cultura judaica, a mulher atingia a plenitude da sua nobreza e dignidade ao se tornar mãe. Não ter filhos, ser estéril, era quase que maldição. Para agravar, sempre ela “era a culpada”, pois não se concebia a esterilidade masculina. A História da Salvação, que não se identifica com a história puramente humana, mas revela Deus que escolhe o fraco para confundir o forte (1Cor 1,19-30), apresenta destacadas matronas que eram estéreis e contribuíram eficazmente para a formação do “povo sinal”.

Ao se dar o primeiro passo para a formação do povo judeu, é escolhida Sara que era estéril (Gn 11,30); além de Rebeca (Gn 25,21); Raquel (Gn 30,1); na formação do povo da aliança, a mãe de Moisés praticamente o era, pois concebendo um menino, deveria matá-lo (Ex 1,15-2,10). Agora, ao iniciar a Aliança definitiva com todos os povos, o Senhor procura uma “estéril”: Maria (Lc 1,34).

2 – Desde sempre se debateu a possibilidade de Maria ter “feito voto de celibato”. Afirmava-se, e não sem fundamento, que isto era inconcebível para a cultura judaica. Contudo, sabe-se que, por motivos religiosos, foi dito a Jeremias que não se casasse, que não tivesse filhos (Jr 16,1). Paulo, também por razões religiosas, para se doar completamente ao ministério da palavra, abraçara o celibato (1Cor 7,8-9). Também Jesus acolhe o celibato livre em função do Reino de Deus (Mt 19,10-12).

3 – Os célebres manuscritos de Qumran, descobertos em 1947, exarados cerca de 200 anos antes de Cristo, demonstram a aceitação de celibato religioso entre os judeus. Também “leigos”, seguidores dos propósitos dos monges, abraçavam o celibato. Assim, com maior probabilidade, poderiam se encontrar em condições de lutar ao lado dos anjos quando da instalação do Reino de Deus na terra (Mt 26,51-54).

4 – Neste contexto cultural, não é atípico que pessoas fizessem propósito de viver celibatariamente. No caso concreto de Maria, o anjo lhe falar em teria filho brevemente, sendo ela “noiva” (Lc 1,34), seria algo natural e normalmente previsível. Então, o questionamento que fez ao anjo (Lc 1,34) revela que teria qualquer propósito em seu coração. Contudo, ela não era “dona de si mesma”. Tanto que tinha sido negociada pelo pai com José. Neste caso, o “voto” pessoal dela se tornaria nulo, conforme a Lei (Nm 30,4-5). Então, era possível, sim, no contexto em que vivia Maria, ter modo de pensar diferente da grande maioria da população.

Em posse destes dados é compreensível a possibilidade de a Virgem ter, em seu íntimo, feito a opção pelo celibato.

B – Mistério da Encarnação de Jesus

1 – Um fato ou um acontecimento pode ser entendido material ou formalmente. A leitura material fica apenas na exterioridade do fato. A formal, penetra na sua essência. Exemplificando: em leitura apressada, o beijo de Judas poderia ser tomado como manifestação de amor. Formalmente falando, porém, foi algo bem diferente.

Assim, o que se considerou até agora sobre Nossa Senhora, pode ser feito sob luzes diferentes: historiográfico, historiológico ou sob a luz da história da salvação. Abusando do perigo do exemplo, tentar ler a história de Pinóquio historiograficamente seria absurdo. Mas “historiologicamente” a narração tem sua razão de ser porque traz ensinamentos. Para os antigos, “história” era arte e pedagogia.

Não se pode ler a história da Salvação buscando precisões de dados concretos, mas sim a mensagem salvadora de Deus.

Ao interpretar as Escrituras, no caso, a concepção de Jesus, é fundamental ter presente os diversos gêneros literários: uma coisa é parábola, outra, alegoria. Uma coisa é composição, outra é descrição.

2 – O que dizer da concepção virginal de Jesus? A narração dos fatos e dos acontecimentos da vida de Cristo e de Maria, têm inegáveis importâncias. Mais importantes se tornam se levarem algo também aos corações e não apenas à razão. É disto que se ocupa a História Sagrada: sem diminuir os valores historiográficos e historiológicos, ela se abre ao transcendental.

A “concepção virginal”, em si, não é Conto da Carochinha. Quer no mundo vegetal, quer no animal, tanto entre invertebrados como vertebrados, o fenômeno continua acontecendo. Existem anfíbios, peixes e reptéis que se multiplicam assexuadamente. Poder-se-ia interrogar: como aconteceu o primeiro ser humano? Seria fruto do casamento de “um homem e de uma mulher”? A ciência tem tanta coisa a nos dizer e está dizendo, aos poucos. Mas ela não é capaz de dar todas as respostas.

3 – Praticamente, só Mateus e Lucas falam da concepção virginal de Jesus (Mt 1,18-25 e Lc 1,34-35). Contudo, antes deles, existiam fontes a respeito que os abasteceram. Contudo, elas não foram tidas como os dados mais importantes e sim, a experiência do Ressuscitado. É a partir daqui que passaram a anunciar o Jesus encarnado que morreu na cruz e ressuscitou; na ressurreição dele está a dos que nele creem. Mais ainda: que ela já começa a se fazer presente; é a “ressurreição incoativa” (Cl 3,1). Este foi o núcleo da pregação dos discípulos. Só mais tarde passaram a falar dos ensinamentos do Senhor, e mais tarde ainda, de seu nascimento.

Resumindo, a fonte sobre a concepção virginal não chegou detalhadamente aos pósteros que, mesmo assim, aceitaram-na normalmente.

A resposta do anjo à interrogação de Maria (Lc 1,35) vai além do interesse puramente biológico; ela se abre à fé. A confirmar esta fé estão as narrações vindas aos pósteros por meio de Luca e Mateus. E tal revelação foi facilmente acatada porque a comunidade estava impregnada pela experiência do Crucificado Ressuscitado. O ponto de partida na fé dos primeiros cristãos não foi o nascimento, mas a ressurreição de Jesus.

Resumindo: os discípulos, no início, tinham Jesus como o esperado o rei poderoso que instalaria um reino no qual eles já se viam como os privilegiados. Contudo, ele não só morrera como morreu de morte maldita de Deus (Dt 21,22-22). Ante o fracasso de suas ambições, estavam dispostos a abandonar tudo e voltar à própria vida. Mas tiveram a experiência do Ressuscitado (Lc 24,1-33). De imediato se tornaram missionários da grande revelação e não temiam abraçar sofrimentos e morte em favor de tão sublime causa (At 5,41-42).

4 – A partogênese, a citada reprodução assexuada, como se falou acima, continua acontecendo no mundo vegetal e animal; não se trata de absurdo. Os primeiros cristãos se impressionaram mais pelo mistério da ressurreição do que pelo da concepção virginal de Maria. Na morte e ressurreição de Jesus, viram a nova vida a todos os mortais e foi o mistério que logo e mais intensamente passaram a anunciar. O da concepção virginal de Nossa Senhora enfatiza mais o modo como o Espírito Santo revela a origem divina de Jesus.

Não sem razão, a principal solenidade cristã é o Mistério Pascal: Morte e Ressurreição de Jesus. O Natal, bastante celebrado no cristianismo, na verdade está em função do referido mistério pascal. O Senhor recebeu corpo para que um dia pudesse morrer na cruz (Hb 10,5-9). Esta passagem bíblica mostra como os sacrifícios, as imolações que os judeus faziam no templo, principalmente para o perdão dos pecados, seriam substituídos pela verdadeira imolação acolhida pelo Pai: a de Jesus Crucificado.

Então Lucas, insistindo no nascimento virginal de Jesus, deseja revelar que o Mestre é filho de Maria e do Pai Eterno.

CONCEPÇÃO FECUNDA (Lc 1,39-80)

1 – (Lc 1,39-45). A narração da visita de Nossa Senhora a Isabel, contida em Lc 1,39-45 traz riquezas patentes e outras a serem descobertas, assim como vazios questionantes. Um destes: como Maria, ainda adolescente, e não pertencente a si mesma pelo fato de ser “noiva” de José, enfrentaria uns cento e vinte quilômetros, atravessando o hostil terreno dos samaritanos, só para confirmar uma revelação? Poder-se-ia pensar em participar de grupo de peregrinos que ia a Jerusalém. A facilitar a hipótese, é de se ter presente que os parentes moravam em Ain Karem, a uns cinco quilômetros de Jerusalém.

Mereceria especial consideração o “grande grito” espontâneo de Isabel, proclamando bem-aventurados mãe e filho que chegavam. Digna de nota e de comentário seria a presença do Espírito Santo que fez Isabel e João Batista testemunharem Maria, que chegava como santuário de Jesus. Este foi o primeiro sinal do Precursor que um dia proclamaria solenemente Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29).

É de aproveitar a ocasião para revelar: quem passa por verdadeira e profunda experiência religiosa, se torna um apóstolo. Quem está “prenhe de Jesus”, se torna apressado; quer partilhar tão rico tesouro. Esta revelação é própria de Lucas. Depois de falar da anunciação, afirma que Maria partiu “às pressas” para a região montanhosa de Judá. Foi de mãos vazias, não levou presente material algum à futura mãe, a estéril Isabel, e ao filho que nasceria. Mas levou Jesus.

Ainda é de Lucas afirmar que, na noite de Natal, pastores dormiam acampados distantes de Belém. Anjos os despertaram anunciando solenemente o nascimento de Jesus (Lc 2,8-20). De “imediate” eles foram à gruta, não tanto para constatar, mas para partilhar a experiência celestial pela qual haviam passado. Conscientemente ou não, eles se transformaram em apóstolos, em anunciadores. Compreende-se, então, como não era do enviado perder tempo com mesuras, com as infundas saudações que caracterizavam os amigos e conhecidos judeus (Lc 10,4).

2 – O momento pede pausa especial para que se aprecie a arte suprimindo ou auxiliando as palavras. Lucas se serve do paralelismo sinonímico, fazendo com que seu ensinamento mais e melhor se evidencie. Ele permite ao leitor crítico colocar lado a lado, a visita de Nossa Senhora a Isabel e a transladação da Arca da Aliança feita por Davi a Jerusalém (2Sm 6,1ss). As duas passagens se ilustram mutuamente no chamado paralelismo sinonímico:

Arca da Aliança (2Sm 6,1ss)	Maria (Lc 1,39ss)
Davi pôs-se a caminho (v. 2)	Maria pôs-se a caminho (v. 39)
Em direção a Judá (v. 2)	Em direção a Judá (v. 39)
Exultação de Davi diante da Arca (v. 5)	Isabel exulta diante de Maria (v. 42)
Carro novo (v. 3)	Maria virgem (v. 27)
Israel dança diante do Senhor (v. 5)	João “dança” diante do Senhor (v. 44)
Como a Arca do Senhor vem a mim? (v. 9)	Como vem a mim a Mãe do Senhor? (v. 43)
Permanência de três meses (v.11)	Permanência de três meses (v.56)

Lucas, elegante e artisticamente, passa sua profunda mensagem: Maria grávida é a nova e verdadeira Arca da Aliança.

3 - (Lc 1,46-56). As palavras de Isabel devem ter sido bálsamo no coração mariano; não só para ela como também para todos. Ela se dispusera a enfrentar o apedrejamento e mesmo morrer com o nome mal afamado (Dt 22,23-24). Só lhe restou, então, em primeiro lugar, louvar a Deus (Lc 1,46-55). O

canto que possivelmente Lucas viu usado nas celebrações litúrgicas continua sendo assumido pelos devotos de Nossa Senhora. Trata-se de verdadeira colcha de retalhos composta com muitas citações bíblicas. Ela se coloca como carente de Deus que por ele foi acolhida. Falar em “alma” e “espírito” que louva ao Senhor é dizer que o mais profundo do seu ser “o exalta”. Por tamanha elevação, as gerações futuras a felicitarão.

Entre as grandes coisas operadas por Deus em favor da humanidade, a maior está para acontecer: o Salvador estará entre os humanos e em benefício deles. O amor divino é gratuito e misericordioso, parte do profundo de suas entranhas e não conhece interrupção (Lc 1,49-50). O mundo dos prepotentes, dos de coração maldoso começará a ceder lugar ao dos humildes. Os valores materiais, porque supervalorizados, se tornam desvalores, voltarão às suas justas dimensões e aos humildes serão dados os justos direitos e reconhecimentos.

Mais clara e diretamente, a Virgem volta os seus olhos aos mais necessitados. Todos são carentes perante Deus. Mas a injustiça na terra faz com que muitos o sejam até mesmo dos bens mais fundamentais. Os que se locupletam do poder em vantagem própria e os de coração corrompido serão abatidos; os poderosos serão humilhados e os arrasados, exaltados (Lc 1,51-53). O hino mariano evoca 1Sm 2,4-10 e evidencia que os sofridos são a pupila dos olhos de Deus. Propugna-se, portanto, uma revolução radical. A mudança não será, necessariamente, fruto de violência, mas de corações convertidos. A violência sempre gera violência.

O hino mariano se volta ao povo de Israel, não apenas do que era, mas do que simbolizava: o povo de Deus formado de todos os povos como fora previsto na vocação abraâmica (Gn 17,5; Rm 4,11). Surgia um novo povo com portas e corações abertos a todos. Algo novo e concreto começava a surgir, partindo do sim destemido de Maria, que agora volta para casa.

4 – (Lc 1,57-66). A criança se gerada no amor, como deveria acontecer sempre, será portadora de amor, de alegria. Máxime se o casal, já idoso, estivesse ferido pela esterilidade, pela falta de esperança. Daqui a alegria geral com a felicidade de Zacarias e Isabel. E ela seria maior do que se imaginava. A alegria e a felicidade do nascimento da criança do idoso casal foram coroadas pela circuncisão; o neonato passaria a fazer parte oficialmente do povo santo.

Como hoje e mais do que entre nós, a imposição do nome, entre os judeus, é de suma importância. Para eles, o nome não é só para distinguir a pessoa das outras, mas para dizer qual deve ser a missão que exercerá no mundo. Jesus recebeu dois nomes para mostrar o que seria em sua vida: Jesus (Deus salva) e Emanuel (Deus conosco (Mt 1,23-24).

Os parentes e amigos de Zacarias e Isabel queriam que o filho assumisse o nome do pai que significa: Deus se recordou. Os pais, porém, optaram por João, de “Yah” (de Javé, nome divino) e “hanah” (graça), que tem o sentido: Deus foi misericordioso, bondoso. O feliz genitor, que estava temporariamente mudo, pegou uma tabuinha coberta com fina camada de cera. Nela se escrevia e depois, com pano quente se alisava novamente a cobertura que ficava em condições de ser usada novamente. Ele não só escreveu “João” como readquiriu o loquela, podendo, assim, com todos, louvar a Deus e se interrogar qual seria a missão da criança.

5 – (Lc 1,67-80). Apenas podendo falar, repleto do Espírito Santo, Zacarias se transformou em cantor e poeta inspirado.

Olhando o momento que vivia (Lc 1,68-75), o idoso sacerdote bendisse o Senhor por se fazer presente por meio de portentos operados na família através de Maria, e agora com ele mesmo, Isabel e João. Reconheceu que tudo isto era em benefício do povo. De imediato usou três verbos salvíficos bem conhecidos pelos judeus: visitar o povo, redimi-lo e salvá-lo. Encarando o futuro (Lc 1,76-79), ele

vislumbra a missão do filho como preparador para novos tempos, que abrirá o caminho para outras manifestações salvíficas em benefício do povo.

Talvez não claramente, pois o profeta o é mais para os pósteros do que para si mesmo, Zacarias anuncia a redenção trazida por Jesus. Sem discernir em plenitude, ele o “viu” presente no seio de Maria, enquanto que seu filho, também no ventre materno, deu início ao ministério de precursor (Lc 1,44). Bendizendo a Deus, o Santo relembra as promessas feitas a partir de Abraão (Ab 17,3-4), da aliança selada com o povo (Ex 19,3-6) e tantos outros mais (Lc 1,68-75).

A partir de Lc 1,76-79, Zacarias se dirige ao filho com dias de existência. Por experiência própria e de sua esposa, assim como pelo que soubera de Maria, o Santo vislumbra a missão futura de João. Ele seria o preparador para a chegada não só da salvação, mas também do Salvador. Próxima estava a redenção do pecado. Iluminado pelo que lhe dissera Gabriel (Lc 1,14-17), reconhece no filho o arauto do Senhor, o que prepararia o caminho para o esperado Messias, o Cordeiro que cancelaria o pecado do mundo (Jo 1,29). O especial tempo revelador do Deus misericordioso começava a se fazer mais concretamente presente.

Em vista de distinguido ministério de João Batista, ser o último profeta do Antigo Testamento e o primeiro do Novo, Lucas fala do crescimento físico e espiritual do Precursor. Vivia no deserto se preparando para sua árdua missão. Deserto que, nas Escrituras, não é apenas lugar árido para gente forte, mas de luta contra um de seus habitantes, o demônio e lugar da presença de Deus. Nele o Senhor venceu o tentador e teve momentos de profunda comunhão com o Pai (Lc 4,1-13).

Assim, João pode se revelar precursor de Jesus ao povo que o procurava (Lc 1,80).

O ESPERADO COMEÇA A CHEGAR (Lc 2,1-52)

1 – (Lc 2,1-7) O Messias era esperado pelos judeus, mas, como se falou, não chegou apenas em função destes, mas de toda a humanidade. Então, chegada a plenitude do tempo (Gl 4,4), também foi dada aos “pagãos”, conscientemente ou não, a sua colaboração. Ordens vindas da distante Roma fizeram com que Maria e José se deslocassem da ignorada Nazaré e fossem se registrar em Belém; assim se cumpriria a profecia (Mq 5,1-2). Urgia serem lá recenseados. Se a datação deste recenseamento é motivo de muito debate, o mesmo não se dá com o mistério que o Evangelista quer relatar (Lc 2,1-5).

José era descendente de Davi, devia ir de Nazaré a Belém, terra do rei; uns cento e trinta quilômetros distanciavam as duas localidades. O recenseamento imposto pelos romanos não era bem visto pelos judeus (At 5,37) e em si, Maria não precisava ir. Nota-se o interesse do Evangelista em mostrar o casal indo a Belém para que lá se cumprisse a profecia sobre o nascimento do Messias (Mq 5,1-2). Assim o casal, enfrentando viagem que era desafio para todos, se pôs a caminho, máxime tendo presente Maria prestes a dar a luz. E em Belém nasceu o “primogênito” do casal. A afirmação enfatiza os direitos e os deveres da primogenitura e não necessariamente ser o primeiro de outros irmãos (Lc 2,1-7).

É explicável que em Belém não houvesse lugares para acolher José e Maria, dada a agitação do recenseamento; se isto é explicável, em contrapartida, é inconcebível: A virgem estava prestes a dar à luz e, sendo terra natal de José, imagina-se que lá moravam parentes ou amigos. Há de se considerar, ainda, o sagrado dever de hospitalidade dos judeus. Existindo amor, sempre haverá lugar para mais um. Entretanto, Jesus nasceu numa estrebaria e foi acolhido num cocho.

2 – (Lc 2,8-20) Este texto está vinculado ao de Lc 2,1-7, mas existem distinções que merecem reflexões. Ambos se situam na noite de Natal; em Belém, numa estrebaria, está um casal com criança recém-nascida. Nas proximidades da cidadezinha estão pastores acampados; era verão, as chuvas não aconteciam e era necessário procurar o capim seco que ficava cada vez mais distante de Belém. Os pastores, segundo concepção de não poucos judeus, não eram pessoas confiáveis; ao contrário... Tais pessoas que dormiam se viram envolvidas por áurea celestial; diferente do que acontecia na gruta, embora lá estivesse o Filho de Deus. No local onde estavam os pastores, anjos revelam o nascimento do esperado Salvador. Não havia lugar para temores. Foram dados singelos sinais de identificação: nada de glória, mas de pobreza.

É de se destacar: semelhantemente a Maria, como se considerou (Lc 1,39), foram “às pressas” a Belém, pois tinham mensagem celeste a dar. Transformaram-se em missionários e foram à procura da estrebaria.

Um detalhe a ser considerado é que, estranhamente, já havia gente no local. Quem os avisara do nascimento de Jesus? Com isto, Lucas quer revelar as reações das pessoas que apenas se maravilhavam com o acontecimento, enquanto que Maria, antiteticamente, guardava tudo em seu coração.

3 – (Lc 2,21-24) A atenção se abre ao significado do nome “Jesus”, referindo-se a Lc 1,31 (Deus salva). Como que dando menor importância ao rito da circuncisão, ele é apenas acenado. Rito é só rito; não existindo algo no fundo do coração, ele pode se transformar no beijo de Judas. O fundamental é o Deus Salvador (*Yeshua*). E cumpridos os dias da “purificação” (7 + 33 = 40) previstos pela Lei (Lv 12,1-8), Maria pode sair de casa e ir ao templo para a apresentação de Jesus. Segundo Ex 13,11ss, todo primeiro menino ou filhote animal deveria ser imolado a Deus; os seres humanos eram substituídos, resgatados (Ex 13,1-2.12-14; Nm 18,15-18). Mas, no caso de Jesus, ele não foi realmente substituído; no Calvário, em prol da humanidade, houve a imolação aceita e acatada pelo Pai (Lc 23,46). Em Lc 1,24, pela oferta das

pombas ou rolas, fica claro que a Sagrada Família não só era paupérrima, mas era dos chamados pobres de Javé (*anawin*), os que punham toda segurança, toda a vida em Deus.

4 – (Lc 2,25-35) Ao piedoso e fiel ancião Simeão fora revelado que não morreria sem ver a salvação ou o Salvador. Indo ao templo, como sempre, coincidiu encontrar-se com a Sagrada Família. Entre milhares de pessoas, discerniu pelo Espírito Santo que aquele era o momento aprazado. O piedoso ancião, com o Menino nos braços vislumbra longe: louva e agradece a Deus pela concretização da promessa. Sabia que jamais seria iludido; sabia em quem e no que confiava. Partiria em paz e sua visão era descortinada: vislumbrava a salvação universal. O hino de Simeão é carregado de luz, de paz, de amor e esperança.

O que é dito em Lc 2,33 não teria sentido se não lido em esfera transcendental. José e principalmente Maria haviam passado por experiências únicas. Só à luz do sobrenatural é possível explicar o estado de ambos. O ser humano, ao se postar ante o Senhor transformador, se vê levado a esferas que propiciam vislumbrar o amor incomensurável de Deus em prol de cada pessoa.

Se até agora o Santo Casal enxergou neugas da eternidade, em Lc 2,34-35 tomaria consciência de serem peregrinos no reino terrestre em vista do celeste. Simeão abençoou a todos, mas mostrou nuvens sombrias sobre o Menino e sobre a Mãe. Ele seria coerente, o mesmo exigindo dos seus: o sim deveria ser sim e o não, não (Mt 5,37). Isto faria com que lhe preparassem a morte de “maldito de Deus” (Dt 21,22-23). Morte maldita que ele assumiu para trazer a vida para a humanidade, como predisse o Profeta (Is 53,2-12). Com isto, Maria partilharia, não só no Calvário, mas a vida toda, a verdadeira e fiel peregrinação do Filho e dos que ela receberia como tais (Jo 19,26-27).

5 – (Lc 2,36-40). Ao lado do profeta Simeão, surge a profetiza Ana. A dupla é importante nas Escrituras, quer em caso de testemunhas (Dt 19,15), quer no envio ao ministério apostólico. Ana é retratada como pessoa de fé, piedosa e que, no momento, se transformou em profetisa, anunciando o Senhor.

Encerradas as atividades no templo, Jesus, Maria e José regressaram para Nazaré. Lá, tudo era simples e humilde, a começar pela gruta paupérrima onde eles viviam. Mesmo assim, nada dificultava e tudo propiciava para que o Menino crescesse em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e das pessoas. Dessa maneira, Jesus se preparava para, no tempo oportuno, se revelar ao mundo.

6 – (Lc 2,41-52). Depois da construção do templo, os homens judeus deviam peregrinar para Jerusalém três vezes ao ano (Dt 16,16) por ocasião das grandes solenidades: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Aos que moravam distante, a peregrinação seria ao menos anual. É o que faziam, habitualmente, José e Maria. Ao atingir os doze ou treze anos, tal preceito incluía também os jovens. Foi o que aconteceu com Jesus.

A celebração durava a semana toda e Jerusalém, de seus trinta a quarenta mil habitantes, chegava a ultrapassar os cem mil. Além dos peregrinos, não faltavam os vendedores e compradores ambulantes. Chegava a acontecer rapto de crianças feito por beduínos do deserto. Aconteciam inúmeras celebrações fora e no templo, sucessão de sacrifícios e holocaustos além de procissões solenes.

Sem entrar em pormenores historicizantes, o Evangelista fala da constatação da falta que Maria e José deram de Jesus durante a volta a Nazaré. Refere-se, também, ao retorno dos pais a Jerusalém e à procura do filho durante três dias. Lucas está interessado em abordar o que aconteceu no templo: primeiro Jesus se mostra ouvinte, acolhedor da Palavra; a seguir expõe seu espírito de partilha e de inteligência em suas respostas. Isto não foi suficiente para que Maria deixasse de chamar-lhe a atenção pelo que fizera, deixando-a, bem como a José, em profundo estado de dor e angústia.

A mais do que justificada queixa mariana preparou o ambiente para sublime revelação de Jesus. E esta é a primeira vez que o Evangelho apresenta palavras por ele pronunciadas. No momento, o menino usa profundo e desafiador paralelismo antitético: entre as **preocupações** do “teu **pai** e dela” (expressão usada por Maria), Jesus antepõe as **ocupações** dele com seu **Pai**.

Começava a surgir luz, mostrando a Maria e José que Jesus devia, crescentemente, ir deixando-os para abraçar as coisas do Pai Celeste. Possivelmente o paralelismo antitético acima acenado pode ser assim proposto:

Preocupação com as coisas dos **pais terrenos** X **Ocupação** com as coisas do **Pai Celeste**.

Humanamente falando, José e Maria começavam a “perder” Jesus que, em visão de família ampliada, se dedicaria a todos os irmãos do mundo.

Neste contexto surge, como coroa Lc 2,51: de seu lado, Jesus continuava obediente, e Maria, por sua vez, reflexiva como era e como mestra de oração, guardava tudo em seu coração.

E Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens. Assim chegava o tempo em que deixaria a casa familiar para dedicar-se à família do Pai.

ANTES DELE, O ARAUTO (Lc 3,1-38)

1 – (Lc 3,1-6). Ao falar do ministério do Batista como precursor de Jesus, o Evangelista situa o leitor no tempo e no espaço. Afirma que há quinze anos Tibério Cesar era imperador romano, Pilatos, governador da Judeia e Herodes, filho de Herodes Magno, tetrarca. Acena a outras autoridades e, por fim, aos que mais diretamente teriam influxo na vida de Jesus: os sacerdotes Anás e Caifás. Oficialmente, o sumo sacerdote era este, embora manipulado por aquele que era o seu sogro.

Naquele preciso tempo, a palavra divina chegou a João Batista que vivia como anacoreta no deserto, mas como pregador em toda região desértica do rio Jordão; a todos pregava o batismo de conversão para o perdão dos pecados. Ele se inspirava em Ez 36,25-27 e tinha visão de algo especial que estava para chegar. Num primeiro momento acontece a purificação e a partir daí começa a abertura para o Espírito Santo, que seria concedido no devido tempo. Ou mais concretamente, o aspecto escatológico se concretiza na recepção de Cristo que está para ser anunciado (Lc 1,76-77). O dom do Espírito Santo se dará na morte de Jesus ao entregar o Espírito (Jo 19,30).

O batismo de João, na água, está na perspectiva do de Cristo que é no seu sangue (Mc 10,38). Ambos podem ser assim apresentados; o daquele em sua luz e limitação, o deste em sua luz e amplidão:

BATISMO DE JOÃO	BATISMO DE JESUS
João batiza com água (Mt 3,11)	Jesus batiza com seu sangue (Mc 10,38)
João promete o Espírito Santo (Lc 3,16)	Jesus dá o Espírito Santo (Lc 3,16)
João batiza na indignidade (Mt 3,11)	Jesus batiza na plenitude do poder (Jo 4,16-27)

Em Lc 3,4, já considerado (ver: Nada do Nada, 2), Is 40,3 é citado, mas não perfeitamente. O que interessa é que João é apresentado como a voz que proclama que sejam preparados os caminhos no deserto para Deus que passará, não para conduzir os judeus para a reconstrução de Jerusalém, mas dirigindo a humanidade para a pátria celeste. Nos dois versículos seguintes à citação que fez do Profeta, o Evangelista mostra que Jesus conduz não só os judeus, como todos os povos para a verdadeira pátria: toda carne verá a salvação de Deus.

2 - (Lc 7-20). Entre os que procuravam o Batista para ouvi-lo, uns queriam, também, ser por ele batizados. Aos moldes dos pregadores penitenciais, o Santo lhes dirige palavras até rudes (Lc 3,7-14). Deixa a impressão de querer “converter” pelo choque: chama-os de serpentes, epíteto mais adaptado a grande número dos fariseus. Passa a recomendar a conversão interna, que não se firmasse apenas em seguranças externas (serem filhos de Abraão). Que fossem árvores boas a produzirem frutos bons (Mt 3,17-20).

À multidão assustada que fizera perguntas, João dá orientações práticas de amor ao próximo, a começar pela partilha. Entre os ouvintes estavam pessoas preconceituosamente desprezadas pelos fariseus: os publicanos e os soldados. É lhes dito que não se servissem do poder para explorar.

O povo, e não só os interessados em suas pregações, procurava o Precursor, imaginando-o “cristo”. No meio da multidão se interrogava se ele não era o messias (Lc 3,15-18). Ambas as palavras têm o mesmo sentido: ungido, uma vez que, antes de assumir o trono, ungiam e depois coroavam o príncipe que se tornava rei. Os judeus esperavam, então, um monarca como os demais, que dominaria os outros povos tornando-os vassalos (Sl 2,6-9).

Era esta a expectativa dos judeus a respeito de João. Este lhes diz que será substituído por alguém mais forte e que não será digno nem de desamarrar as correias de suas sandálias. Tão esperado personagem batizará com Espírito Santo e com o fogo. O batismo simbolizado pela água que tanto dá vida como mata, fica mais bem explicitado em Lc 3,17, com o exemplo da limpeza da eira. Uma vez debulhado, o trigo e a palha eram jogados para o alto. O vento levava a palha para o lado e ela era queimada (morte).

O trigo, mais pesado, caía sobre o pano que cobria o chão. Este era recolhido, aproveitado (vida). Aos ouvintes ficava clara a ideia de salvação ou condenação batismal, conforme abertura ou fechamento do coração dos batizados.

João ilustrava o povo com exemplo que lhe era corriqueiro. E em sua pregação, não deixava de condenar os desmandos dos grandes.

3 – (Lc 3,21-22). A brevidade da narração do batismo de Jesus não esconde sua amplitude e profundidade. O Mestre se coloca como pecador carente como tantos outros. Revela, assim, sua humanidade e como humano limitado. Todavia, o aspecto humano não oculta sua divindade na narração epifânica: evidencia-se mais a presença de Deus entre nós.

Ante tanta carência e em ambiente de expectativa geral, entre tanto batizados, Jesus se faz um deles, como narrado. A seguir, enquanto orava, o céu se escancara e se faz de modo especial presente: então é de se descobrir a sequência entre o batismo feito por João, sua prisão (Lc 3,20) e o especial momento de prece feita pelo Mestre, quando se deu a revelação epifânica. Com isto se diz que cessava o fecundo ministério do Batista e começava o de Jesus. É no momento da oração e não do batismo que acontece a manifestação celestial. O Jesus que fora concebido pelo Espírito Santo (Lc 1,35), agora é por ele apresentado para que fosse acolhido em sua missão. A forma de pomba “assumida” pela Terceira Pessoa da Trindade é simplesmente para dizer que se trata de Alguém, distinto do Senhor que acabara de ser batizado, e que estará sempre com ele.

O Espírito Santo que inspirou ou iluminou determinadas pessoas em momentos precisos, como foi o caso de Isabel (Lc 1,41), far-se-ia sempre presente na vida de Jesus (Lc 4,18). A voz vinda do céu é para dizer que começava, oficialmente, a missão redentora do Senhor.

4 – (Lc 3,23-38). A genealogia sempre foi altamente considerada entre os judeus. Mateus escreve seu Evangelho aos judeus e faz questão de vincular Jesus a Abraão, pai do povo santo (Mt 1,1-17). Ele o faz artística e teologicamente, vinculando os principais personagens a ponto de formar o número sete, venerado pelos judeus. O objetivo de Lucas, que escreve a leitores vindos do paganismo, mostra o Senhor intimamente ligado a Adão, pai de todos os povos (Lc 3,23-38). Observar que, na genealogia, estão 11 séries e 7 nomes perfazendo um total de 77. Jesus aparece como o primeiro da 12ª semana que se abre para a consumação dos tempos (Lc 3,23-38).

A genealogia não traz os nomes de todos os ancestrais de modo ordenado, e sim conforme o objetivo do escritor, omitindo muitos nomes que deveriam ser completados pelos leitores.

Lucas não deu importância aos números 7 ou 77, por nada significarem aos seus leitores, assim como a ele próprio.

DESERTO: PONTO DE PARTIDA (Lc 4,1-44)

1 – (Lc 4,1-13). Em todas as línguas a palavra deserto indica local árido, perigoso, sem muitas condições de vida. Em tais lugares poucas plantas e animais encontram condições de sobrevivência. Pequenos grupos que nele vivem dependem dos poucos oásis que nem sempre são perenes. Então, as pessoas migram de um para outro lugar.

A Bíblia não ignora o sentido acima acenado, pois a Terra Santa se localiza em região bastante desértica. Além disto, judeus do passado viveram experiência única: eram escravos no Egito e Deus os libertou, levou-os ao deserto e lá fizeram especial aliança. A partir de então, durante quarenta anos, em região tão austera, se sentiram amorosamente acompanhados por Deus que nela operava prodígios: mas também passaram por duras tentações. Então, para a Bíblia, deserto passou tanto a significar lugar de intimidade com Deus como de luta contra o demônio.

Lucas fala dos quarenta dias de Jesus no deserto em comunhão com o Pai, evocando os quarenta anos dos judeus sob a guia de Deus e de Moisés. Na ocasião, o povo sentia a presença de Deus guiando-o e cumulando-o com graças e favores. Mas não faltaram tentações e quedas. Agora, os que abraçam o amor deixado por Cristo são o verdadeiro povo de Deus, simbolizado pelos antigos escravos do Egito. Essa multidão deve caminhar entre tentações e graças, rumo à Pátria celeste.

A iluminar a caminhada de todos os povos, o Mestre é tentado pelo demônio a pensar só em si. Mas Jesus revela que fora enviado pelo Pai para o bem da humanidade; esta deveria ser saciada pelo pão verdadeiramente celestial que era sua mensagem, que era ele mesmo.

Como se fosse o todo poderoso, o tentador promete o império do mundo inteiro ao Mestre, sob a condição de ser adorado. Assim, Jesus não precisaria passar pelo sofrimento da cruz (At 2,30,36). Citando Dt 6,13, professa total fidelidade ao Pai e mostra estar todo voltado à redenção dos irmãos.

Ao mau uso que o demônio faz das Escrituras, citando o Sl 91(90),11-12 em vantagem própria e desafiando ao Pai, Jesus cita corretamente o texto sagrado, como sói acontecer a alguém iluminado pela fé e pela confiança (Ex 17,2). O tentador que, direta ou indiretamente tudo fazia para frustrar o projeto salvador do Senhor, no momento oportuno, isto é, na cruz, enfrentaria todo tipo de desafio (Lv 4,13).

2 – (Lc 4,14-21). Depois da tentação no deserto, o Mestre, que vivera até então na Galileia, ou mais precisamente em Nazaré, aí começará a exercer explicitamente o ministério recebido do Pai. O Espírito Santo, que no batismo repousara sobre ele e o levava ao deserto, agora o ilumina e o impele em sua missão. Na sinagoga da pequenina Nazaré onde vivia, Jesus recebeu o Livro, leu Isaías (Is 61,1; 58,6; 61,6) e afirmou que a profecia estava se cumprindo. Afirma-se o predito missionário do Pai. Para tanto ele fora ungido pelo Espírito Santo. O sinal era: os pobres começavam a ser privilegiados.

3 – (Lc 4,22-30). De início, os concidadãos acolhem as palavras de Jesus. Mas alguns, preconceituosamente, acharam ser impossível um humilde filho de José ter tanta pretensão. Ante a reação gratuita que crescia na comunidade, o Mestre evoca as Escrituras ao citar que “jamais um profeta é bem aceito pelos seus”. Referia-se a Elias (1Rs 17,7-16) e a Eliseu (2Rs 5,1-27) que ante a reação dos judeus se abriram aos necessitados fora de Israel. Os profetas lá puderam operar sinais que não lhes fora dado fazer em Israel.

Os habitantes de Nazaré retratavam visão religiosa utilitarista, interesseira, desprovida de abertura ao bem de todos. Deus não se deixa aprisionar pelos limites estreitos do egoísmo, da egolatria. Jesus se revelava não ser cidadão exclusivo da pequenina Nazaré, nem da visão estreita dos seus habitantes. Ele foi expulso da aldeia, sendo levado a um local alto, donde queriam precipitá-lo. Mas ele seguiu o seu caminho.

4 – (Lc 4,31-37). Saindo da sinagoga, o Senhor se dirigiu a Cafarnaum, cidade de porte razoável. Lá, aos sábados, ensinava na sinagoga. As pessoas ficavam admiradas, pois ele ensinava com autoridade. Não usava o poder que estava nas mãos dos romanos, dos fariseus, do sumo-sacerdote, usado por esses em benefício próprio e não no dos mais necessitados.

Para demonstrar que algo novo estava acontecendo e não tanto para resolver problemas que cabem aos humanos, o Mestre liberta alguém “possuído por demônio impuro”. Incapacitados, então, de diagnosticar distintas doenças, atribuíam-nas a determinados espíritos. Assim, o doente que se envolvia com coisas do cemitério era considerado possuído por “espírito impuro” (Mc 5,12). Ante a cura do enfermo em questão, grande foi o entusiasmo dos presentes na sinagoga.

5 – (Lc 4,38-44). Terminado o culto, possivelmente acompanhado por Pedro, o Mestre foi à casa dele, pois a sogra do apóstolo estava enferma. Atendendo pedidos, o Mestre a cura e esta passa a servi-lo; entretanto, não lhe era dado fazer o que fizera, pois ainda era sábado, uma vez que o sol não se tinha posto, o que marcava o fim do dia. Era contra a Lei o Mestre fazer a cura. Contudo, para o Senhor, o sábado fora feito para o bem do ser humano e não este em função daquele (Mc 2,27).

Com o ocaso, terminara a obrigação do repouso sabático e as pessoas levaram seus doentes a Jesus para que os curasse. O Mestre não permitia que os demônios confessassem ser ele o Filho de Deus: esta missão não seria deles e sim dos que a ele se abrem.

Chegara a hora de todos se recolherem e, repousados, se prepararem para as fainas do dia seguinte. Mas não para Jesus, que se retira para o deserto, lugar que facilita melhor comunhão com o Pai (Lc 4,42-44). Contudo, seus momentos fortes de oração foram interrompidos pela multidão que o queria definitivamente a serviço dela. Jesus mostra que a Palavra deve chegar a todos os corações; não pode estar amarrada ou cerceada (2Tm 2,9).

JESUS ACOLHE DISCÍPULOS (Lc 5,1-44)

1 – (Lc 5,1-11). Jesus, que até então evangelizara sozinho, quis contar com colaboradores; por meio deles daria continuidade à sua obra. Antes de tomar tal decisão, o Senhor se retirou para a solidão do deserto (Lc 4,42) que evoca a intimidade entre Javé e o povo liberto por ocasião da aliança (Ex 19,1-6). Agora, ao escolher os apóstolos, ele está no mar tido como habitação do monstro mitológico Leviatã, representante das forças malévolas contra a harmonia da criação (Is 27,1; Sl 74[73],13-14). Na barca exposta ao monstro, o Senhor chama os primeiros discípulos.

Para ser visto e ouvido pela multidão sem ser por ela comprimido, a poucos metros da margem e precisamente da barca de Pedro, Jesus anunciava a Palavra de Deus; esta, posteriormente, seria difundida pelos seus discípulos. Como pescadores, os apóstolos estavam frustrados; haviam passado a noite pescando sem apanhar peixe algum. Agora, a eles seria dada a missão de serem fecundos anunciadores da Palavra não menos fecunda.

A ordem dada por Jesus de fazer largo e de lançar as redes era, no mínimo, esdrúxula. Não obstante isto e precisamente por isso, Pedro, então chamado de Simão, a acolhe. Afinal, Jesus já dera sinais de deter poderes extraordinários (Lc 4,31-41). Ele acolhe a Palavra como tal e a resposta foi a pesca extraordinária. Neste contexto, pesca, barca, rede e peixes passam a ter sentidos especiais.

A expressão “deixaram tudo e seguiram Jesus” não se refere tanto ao que aconteceu na hora, mas no decurso da vida dos apóstolos.

2 – (Lc 5,12-16). Como que para manifestar o seu poder e também revelar a natureza das doenças espirituais, Jesus cura um leproso. Provavelmente para evitar contágios, a lepra ou sintomas tidos como tais eram considerados como impureza legal e, com isto, a pessoa era segregada da comunidade (Lv 13,45-46). Um destes doentes suplica que Jesus o livre da doença. O Senhor, superando o preconceito legal, revelando o seu poder, toca no doente e, com sua palavra, cura-o, enviando-o ao sacerdote para que testemunhe a cura. Desta maneira, revelava-se, ainda, que o conceito de pureza e impureza do Primeiro Testamento cedia lugar a algo novo. O provisório começava a ceder lugar ao definitivo; nova visão de pureza e impureza substituía a da Antiga Aliança. E, como para confirmar e coroar tudo, o Mestre se colocava como verdadeiro orante acolhendo a palavra do Pai.

3 – Em Lc 5,17-26, curando um paralisado, Jesus se revela ser mais médico da alma do que do corpo. No interior do casebre, provavelmente de Pedro, ele ensinava aos líderes do judaísmo e à multidão que o procuravam. Como tantas outras, umas pessoas que carregavam um doente não tinham condições de se achegarem a ele. Engenhosamente, foram de telhado em telhado, até onde estava o Mestre. Abriam a cobertura da humilde casa e, por meio de improvisado leito, fizeram com que o doente chegasse ao Mestre. Ante comovente demonstração de fé e caridade, Jesus disse ao doente que seus pecados estavam perdoados; afinal este era o objetivo de sua vinda do céu à terra: libertar a humanidade da escravidão satânica.

Provavelmente, os caridosos benfeitores do doente ficaram um tanto decepcionados ante a reação de Jesus. Os doutores da Lei e os fariseus, porém, de pronto, se escandalizaram, pois somente a Deus é dado perdoar os pecados.

Lendo o que passava no interior de seus inimigos que o imaginavam digno de morte (Lv 24,16), Jesus acrescenta um sinal: cura o doente, deixando a eles prova evidente de quem era. Cabia aos seus inimigos concluir sobre o mistério que estava acontecendo.

4 – (Lc 5,27-32). Eram chamados de publicanos os que, em hasta pública, arrematavam o direito de cobrar impostos. Alguns abusavam do direito; outros, pelo simples fato de exercer tal atividade, eram

considerados colaboradores dos romanos e por isto, eram desprezados. Jesus escolhe um destes, Levi, para ser um dos seus apóstolos. Este dá resposta pronta e de plena doação e oferece uma festa ao Mestre. No ambiente de alegria confraternizante e de comunhão, também se fazem presentes os que se julgam parâmetros do mundo: eles são os bons e os outros, os descartáveis.

Na narração do banquete, o Evangelista “retrata” mais o ambiente no qual há os que se confraternizam e os que não o fazem.

Jesus veio para todos; contudo, pode agir como salvador apenas aos que o acolhem como tal. Todos são dele carentes; felizes os que sabem se colocar como tais; serão partícipes do banquete eterno. O Mestre assumiu corpo mortal para vivificar os que se abrem para a vida. Ele não ignora ninguém. Como Bom Pastor, veio para as ovelhas desgarradas que se deixam ser encontradas; quem se julga justo, automaticamente se coloca à margem da salvação. Ele não veio para os justos e sim para os pecadores. E a abertura ao Senhor deve ser constante e crescente.

5 – Lc 5,33-35. Ainda durante o banquete na casa de Levi, os fariseus questionam Jesus pelo fato de seus discípulos não jejuarem como fazem os discípulos de João e os fariseus.

As Escrituras acolhem o jejum como prática ascética válida e importante. Também Jesus o valoriza, mas com reservas, máxime quando não passava de exterioridade, de mero praticismo religioso (Mt 6,16-18). Neste contexto, o Mestre afirma que os seus agora não jejuam, pois o tem entre eles, mas jejuarão no devido momento, quando ele vier a faltar (Lc 5,35). Este versículo é debatido e de difícil compreensão. Diferentemente dos anteriores, não é mais “metáfora de banquete”; trata-se, juntamente com o anterior (v.34), de informação sobre o esposo, Jesus. Ao que parece, ambas as afirmações seriam de origem pós-pascal e mostrariam a necessidade do jejum dada a “ausência” do Senhor que não estaria mais visível no seio da Igreja (Mc 2,19-20).

6 – Lc 5,36-39. Querendo deixar claro que cabia à Primeira Aliança ceder lugar à Nova, Jesus narra duas parábolas. Na primeira (Lc 5,36), afirma que não se remenda roupa velha com retalho novo. No confronto eles se desvalorizam entre si; aquela avilta mais este. O tecido gasto e rasgado desclassifica o remendo, mesmo sendo novo. Além disto, este tecido novo, ao ser lavado, encolhe e rasga mais o velho já desgastado. Com isto se afirma que a Primeira Aliança, que foi sinal em vista da Nova, deve ceder-lhe lugar. A Lei do Amor deve ocupar o lugar da Lei da Pedra.

Algo semelhante é dito em Lc 5,37-38: o vinho novo ainda borbulhante, efervescente, não pode ser colocado em odres de couro de cabra ressequidos pelo tempo. Com a fermentação eles se arreentam e se perde o conteúdo e o recipiente. Em Cristo, o que é velho deve ser substituído pelo novo (2Cor 5,17).

O Senhor parece se contradizer em Lc 5,39 ao afirmar que, quem bebe o vinho velho não aceita o novo por considerá-lo menos bom. Na verdade, o versículo mostra que não era fácil aos judeus deixarem os seus costumes, os seus condicionamentos, ante os novos de Cristo que exigem conversão perene. Achavam, então, o Primeiro Testamento melhor do que o Novo que não se dobra à exterioridade mas exige constante mudança, a começar pela que parte do fundo do coração (Mt 6,1-21).

A SUBLIMIDADE DA NOVA LEI (Lc 6,1-49)

1 – Lc 6,1-11. O sábado que fora feito para o homem, isto é, para que tivesse um mínimo de direito e dignidade (Dt 5,15) é reabilitado por Cristo ao afirmar que ele foi feito para os humanos e não o contrário (Mc 2,27). Um acontecimento aparentemente fútil foi motivo para que Jesus reafirmasse esta tese. Pelo simples fato dos discípulos colherem umas espigas de trigo, debulhá-las e comerem os grãos, tornaram-se escândalo para os fariseus. Para eles, os seguidores de Jesus teriam violado a lei do sábado por “debulhar” trigo no dia de repouso; colher e debulhar uma única espiga ou milhões delas era a mesma coisa. A esta infração se acrescia outra: era vedado colher e comer tal alimento antes da oferta da nova colheita (Lv 23,14). Os fariseus, que vigiavam cada atitude de Jesus e dos seus, questionaram os discípulos do Mestre pela “infração” cometida.

Provavelmente os fariseus questionaram os discípulos, querendo ser ouvidos pelo Mestre; este segue o modo de argumentar dos judeus: responde citando passagem bíblica. O episódio indicado foi o acontecido com Davi que alimentou seus soldados famintos com o pão da proposição que era dado só aos sacerdotes comer (1Sm 21,2-7). Se foi dado ao futuro rei atropelar a Lei em benefício de seus soldados famintos, muito mais pode fazer Jesus em favor dos seus e de todos os seres humanos famintos. Se a Davi foi dado o direito de transgredir a lei em benefício do ser humano, de maior pode dispôr o Filho do Homem de tudo superar quando se trata de beneficiar as criaturas racionais, as prediletas de Deus. Desta maneira, a lei a superar todas as leis é a do amor, retratada pelo Filho que dá a vida pela humanidade (Jo 15,12-13). Ele é o Senhor do sábado que existe em função do bem comum.

Como que para confirmar o que fora feito e dito anteriormente, mais uma vez Jesus viola a férrea lei do sábado para mostrar que acima dela está o ser humano (Lc 6,6-11). Era dado aos judeus curar um doente no sábado somente em questão de vida ou morte e não era este o problema do doente com a mão direita paralisada. Jesus sabia estar sendo vigiado também pelos doutores da lei, os especialistas nos estudos bíblicos, que procuravam ocasião para acusá-lo. O Mestre não pergunta se era ou não lícito curar o doente, mas fazer ou não o bem no dia do repouso sabático. A pergunta era bastante incômoda aos seus inimigos. Para maior incômodo destes, o Senhor fez com que o doente ficasse, destacadamente, no meio da comunidade. O questionamento eliminava respostas abstratas, casuísticas; exigia resposta concreta, de alguém necessitado que estava presente. A pergunta ia mais longe: não fazer o bem exequível, naquele momento, era abraçar o mal. Então, observava-se a Lei, mas ela não era cumprida, não era levada à vivência, à perfeição.

À proposta de amor que é preceito supremo do cristianismo (Jo 15,12-13), o que leva à comunhão e à vivência fraterna, os inimigos do Senhor, sob o manto do legalismo, reagem com o ódio assassino.

2 – Lc 6,12-16. Lucas costuma apresentar o Senhor em longos momentos de oração na montanha ou no deserto, antes de tomar decisões mais importantes. É o que faz, agora, ao escolher os apóstolos. Depois de prolongado e especial momento oracional, já na planície, Jesus escolhe doze apóstolos dentre os discípulos. O número se vincula aos doze patriarcas judeus.

No elenco apostólico, Simão (*Deus ouviu ou acolheu*) ocupa sempre o primeiro lugar e Judas Iscariotes, o último. Em Lucas, aquele recebe, também, o nome Pedro (*pedra*). Vêm em seguida: André (*masculino, viril*), Tiago (ou Jacó: *o que segura o calcanhar*), João (*Deus é favorável*), Filipe (*o que gosta de cavalos*), Bartolomeu (*filho de Talmái*), Mateus (*dom de Deus*), Tomás ou Tomé (*gêmeo*), Tiago (também *gêmeo*), Simão (*o que ouve*), Judas (*o que louva Deus*). Questiona-se se o outro Bartolomeu não é Natanael (*dom de Deus*), o que duvidou de Jesus (Jo,1,45-49).

3 – Lc 6,17-26. Jesus, que passara a noite em oração, na montanha, desce para a planície onde prega as bem-aventuranças. É lá que ele encontra a multidão que o aguardava. Mateus situa essa

pregação na montanha (Mt 5,1-13), pois ele escreve aos judeus e ela evoca o Sinai onde se deu a aliança de Deus com o eles (Ex 19,1-6). O Mestre, agora, se encontra com a multidão faminta da Palavra de Deus. Ele está com os apóstolos, com os discípulos e com a multidão vinda de todas as partes e carente da mensagem divina e de ser atendida por Jesus.

Tendo atendido as necessidades mais imediatas das pessoas que o procuravam, o Senhor passa a falar da chamada Carta Magna do Cristianismo: as bem-aventuranças. Ele proclama bem-aventurados não tanto os que praticam o bem, mas os que se encontram em estado de carência e de abertura a Deus.

Em Mateus as bem-aventuranças são oito, ao passo que em Lucas são quatro, mas acompanhadas como igual número de lamentações ou “ais”. Enquanto no primeiro Evangelho se considera mais as qualidades morais, no terceiro, leva-se em consideração o estado de marginalização do necessitado.

São proclamados felizes os pobres, os famintos, os aflitos, os perseguidos. A todos eles são prometidas consolações. Serão os prediletos do Senhor e Lhe é prometido o Reino; serão saciados, recompensados. Pobres, no sentido grego, são os reduzidos à miséria, explorados, sujeitos à mendicância. São ainda os perseguidos, máxime em vista da fé, como acontecia aos discípulos. Desde já são proclamados felizes por fazerem parte do Reino. O mesmo se diz do faminto, do que não dispõe de nada; é tido como participante da felicidade prometida e em plena realização na eternidade. Esse grupo é acrescido pelos que choram. Ainda no sentido grego, estes fazem parte dos que, no futuro, terão a felicidade garantida. Na plenitude do Reino, a felicidade se plenifica, se perpetua, mostrando que a vida em Cristo tem sentido. A mulher em trabalhos de parto pode ser pálida imagem (Jo 16,21) de sofrimento que produz felicidade. O Profeta anuncia a radical esperança (Is 61,1-9).

Em confronto antitético, surgem os que agora têm de tudo para desfrutar neste mundo, os que colocam a felicidade em bens passageiros. Tudo passará como a fumaça ao vento. Terão como herança lamentações, “ais” sem fim.

4 – Lc 6,27-38. Os dois primeiros mandamentos de Deus que estão em Ex 20,2-6, são tidos como os originais e fundamentais. Deles, e em sua função, estão os outros contidos no Pentateuco ou Torah, os cinco primeiros Livros da Bíblia. A soma de todos os preceitos aí encontrados perfaz um total de 613. Destes, 248 são positivos e 365, negativos. Os judeus explicam estes números dizendo que os primeiros (248) são a soma dos ossos humanos e os outros (365), são a totalidade dos dias do ano. Estes curiosos dados são diferentemente explicados e comentados pelos rabinos.

Dando continuidade ao seu sermão, Jesus passa a falar sobre a grande e suprema lei do cristianismo da qual dependem as demais: a do amor. Trata-se de amor diferenciado e específico por não ser meramente frutivo, mas oblativo como o dele que deu a vida pelos seus (Jo 15,11-12). O Mestre na cruz rogou ao Pai pelos que o crucificaram (Lc 23,34); vai além do que estava preceituado no Primeiro Testamento (Lv 19,18). Não se trata de amor frutivo, mas oblativo, como se afirmou.

De modo geral, o amor frutivo, o de tirar vantagem (não necessariamente explorar) procede de “éros”, donde vem a palavra “erótico”. É amar o que propicia alegria, bem estar, até felicidade. A seguir vem o amor amizade; trata-se da “philia”. Nele há uma espécie de troca, com fruição e doação. Daqui as palavras filantropia, filosofia. Outro passo adiante é o amor no qual se pensa mais no outro. Ele procede do substantivo “ágape”. Esta palavra é bastante usada no Novo Testamento ao se falar do amor cristão, o que leva o amante a propiciar o bem a quem ama. Para traduzir este sentimento, o Novo Testamento usa também a palavra “káris”. Dela se origina o termo “caridade”.

Em seu sermão o Mestre insiste que não se deve amar somente a pessoa simpática, mas também a malfeitora, da qual não se espera nada a não ser maldade. Às maldições se reage com as bênçãos. É de oferecer a face direita a quem bate na esquerda (Is 50,6). O Senhor propõe a reação do sândalo que, ferido pelo machado, reage perfumando-o. Trata-se de reação positiva: reagir ao mal com o bem. A

atitude cristã não se mede com a balança, com o metro, mas com coração generoso; amar a quem ama, toda pessoa sensata é capaz de fazer. É de o verdadeiro discípulo amar também quem o odeia, quem lhe faz o mal. Assim age Deus que manda o sol para todos (Mt 5,45). Como se vê em Lc 6,35, o bem deve ser feito por ser bem e não em vista da recompensa; a prática da virtude deve ser procedência e consequência de ser filho de Deus; este ama todos sem distinção.

O discípulo de Jesus, além de amar pelo fato do coração humano ter sido criado amoroso, deve procurar Deus como causa exemplar, como modelo (Lc 6,36). Ele é misericordioso para com todos (Sl 103[102],8). Jesus, em seu sermão, dá vários conselhos práticos para bem viver em comunidade. Um deles é dos que compravam ou vendiam se servindo de medidas. O recipiente ou medida era enchido pelo produto. Sobre ele se passava uma régua; o que ficava na medida, era do comprador; o que caía fora, do vendedor. A medida de Deus é diferente: ele a enche, soca bem o produto dentro dela e a seguir ainda a deixa transbordante (Lc 6,38).

5 – Lc 6,39-42. A comparação de um cego que guia outro pode ser dirigida aos mestres da Lei não autênticos, como a discípulos que imitavam mais Judas, o traidor, do que o Mestre. O verdadeiro discípulo é o que além de aprender os ensinamentos do mestre, procura imitá-lo em suas virtudes. A correção fraterna é sempre boa; mas é reprovável a hipocrisia, a falta de autenticidade na possível correção.

6 – Lc 6,43-45. Em seu sermão o Mestre vincula a árvore e o fruto como causa e efeito. Com isto ele inculca que a autenticidade da vida religiosa não está no exterior; deve proceder do profundo do ser. As diversas plantas produzem frutos distintos conforme sua natureza; além disto, é de se esperar que cada árvore boa produza frutos bons e que estes proporcionem alegrias. Tanto a planta como o seu produto devem ser sadios. Assim, o ato humano e o coração, diz o Senhor, devem ser bons e correlatos.

Lc 6,46-49. Dando continuidade ao que ensinara antes, Jesus insiste que o ser e o agir devem estar estreitamente vinculados. Pouco adianta proferir palavras boas sem a adesão do coração a Deus. Quando ambos não estão em comunhão, o ser humano está desestruturado. Há esquizofrenia espiritual ou farisaísmo.

Vivendo em terra pedregosa que dificultava a penetração rápida da água, os judeus sabiam o que era uma casa sem alicerces bons e profundos. O aluvião se formava num piscar de olhos e arrostava tudo, a começar pela casa sem bom fundamento. Algo semelhante acontece quando se escuta, mas não se ouve a Palavra Divina, quando ela não é transformada em vida e ação.

Jesus encerra seu sermão praticamente dizendo: agora, a decisão é sua.

AS OBRAS DE JESUS REVELAM-NO PODEROSO ENVIADO (Lc 7,1-49)

1 – Lc 7,1-10. Por meio de seu poder, isto é, de suas obras benfazejas, Jesus vai mais se revelando, assim como a sua missão. Mostra-se sensível a todas as pessoas carentes, necessitadas. Assim, atende ao pedido de um centurião romano, pagão, o que não o impedia de ser bom, de ser acolhido.

Cafarnaum, no norte da Palestina, era cidade de porte razoável, praticamente fronteira com a Fenícia e comportava destacamento romano. O comandante da centúria não podia enviar um escravo-servo doente a Jesus e não o obrigava a ir ao encontro do enfermo, mas roga favor aos judeus para que intercedam. Estes apresentam o centurião como temeroso de Deus e simpático ao judaísmo. Enquanto Jesus se dirigia ao local onde estava o enfermo, chegam mensageiros da parte do oficial romano, desobrigando o Mestre de ir à sua casa; os judeus não entravam em ambientes pagãos (Jo 18,28). O Centurião afirma que não é digno de que Jesus entre em sua casa e que bastaria uma palavra do Mestre em favor do servo. O Senhor não só exalta as palavras do centurião impregnadas de fé e, logicamente o seu agir, como coloca em confronto a fé dos judeus e a do centurião.

2 – Lc 7,11-17. Jesus, que antes vencera a doença, agora revelará seu poder sobre a morte. Nada disto é objetivo último do Senhor; são meros sinais para que ele seja recebido como Redentor. Pela sua morte e ressurreição, vence o pecado e doa a vida eterna que só a ele cabe dar.

O ambiente da narração é doloroso: morte de filho único de viúva. A morte e o sofrimento surgem como vencedores. Sem ser solicitado e em vista do que propiciaria à humanidade, comovido, o Senhor agride o ritualismo judaico: toca no defunto o que lhe acarretaria tornar-se impuro (Nm 19,11-16). Ele viera para deletar não só a impureza legal e o pecado, mas também para vencer a morte, com a Paixão e Ressurreição. À ordem dada, o jovem se levanta e começa falar e é restituído à mãe ante a aclamação do povo.

3 – Lc 7,18-23. Por meio de seus discípulos, o Batista, que estava preso (Lc 3,18-20), soube das obras operadas por Jesus e mandou dois deles interrogá-lo se era ele o esperado, o que ele próprio proclamara (Lc 3,16). O Batista anunciara Messias rigoroso (Mt 3,7-12) e sabe de Jesus misericordioso e acolhedor. Jesus não dá “resposta pronta” aos mensageiros, mas os manda retratar o que haviam presenciado. O Mestre faz com que o Batista evoque o que fora predito do esperado Messias (Is 29,18-19; 35,5-6; 61,1-2). Esta riqueza profética é coroada com o anúncio de Jesus: que o Evangelho é anunciado aos pobres, aos mais carentes e necessitados da manifestação amorosa do Pai. Que João não se scandalize pelo fato de ter anunciado “catástrofes” da parte de Deus e estar acolhendo misericórdia.

4 – Lc 7,24-28. Apenas os mensageiros de João haviam partido, Jesus passa a tecer encômios sobre o Santo Percursor. Com três interrogações, o Mestre enfatiza a grandiosidade do Santo e de sua missão: não era como ramos ou bandeiras que ficam ao sabor do vento, nem pessoa desfibrada. Por isso atraía no deserto multidões famintas da palavra de Deus. Era profeta e mais do que isto: proclamava o bem e denunciava o mal sem reticências ou medo. Como se fosse Elias revivido, anunciava, agora, a chegada do Messias, Jesus. Não tanto em consideração de sua santidade, mas da função que recebeu, anunciar Cristo, ele é tido como o mais importante de todos, tanto que, como mestre, batizou Jesus, o Mestre. Todavia, o “menor no Reino de Deus”, anunciado por Jesus, qualitativamente o supera. A partir do Senhor e de sua mensagem, esse reinado se concretizava.

5 – Lc 7,29-35. Ante o testemunho e a pregação do Batista, o povo e até mesmo os odiados e desprezados cobradores de impostos acolheram a sua mensagem. Todos haviam sido por ele batizados, menos a elite religiosa dos judeus: os fariseus e os doutores da lei. Assim, estes se fecharam ao projeto salvador. Jesus compara os ouvintes em geral, presentes ou não, ao brinquedo das crianças que faziam

gestos enigmáticos ou mímicos a serem adivinhados pelos adversários. Estes, não acertando, cantavam: “tocamos flauta e não dançastes, cantamos canções tristes e não chorastes”. Assim Jesus condenava os que não o acolheram, assim como ao Batista. A ele, por não ser rigorista e acolher os pecadores; e a este, por viver austeramente. Mas a sabedoria santificadora e salvadora de Deus, assim mesmo é revelada a todos por meio de ambos. Muitos entenderam e a acolheram.

6 – Lc 7, 36-50. A narração sobre a pecadora que é acolhida por Jesus apresenta várias dificuldades ou circunstâncias inusitadas. Todavia, ilustra o que foi considerado nos versículos anteriores: a acolhida misericordiosa do Senhor. Se Jesus foi convidado para ceiar com o fariseu, o mesmo não aconteceu com a notória pecadora da cidade, que também se fez presente. O contexto demonstra que ela já se sentia perdoada por Jesus; tanto que leva bálsamo para especial rito de agradecimento. Sem dizer palavra, a então pecadora lavava os pés de Jesus com as lágrimas e os enxugava com os cabelos. A narração parece ser mais do gênero parábólico do que histórico: “Se Jesus não conhece a má fama da mulher por ele não ser do local, sendo profeta deveria saber quem o toca e não permitir que o faça”. Sem condenar explicitamente Simão, conta-lhe uma parábola para levá-lo à reflexão: todos, quem mais, quem menos, são carentes de salvação. No caso, tanto a pecadora como ele, e todos os que ele representa. Quem mais foi perdoado tem o direito de manifestar maior alegria. A mulher está fazendo o que cabia também a Simão fazer. Em primeiro lugar, saber-se pecador; a seguir manifestar sua alegria por ser acolhido pelo Senhor e, ao final de tudo, deixar de condenar a pecadora, mas se alegrar com ela. Que aprendesse a lição que a mulher, silenciosamente, lhe estava dando: que aprendesse a amar e a celebrar o perdão. É de todos reconhecerem que alguém é especial pelo fato de perdoar os pecados: Jesus, o Filho de Deus.

JESUS ACOLHENDO, EVANGELIZANDO E SE REVELANDO (Lc 8,1-56)

1 – Lc 8,1-3. Como missionário itinerante, Jesus não para. Contudo, ele não vai simplesmente de um para outro lugar, mas de um estado inferior ao superior. Ninguém vai ao Pai a não ser por ele (Jo 14,6) que é o caminho, a verdade e a vida. O Senhor ia de cidade em cidade e os Doze com ele. Além disto, contrariando o modo de ser dos judeus, ele, na caminhada qualitativa, acolhe mulheres como discípulas, o que era intolerável para o pensamento judaico em geral, de modo especial para a cúpula religiosa (Jo 8,1-3). Maria Madalena, de Mágdala, encabeça o grupo de mulheres. Bastante doente foi curada por Jesus. As doenças ordinariamente eram atribuídas aos espíritos maus. Pessoa surda e “muda” (a mudez é originária da surdez) era tida como possuída por “espíritos surdos-mudos” (Mc 9,14-29). O número sete indica plenitude, grande multidão. Maria Madalena se tornou testemunha da morte (Mt 27,55-56) e da ressurreição de Jesus (Lc 24,1-10). Destacava-se na comunidade cristã.

2 – Lc 8,4-8. Ao menos grande parte dos ouvintes de Jesus estava ligada diretamente à agricultura e o restante tinha contato bem próximo com ela. Ele se servia deste dado concreto e bem conhecido para ilustrar seus ensinamentos por meio de parábolas. Todos sabiam que o chão da Palestina é árido, pedregoso, dominado por espinheiros, portanto, nada receptivo à semente. Para agravar, os judeus eram carentes de ferro, então, os instrumentos usados no campo eram precários. Portanto, era mínimo o número do grão que chegava a se transformar em planta. Segundo uma parábola, pequena parte caiu em terreno bom e deu fruto cem por um. O exemplo de cem por um, em si é inexequível; é hiperbólico, mas válido para ilustrar a riqueza do ouvir e acolher a Palavra de Deus. Isto explica a “fala” de Jesus no imperfeito: “exclamava” (*efonei*). Insistindo: é de se ouvir e acolher zelosamente a Palavra que é proclamada a todos das mais variegadas maneiras.

3 – Jo 8,9-15. Como que para atender de imediato a ordem de ouvir e acolher a palavra que é lançada nos corações como a semente na terra (Jo 8,4-8), os discípulos pediram ao Senhor que interpretasse a parábola que contara. Inicialmente Jesus lhes mostra por meio de parábolas que o conhecimento dos segredos do Reino é oferecido a todos. Contudo, neste caso, sua resposta, embora pareça excluir muitas pessoas, é uma expressão idiomática que indica muitos ouvintes refratários à palavra de Deus. Mais concretamente: a expressão “os outros” usada pelo Senhor, refere-se aos judeus que se consideravam “os eleitos”, os que não se misturavam com os taxados de pecadores. A salvação de Cristo continua aberta a eles, mas lhes caberá se abrirem a ela. Por isso o texto de Lc 8,10 evita a dura citação de Is 6,9, por sinal, citada em Mc 4,10-12. Então, a Palavra de Deus não se impõe; ela é amorosamente proposta e espera resposta. Explicando cada lance da parábola, o Senhor mostra como a oferta da salvação continua aberta a todos, esperando ser devidamente acolhida. O acolhimento, porém, depende do receptor que, como os diversos tipos de terrenos, acolhem ou não a semente semeada. O objetivo de Jesus é que todos a acolham bem.

4 – Lc 8,16-18. Embora distinto, o novo assunto abordado pelo Senhor está conectado com o anterior. Conforme a semente é lançada no terreno (Lc 8,4-8), assim a luz oriunda da chama tremulante da lamparina, colocada destacadamente, iluminará os que chegam em casa. A iluminação não deixará de clarear também os corações dos moradores que, de per si, serão reflexo de tão sublime iluminação. Desta maneira, a mensagem celeste se torna mais conhecida e vivida. A Palavra que ilumina por si mesmo ficará mais clara por reverberar na vivência dos discípulos. Quem vivencia a Palavra, mais nela crescerá; de quem apenas imagina estar vivendo-a até isso será tirado.

5 – Lc 8,19-21. A narração dos parentes de Jesus que o procuram é bem sucinta e pode ser completada pelo texto de Mc 3,31-35. Jesus está provavelmente no casebre de Pedro, sem condições de

acolher mais alguém, pois a multidão comprimida o rodeava. Sem acesso a ele, chegam sua Mãe e seus irmãos que não têm condições de abrir caminho entre tantas pessoas. A palavra hebraica “*ah*” e aramaica “*aha*” significam “irmão”, mas envolvem vários graus de parentesco e até pessoas pertencentes ao mesmo clã, à mesma tribo. Não se trata de pobreza da língua, mas interesse em manter as pessoas mais vinculadas e próximas entre si, quer para auxílio mútuo, quer para estreitar os vínculos; tios, sobrinhos, primos eram chamados de irmãos (Tb 8,4).

Avisaram ao Mestre que os familiares estavam fora e queriam vê-lo. A expressão “do lado de fora” ou “do lado de dentro” tem sentido de inclusão ou de exclusão do Reino (Mt 25,1-30). Estar do “lado de fora” poderia indicar que Nossa Senhora não fazia parte dele. A ele pertence quem realmente crê. Entretanto, a Virgem se colocara serva, pronta a acatar os apelos celestes, em circunstâncias delicadíssimas (Lc 1,38), mesmo correndo a probabilidade de morrer apedrejada (Dt 22,23-24). Jesus se serve da ocasião, agora, para revelar um novo conceito de família, sem excluir o tradicional: pertencem àquele não os que trazem vínculos de sangue, de parentesco, mas os que ouvem e acatam a Palavra de Deus. Maria foi então, proclamada bendita pelo Espírito Santo, por ter acolhido a vontade celeste (Lc 1,45). Assim sendo, faz parte duplamente da família de Deus: por crer e por ser mãe de Jesus.

6 – Lc 8,22-25. O lago de Tiberíades pertence à região mais profunda da terra; atinge os 400 metros abaixo do nível do mar; ali são frequentes tempestades fortes e inesperadas. É compreensível a preocupação dos discípulos em barco frágil, à mercê das ondas e com Jesus dormindo. Na cultura de então, acreditava-se que na profundidade das águas morava o monstro Leviatã ou Raab que se opunha ao Criador do mundo (Is 25,1. Jó 26,12; Sl 74[73],13-14). Ante tudo, para desespero dos apóstolos, Jesus dormia. Eles o despertam, questionando-o. Sem pormenores, o Senhor acalma as águas e questiona a fé dos seus que, logicamente, levantam interrogações sobre a natureza dele. Seguramente se recordaram do Sl 107(106),23-29.

7 – Lc 8,26-39. Jesus, que operara tantos sinais na Terra Santa, também no mar, tido como moradia do Leviatã, agora o enfrenta em “terras pagãs”. Assim, encontrou-se com um homem que estaria “possuído por legião de demônios” e morava no cemitério. Para os judeus, este era um lugar impuro. O doente, então, era considerado moradia de espíritos maus.

Pormenores da narração mostram que a luta contra o mal, no paganismo, não seria menor nem mais fácil do que no judaísmo: o doente fala com voz forte e desafiadora, as correntes e algemas nada significam para ele, cai ante o Mestre e não se prostra: seu nome era Legião. A posse do nome ilustra que, mesmo sendo difícil a luta contra o mal no paganismo, a vitória estava nas mãos do Senhor. Por isso a Legião pede a Jesus: não ser enviada para o abismo, a moradia satânica e sim à manada de porcos que lá pastavam. Estes animais eram considerados impuros pelos judeus (Lv 11,1-9); ironicamente, quando a Legião se precipitou na água, é dito que nem os porcos a suportaram. Mas interessa dizer que o doente ficou livre e quem morreu foram os animais; o mal, entretanto, continua na face da terra e deve ser debelado. Esta missão é confiada aos discípulos do Senhor. Assustados, os pastores dos animais fugiram e noticiaram o acontecido às pessoas da cidade que, lamentável e significativamente, em lugar de acolher o sinal deixado, pediram a retirada do Mestre. O então doente, por sua vez pediu para ficar com Jesus. Mas é do vocacionado ser chamado e não tomar a iniciativa de seguir Jesus. Assim mesmo cabia a ele, entre os seus, ser testemunha eloquente do Mestre e de sua missão.

8 – Lc 8,40-56. Depois da proeza em terra pagã, o Mestre volta para Israel, dando continuidade à sua missão. A notícia do retorno deve ter se difundido como rastilho de pólvora. Destacadamente se apresenta Jairo, responsável pela sinagoga; suplica ao Mestre ser atendido: a filha, com doze anos de idade, agonizava.

Inesperadamente, entra em cena uma senhora que sofria de hemorragia há doze anos e ninguém conseguira curá-la. Nada pediu; apenas tocou leve e imperceptivelmente as rituais franjas do manto de Jesus, que os judeus costumavam usar (Nm 15,38; Dt 22,12). Ela, impura, não queria, pelo toque direto, macular o Senhor (Lv 15,19-32). O questionamento de Jesus, querendo saber quem o tocara, intrigou Pedro, pois ele estava sendo premido pela multidão. Jesus revela que se tratou de toque diferente, impregnado pela fé, pela confiança; tanto que algo saiu dele. Tremendo, a mulher confessa que fora ela e o que ficara curada. Ante a comoção de todos, Jesus envia em paz a pobre e agradecida senhora.

A narração da cura da mulher que sofria de hemorragia foi para dar tempo para a chegada da notícia da morte da filha de Jairo? É possível. Ou teria acontecido a cura para elevar o ânimo e a esperança do chefe da sinagoga? O texto de Lucas apresenta o Senhor encorajando o desditoso pai e lhe prometendo cura à filha. Na casa só entraram Jesus, os pais e três testemunhas: Pedro, João e Tiago. Jesus, pediu que não chorassem, pois a menina dormia. Os presentes não deixaram de ridicularizar o Senhor que, seguro de si, toma a menina pela mão e chama em hebraico: *“talithá kum”* (jovem, levante-te). E seu espírito ou a sua alma retornou, evocando a ação de Elias ao ressuscitar o filho da viúva (1Rs 17,21). Ordenou, em seguida, que fosse dado de comer à menina. Ante a estupefação dos pais, Jesus lhe disse que nada dissessem a alguém. Trata-se do chamado segredo messiânico, pois milagre algum converte quem quer que seja se não houver abertura de coração. A melhor compreensão das ações de Jesus terá seu fundamento da partir de sua Morte e Ressurreição. A visão do coração supera a dos sentidos e da própria inteligência.

JESUS REVELA QUEM É E ENVIA OS DISCÍPULOS (Lc 9,1-62)

1 – Lc 9,1-6. Entre tantos seguidores e seguidoras, Jesus escolhe doze que terão atividade distinguida na continuidade de sua missão de Redentor. Ele convoca os doze e lhes confere poderes especiais. Trata-se de convocação em vista da definitiva (Mt 28,16-20). A missão específica deles é anunciar o Reino, curar os doentes e ter poder e autoridade sobre os demônios. Diferenciando-se de pregadores ambulantes que se apresentavam na ostentação, na avidez, os discípulos do Mestre optaram por radical desapego, privando-se até de bastões de autodefesa, de apoio, confiando na esmola, não tendo bolsas para reservas. Sendo radicalmente pobres, eram ricos portadores da paz. Em caso de fechamento à mensagem salvadora, que sacudissem o pó da terra para que lá ficasse a rejeição à Palavra. Com estas recomendações, os discípulos partiram em nome do Senhor operando portentos e anunciando a Boa Nova (Lc 9,1-6).

2 – Lc 9,7-9. Pelo que ele era, pelo que dizia e pelo que fazia, cada vez mais o nome de Jesus se difundia. Uns achavam que era João Batista que Herodes mandara matar (Mt 14,1-12) e que ressuscitara. Outros, que era Elias que o povo aguardava quando do início da instalação do Reino de Deus (Mt 17,23-24) ou então alguns dos profetas ressuscitados. Herodes queria ver Jesus. Isto lhe foi dado só mais tarde e o encontro foi inútil, pois ele não o queria como Redentor e sim, como um “bobo da corte”. Não mereceu ouvir sequer uma palavra do Mestre (Lc 23,6-9).

3 – Lc 9,10-17. Os apóstolos que voltaram do ministério que lhes fora atribuído (Lc 9,6), tinham muito a relatar, mas o Senhor os levou para lugar retirado para o repouso e momentos mais íntimos de oração. Contudo, a multidão faminta de acolhida e atenção procurou o grupo e o encontrou. Tem lugar a narração da Multiplicação dos Pães. Ela se faz presente nos quatro Evangelhos, sendo que Mateus e Marcos a trazem duas vezes (Mt 14,15-21; 15,32-38; Mc 6,34-44; 8,1-10; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15). Isto significa que ela foi marcante na vida dos primeiros cristãos. Ao cair da tarde os doze se preocuparam com a multidão que, pendente da fala do Senhor, não dera pelo dia que terminava; e alertaram-no: que a dispensasse para providenciar alimento e abrigo.

Jesus mostra aos seus que cabia-lhes começar a assumir as responsabilidades embora tivessem apenas cinco pães e dois peixes. O alimento era exíguo, mas com pouco dele nas mãos, mas muito amor nos corações, cada qual receberia um pouco e a fome seria saciada. Ao contrário, tendo-se comida em abundância, mas espírito egoísta, haverá muita fome.

Era impossível encontrar, comprar, transportar e distribuir comida para tanta gente. Se a solução era difícil, não para o Mestre. Com ajuda dos apóstolos, fez com que todas as pessoas se acomodassem. Mesmo com muita gente para ser servida e pouco alimento para servir, Jesus rendeu graças ao Pai e **dava** (no imperfeito = ação continuada), e a comida não faltava. Todos se saciaram e sobrou grande quantidade.

4 – Lc 9,18-27. É próprio de Lucas apresentar Jesus orando em lugar retirado; para melhor servir os irmãos ele procurava alimentar-se com a Palavra Divina, sincronizando o próprio coração com o do Pai para melhor servir aos irmãos. A oração deve levar a algo prático, bom. Então o Mestre pergunta aos discípulos o que o povo pensava dele, de sua atividade. Este confundia o Senhor com os servos, o anunciado com os anunciadores. Ante tal fracasso, Jesus questiona os discípulos. Pedro prontamente responde por todos: “o Cristo, o Messias de Deus”.

A resposta é parcialmente correta e carece de elucidação. Os judeus esperavam um rei forte e poderoso que libertaria os judeus de dominações estrangeiras. Mas, além deste sonho honesto, afirmavam que ele não só os libertaria como submeteria os outros povos ao domínio judaico (Sl 2,6-9). Os

príncipes judeus ao serem coroados reis eram ungidos (daqui a palavras “cristo” ou “messias”). Era precisamente isto que passava na cabeça dos apóstolos: Jesus seria rei e eles ocupariam os melhores postos no reino. Tanto que já discutiam entre si quem seria o maior (Mc 9,33-34); os primeiros lugares eram disputados (Mc 10,35-37).

A resposta de Pedro era parcialmente correta; o Reino de Jesus não era triunfalista como imaginava. Os apóstolos o compreenderiam em profundidade só depois do mistério pascal. Daqui a proibição dada pelo Mestre de divulgarem suas opiniões. Para decepção e incompreensão dos apóstolos, ele passa a anunciar a Paixão. Este projeto de morte maldita de Deus (Dt 21-22-23) foi livremente assumido pelo Divino Cordeiro antes da constituição do mundo (Ap 5,1-14). Mas o Senhor ressuscitaria e na ressurreição dele está a da humanidade. E é dos discípulos assumirem tal sofrimento e morte redentores.

Ao verdadeiro discípulo, Jesus impõe seguimento permanente, abraçar quotidianamente a cruz redentora, renegar-se a si mesmo, destruir o egoísmo e, para ter a vida dada por Jesus, se necessário arriscar a própria. Por mais precioso que seja o dom da vida terrena, de nada adiantaria tê-lo e perder o da vida eterna. Envergonhar-se ou amedrontar-se de ser verdadeiro discípulo do Senhor nesta vida, equivale a ter o Senhor envergonhado do discípulo infiel na eternidade. Resumindo: não é de se perder o eterno e definitivo pela transitoriedade do mundo. Alguns dos presentes que ouvem o Senhor terão a felicidade de ver a igreja se difundindo pelo mundo todo.

5 – Lc 9,28-36. O mistério da Transfiguração é ponto alto na vida de Jesus. No batismo, ao iniciar sua Vida Apostólica, Jesus foi apresentado como Filho de Deus (Lc 3,22). Agora, dirigindo-se ao Calvário, do céu vem apresentação (Lc 9,35). A narração da Transfiguração não é “foto” de um acontecimento. Mas pela importância dada pelos Evangelistas se compreende que ela é especial experiência mística vivida pelos três apóstolos e que depois ela foi enriquecida com pormenores carregados de significados.

Oito dias depois de ter anunciado a Paixão aos discípulos (Lc 9, 28-27), Jesus tomou Pedro, João e Tiago e subiram ao monte. Pela altura, as montanhas eram tidas como o lugar mais próximo de Deus. Jesus sempre se retirava numa delas ou no deserto em seus momentos distinguidos de oração. O Senhor estava transformado, com as roupas alvejadas e brilhantes quando aparecem Moisés representando a Lei e Elias, os profetas. Eram as Escrituras que se faziam presentes, confirmando o Mestre e sua missão. Os três apóstolos, ignaros e alienados, dormiam. Jesus e seus interlocutores conversavam sobre o “êxodo”, isto é, a libertação da humanidade, figurada na saída dos judeus da escravidão no Egito (Sb 7,6; 2Pd 1,15). De modo especial, dialogavam sobre a morte de Jesus que aconteceria em Jerusalém. Os três apóstolos, ignaros e alienados, estavam distante de compreender e aceitar tão duro mistério salvífico. Acordando e vendo a glória dos três, Pedro, em nome dos dois colegas, propõe lá construir tendas: para o Senhor e para os dois patriarcas. Assim, o trio de apóstolos viveria vida religiosa frutiva, enganadora e distante da realidade, do mundo, do próximo.

Mas havia uma nuvem envolvendo Jesus e os dois patriarcas. Não das formadas por minúsculas partículas de água que pairam no céu, mas das que revelam especial presença de Deus. Para os judeus peregrinos no deserto, a nuvem, juntamente com a coluna de fogo, mostrava que Javé estava presente, guiando-os. Mas ao mesmo tempo ela o ocultava dos olhos profanos (Ex 13,21-22). É compreensível, então, o temor dos apóstolos ao se verem envolvidos por ela, pois do seu interior saem as palavras proferidas no batismo de Jesus; desta vez, porém, elas se dirigem aos três apóstolos: que acolhessem as palavras do Escolhido.

É interessante o confronto entre os dois acontecimentos;

LC 3,22	LC 9,35
E do céu veio uma voz que dizia.	E da nuvem veio uma voz que dizia.
És meu Filho amado. Em ti encontro meu Agrado.	Este é meu Filho, o Escolhido. Escutem o que diz.

Ante tal manifestação, os três discípulos ficaram calados até quando, iluminados pela luz pascal, tiveram condições de testemunhar enriquecidamente o mistério que viveram.

6 – Lc 9,37-45. Descendo da montanha, Jesus e os três apóstolos deixaram o clima excepcional vivido, para enfrentar a luta de cada dia: um homem da multidão que aguardava, gritou a Jesus pedindo a libertação do filho único que estaria sendo fustigado por um demônio. Os outros discípulos nada haviam podido fazer em favor do jovem epilético.

Ao se afirmar que Jesus e os seus desceram da montanha, é evocado o que aconteceu depois do célebre sermão (Lc 5,15-16): deixa-se o “mundo celeste” para enfrentar o terrestre com tantos problemas a serem superados, mas na perspectiva da eternidade. E o primeiro deles é o caso de um pai desesperado com filho epilético (Lc 9,37-45). Jesus “transfigurado” deve enfrentar o caso de um jovem “desfigurado” pela doença. Mesmo trazendo o “perfume celeste” da transfiguração, Jesus não se isolou da realidade terrena com seus problemas até humilhantes; ao contrário, abraçou a causa do pai de família. Os sintomas do filho são os de um epilético, doença, então, atribuída aos espíritos maus. Os discípulos nada puderam fazer. Jesus lamenta porque a situação religiosa atual era igual à dos judeus no deserto, quando o povo voltara as costas ao Deus libertador (Dt 32,5). Assim mesmo, ele será sempre bom e misericordioso. E ao ser acolhido por Jesus, o doente teve crise epilética. Bastou a palavra do Mestre para que o pai pudesse receber o filho curado e Deus fosse louvado.

O chamado milagre pode desviar a atenção do leitor hodierno. Foi esta a reação do povo presente, que ficou “admirado” com o que acontecera. Jesus, porém, volta sua atenção aos discípulos: que se detivessem no fato do “Filho do Homem que seria entregue nas mãos humanas”. Era necessário descobrir no Crucificado o amor por ele revelado e que cura os verdadeiros males do mundo. E cabe aos discípulos do Senhor serem arautos de tão sublime missão, que deve ser compreendida por todos. Tal incompreensão não acontece tanto pela mente como pelo coração. Os discípulos de então, após o Calvário, deram verdadeiro salto qualitativo na compreensão dos mistérios: em lugar de seus interesses pessoais, passaram a se abrir aos irmãos e à causa de Deus. Por isso Jesus curou o jovem doente.

De início, os discípulos o seguiam porque nele viam a consecução de grandes interesses pessoais (Mc 9,33-35). Porém, seguir um “maldito de Deus” (Dt 21-22-23) era loucura. Isto ainda lhes obnubilava a verdadeira compreensão emanada do Crucificado.

7 – Lc 9,46-50. Não era fácil ser simples trabalhador e viver na terra pouco dadivosa de Israel. Os doze, os mais próximos do Senhor, ante a aceitação que o povo fazia dele como o esperado “cristo” ou “messias”, o esperado rei dos judeus, não deram a mínima ao que Jesus falara sobre a morte próxima em Jerusalém (Lc 9, 22-24.44-45). Ao contrário, ambicionavam e até disputavam entre si quem, dentre eles seria o maior no reino. Para mais impressioná-los, o Mestre acolheu uma criança no colo, apresentando-a como modelo de simplicidade e acolhida. Mostrou, ainda, que no seio da comunidade ocupa lugar mais destacado quem é servidor.

Para afastar tema pouco agradável e como porta-voz dos doze, João mostrou que o grupo proibiu alguém de expulsar demônios ou curar em nome de Jesus. Este se revela contra qualquer discriminação, máxime no caso de se fazer o bem a alguém. E sentencia: “quem não está contra, é a favor”.

8 – Lc 9,51-56. O momento é marcante na História da Salvação: Paixão, Morte, Ressurreição e Glorificação de Jesus. O Evangelista dá alguns dados: chegara o tempo do Senhor assumir o Mistério

Pascal; então o Mestre tomou firme decisão de partir para Jerusalém. Se é difícil estatuir o traçado geográfico da caminhada, sabe-se ele se sentia atraído por Jerusalém como se fora centro gravitacional. Jesus decidiu (*estérisen* = fazer cara dura, fazer firme opção) ir para a imolação na cruz. O ódio entre judeus e samaritanos é milenar e se desconhece a causa. Então, estes não acolheram bem a passagem do Mestre e discípulos que atravessariam seu território a caminho de Jerusalém. A reação dos dois irmãos João e Tiago, foi que se pedisse a destruição dos maus hospedeiros. Jesus, que ia ao sacrifício da cruz para que com seu sangue os muros de separação entre os povos fossem derrubados (Ef 2,13-14), reprovou decisão indigna de todo discípulo.

9 – Lc 9,57-62. Caminhando rumo à cruz em Jerusalém, o Mestre se depara com admiradores que se predispunham a segui-lo como discípulos. Ele recusa a todos, pois caberia a ele tomar a iniciativa de chamar. Jesus, que não tinha uma pedra onde reclinar a cabeça, exige do discípulo se despir de tudo para seguir integralmente quem o chamou. Segui-lo não é só ir com ele de um a outro lugar, mas progredir de um estado de menor para maior perfeição, de menor para maior espírito de diaconia. Quem foi chamado por Jesus deve atender pronta e plenamente. A radicalidade é ilustrada com o exemplo de não se envolver nem mesmo com algo sagrado, como sepultar antes o pai. Com o exemplo se diz que quem chama e quem é chamado devem ser exigentes e prontos, respectivamente, superando o profeta Elias que foi mais condescendente com Eliseu, que foi menos pronto. O anúncio da Palavra não pode sofrer retardos (1Rs 19,19-21). Com palavras radicais, Jesus quer apenas ilustrar a necessidade do Reino e a prontidão em se atender o chamamento de Deus.

EVANGELHO, EVANGELIZADORES E ACATAMENTO A PALAVRA (Lc 10,1-42)

1 – Lc 10,1-16. Ainda a caminho para Jerusalém, depois de ter atendido vocacionados ao ministério apostólico (Lc 9,57-62), Jesus enviou setenta e dois discípulos que o antecedessem por onde ele passaria. Iam em duplas pois seriam testemunhas da mensagem anunciada (Dt 19,15). O Reino de Deus terreno é comparado a uma seara que precisa de muitos trabalhadores. Estes, além do próprio trabalho, precisam da assistência divina. É deles, além de trabalhar com as mãos, rogar ao dono para que envie operários bons e zelosos. Os enviados não devem esperar recepção festiva; ao contrário, resistência e perseguição. Jamais deveriam colocar a segurança em recursos humanos, pessoais. Terão presente que todo missionário impregnado pelo céu, se torna apressado em levar aos outros a mensagem, a riqueza da revelação. Assim Maria, enriquecida pelo Filho que tinha no seio, tornou-se apressada (Lc 1,39), como apressados ficaram os pastores em levar aos outros o que receberam do céu (Lc 2,15-16). Então, os missionários não podem gastar tempo em medidas e conversas fúteis pelo caminho.

O missionário, porém, por mais que tenha abraçado a pobreza, não irá de mãos vazias: será portador da paz que não é apenas ausência de guerra, de ódio, mas a posse de todos os bens messiânicos (Is 52,7). Assim fez Jesus ao visitar o desprezado Zaqueu (Lc 19,1-10). Pelo fato de ser portador da paz e anunciador da salvação, o missionário ao ser hospedado não é desfrutador. Ao serem acolhidos em alguma cidade, os discípulos podem comer e beber o que for servido, sem preocupações judaicas de alimentos puros e impuros (Lv 11,4-47). Esta distinção fora abolida pelo Senhor (1Cor 10,25-27); que os discípulos não se preocupassem com as leis do Primeiro Testamento que haviam tido seus valores. Agora, que fizessem o bem e anunciassem o Reino. Não havendo receptividade, que sacudissem toda poeira do local, manifestando assim, a não responsabilidade com a recusa. As depravadas Sodoma e Gomorra terão mais sorte do que tais cidades, no juízo; aquelas não haviam tido a oportunidade que estava sendo dada agora às cidades evangelizadas.

Jesus confronta cidades judias que foram evangelizadas por ele e não se converteram, com as que não passaram por tão rica experiência. Estas, caso recebessem tantas oportunidades, teriam se convertido. Então, as cidades mais agraciadas que não corresponderam à graça dada serão tratadas com maior rigor.

Acolher a mensagem salvífica vinda por meio dos pregadores é o mesmo que se abrir à pregação de Jesus.

2 - Lc 10,17-20. Terminada a missão, na medida em que regressavam, felizes, os discípulos confessavam que, em nome do Senhor, até demônios obedeciam. Mais especificamente, o mal cedia lugar ao bem. É de se insistir: o vitorioso era o Senhor e os beneficiados, os humanos. Jesus proclama que se tratava da luta contra quem era celestial, mas que do céu lá fora precipitado (Jó 1,6-12; 2,1-7). O tentador começava a ter limitados os seus poderes. Era o Lúcifer, anjo luminoso e distinguido, o Dragão que, dadas suas pretensões maléficas, fora precipitado do alto (Ap 12,1-12). Tudo à luz de Is 14,12. Satanás seria vencido no Calvário; contudo, a luta continuaria até a derrota final. O caminhar sobre cobras e escorpiões mostra a luta sofrida, mas vitoriosa contra o mal. Mais do que se alegrarem pela vitória, os discípulos, lutadores de batalhas nada fáceis, deverão exultar por se saberem cidadãos do céu. Esta promessa de Jesus a explica o que é dito em Lc 10,17.

3 – Lc 10,21-24. Como que contagiado pela alegria dos discípulos, Jesus se deixou enlevar pelo Espírito Santo. Em tal enlevo, passou a louvar e agradecer ao Pai em profundo momento oracional. Trata-se da revelação aos pobres, aos humildes e aos fracos sobre os mistérios sublimes de Jesus, e não somente aos grandes investigadores, aos iluminados, como se pensava. O texto de Lc 18,9-14 ilustra o que está sendo dito. Deus acolhe os rejeitados. No contexto, sobressaem os mensageiros da Palavra.

Consequência de sua oração, Jesus se revela o mediador entre o Pai e a humanidade. É por ele que vem do alto a redenção, é por ele que se achega ao Criador. O Senhor considera bem-aventurados não só os discípulos presentes, mas todos os que a eles se sucederão, aos de todos os tempos, os que veem o que os presentes estavam vendo. O Senhor não considera apenas os discípulos que lá estavam, como também os de todos os tempos: os que veem Jesus, não tanto com os olhos, mas mais com o coração. Os que possuem tal visão superam a dos patriarcas e a dos profetas que anunciaram o Salvador sem vê-lo, como está acontecendo a partir da plenitude do tempo.

4 – Lc 10,25-37. Um dos especialistas em estudos bíblicos (escriba ou doutor da Lei), não interessado propriamente no conhecimento da verdade, mas em comprometer Jesus, lhe perguntou o que deveria fazer para possuir a vida eterna. Tal especialista não estava interessado em como ser e como viver para ser justo. O objetivo oculto era levar o Mestre a confrontar os mandamentos entre si, para minimizar um ante os demais. Desta maneira, esperava ter motivo para condenar o Senhor. Como era usual nos debates entre os rabinos, o Mestre reage com contra pergunta e interroga: “o que está escrito na Lei?” Acertadamente o adversário de Jesus fala em “amar a Deus de todo coração e de toda a alma e ao próximo como a si mesmo”. Esta afirmação está no lugar de “amar integralmente”; diz que o ponto de partida é o coração que leva ao viver, ao agir amorosa, integralmente, portanto, sem dicotomia.

Mas não era esta a resposta esperada pelo adversário de Jesus que o queria preso em suas garras. Então, interrogou-o: “quem é o meu próximo”?

Levando o adversário a se expor, o Mestre o questiona narrando um fato não necessariamente acontecido, mas que poderia acontecer. Cabia ao doutor da Lei responder concretamente. Próximo seria só o judeu? Também os estrangeiros? Também os pecadores, os agentes do mal? A pergunta de Jesus foge do casuísmo alienante e força o adversário a se colocar concretamente.

Antes é de se ter presente que entre judeus e samaritanos o ódio era recíproco. Ignora-se o que levantou a isso.

O Senhor fala dum samaritano que descia de Jerusalém para Jericó e surpreendeu uma vítima de assalto em situação miseranda. Passaram por ela um sacerdote e um levita que a ignoraram; não assim o samaritano, que se moveu de misericórdia (*splagchnizesthai*: comovido até as vísceras) e lhe deu toda assistência devida na hora, prevendo, ainda, as necessidades posteriores. A seguir, Jesus joga o múnus de julgar quem foi realmente o próximo do samaritano. Sem nomear o odiado nome “samaritano” o humilhado, confuso e revoltado doutor da lei, simples mente disse: “o que teve misericórdia para com ele”.

Cabia ao inquisidor assumir teórica e vivencialmente a resposta que estava dentro dele; sem devaneios acadêmicos, assumir. vivenciar e defender o amor.

5 – Lc 10,38-42) Em sua caminhada inexorável e plenamente assumida, para Jerusalém, para a cruz (Lc 9,51), já às portas da cidade, em Betânia, ele se hospedou na casa dos irmãos Lázaro, Marta e Maria. Esta se acomodou aos pés do Mestre ouvindo e acolhendo suas palavras. Não era dos judeus que mestres acolhessem mulheres como discípulas. Marta, como boa hospedeira, se dedicava ao acolhimento de hóspede tão distinguido que chegava acompanhado dos seus apóstolos e discípulos. Maria permanecia, absorta, aos pés de Jesus, ouvindo-o. Marta dirige-se diretamente ao Mestre: não se importava que a irmã a deixasse sozinha no atendimento e com tanto trabalho? Jesus compreende a preocupação diaconal da anfitriã e lhe diz que não é de se envolver com tantos pratos; bastava um único, bastava pouca coisa. Que ela, preocupada em bem acolher, se deixasse servir, como a irmã, ouvindo a Palavra de Deus. Na verdade, Jesus veio não para ser servido e sim para servir. Que ela se saciasse com o pão da Palavra. Então, Maria escolheu a melhor parte e isto não lhe será tirado.

JESUS, MESTRE DA ORAÇÃO (Lc 11,1-53)

1 – Lc 11,1-4. Considerou-se que Lucas amiudadamente apresenta Jesus orando em solidão. Ele sempre se retirava em intimidade com o Pai antes de tomar decisões relevantes, como agora, ao ensinar a rezar. Solicitado por um dos discípulos que os ensinasse a rezar, ele não o fez como os pais fazem com os seus filhos, passando-lhes uma fórmula estereotipada a ser repetida maquinalmente. Apenas Mateus e Lucas apresentam Jesus ensinando o “Pai Nosso” condensado numa oração a ser “decorada e repetida”. Em Marcos e João o Pai Nosso não está condensado numa única prece, mas diluído pelos textos dos respectivos Evangelhos. Só Mateus e Lucas nos apresentam como a serem decorados e recitados. A tabela abaixo comprova o que se reflete e é de se notar que no primeiro são colocadas sete invocações e no segundo, cinco:

MATEUS 6,9-13	LUCAS 11,2-4
Pai Nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome (v.9)	Pai, santificado seja o vosso nome (v. 2)
Venha a nós o vosso Reino (v. 10)	Venha o vosso Reino (v. 2)
Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu (v. 10)	
O pão nosso de cada dia nos dai hoje (v. 11)	Dai-nos a cada dia o pão quotidiano (v. 3)
Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido (v. 12)	Perdoai-nos os nossos pecados, assim como nós perdoamos a quem nos deve (v. 4)
E não nos deixeis cair em tentação (v. 13)	E não nos deixeis cair em tentação (v. 4)
Mas livrai-nos do mal (v. 13)	

O Pai Nosso, então, não é para ser decorado e repetido, mas vivenciado.

Os discípulos de Jesus eram pessoas de oração, mas ante o Senhor orante compreenderam que havia muito a aprender com ele. Então, suplicaram que os ensinasse a rezar (Lc 11,1-4). O Mestre de pronto mostra que Deus não é só criador como também Pai. Para isso foi necessário que nos fizesse participantes da divina natureza (2Pd 1,4). E em razão desta elevação podemos invocar a Deus como Pai. E, se somos filhos, somos igualmente irmãos entre nós e herdeiros com Cristo e como ele (Rm 8,15-17). Esta filiação deve ser amorosa, crescente e vinculante. Os judeus apenas ousavam dizer que Deus é como pai.

Como filho, o ser humano deve, em seu ser, em seu agir e em seu viver, “santificar”, isto é glorificar o nome divino. Na cultura judaica, o nome, a natureza e missão da pessoa se identificam. Assim Jesus recebeu “dois nomes”: **Jesus** (*yeshua* = Deus salva) e **Emanuel** (*immanuel* = Deus conosco) e estas foram as missões do Senhor (Mt 1,21-25). O nome de Deus, de per si santo – ou melhor, Deus é a Santidade – deve assim ser reconhecido pelos humanos que tudo farão para honrá-lo. Seu Reino deve sempre e constantemente se instalar no universo, nos corações humanos, até a vida definitiva na

eternidade. Ai, então, acontecerá a amorosa comunhão eterna, quando Deus será tudo em todos (1Cor 15,28). Tanta maravilha e sublimidade contam com o esforço de cada discípulo.

O cristão não é alguém que foge do mundo que foi criado bom por Deus. Tudo fará para se tornar melhor e todos acolher. Por isso pede o alimento de cada dia, o que deve dar condições para a caminhada e que ele seja partilhado e presente em todas as mesas, jamais acumulando a ponto de empobrecer as mesas dos irmãos. Cidadão da pátria celeste, o discípulo não pode ter mentalidade acumulativa que leva ao empobrecimento dos demais.

O pecado leva o ser humano a se absolutizar, a preterir Deus e, logicamente os irmãos, a começar pelos mais carentes. O mal deve ser cancelado do mundo a começar pelo coração humano. O perdão vindo de Deus deve levar o discípulo a perdoar os irmãos. O perdão fraterno deve se fundamentar no de Deus em favor dos humanos. O Pai que está na eternidade, desde todo o sempre perdoou os homens que, por sua vez, ainda peregrinam na história, no chamado tempo. Estes, então, devem se colocar sempre na postura de carentes de Deus e clamar: “perdoai-nos”. Por sua vez, o perdão divino que se faz presente no coração das pessoas, deve levar o discípulo a perdoar sempre o próximo.

O ser humano, contudo, vive em dura tensão: sente-se atraído por Deus, pelos valores eternos. Estes, porém, parecem estar distantes, serem etéreos, se não, utopia enganadora. De imediato e ao alcance de suas mãos estão os bens terrenos que propiciam muito bem estar. Como manter o equilíbrio? Daqui a necessidade de luzes, de força: “e não nos deixeis cair em tentação”. Não se pede ausência de luta, mas que nela se façam presentes luzes e forças.

2 – Lc 11,5-13. Jesus ilustrava seus ensinamentos servindo de dados do dia a dia do povo simples. Assim, não era fora do contexto alguém ter que hospedar amigo chegando de viagem, inesperadamente, alta hora da noite e estar sem nada para lhe saciar a fome. Em caso semelhante, o hospedeiro iria ao vizinho amigo e, em horário impróprio lhe pediria os três pães para saciar a fome do hóspede. Mesmo se aquele alegasse o desagradável momento para atendê-lo, uma vez que poria em sobressalto a humilde família, nem por isso deixaria de continuar batendo à porta. O vizinho incomodado, se não levantasse por amor, ao menos para não ver a família perturbada, levantaria para libertar todos do incômodo. Assim, todo orante deve ser perseverante na oração.

O ouvinte das palavras de Jesus pode se colocar no lugar da pessoa incomodada, pensando: para alimentar a amizade, a fraternidade, é bom sacrificar-se e atender o necessitado. A perseverança traz o seu fruto, e assim, em seu relacionamento com Deus, ser insistente no caminho do bem. Em outras palavras: vale ser perseverante na oração, mas não somente na que pede graças e favores. Em visão santificadora, vale colocar-se abandonadamente nos braços de Deus. O Senhor não está como “quebra galho”, para resolver todo e qualquer pedido. Estes devem ser feitos em perspectiva salvífica, em vista da plenificação do ser humano e não tanto para a solução de problemas de ordem puramente material. Para tanto a humanidade foi prendada com recursos praticamente ilimitados. Ao pedido estão anexos verbos a serem considerados acuradamente: pedir, procurar, bater à porta insistentemente.

Não é dos pais darem cobra ao filho que pede peixe e nem escorpião se ele pediu ovo. Muito menos o Pai Celeste deixará de atender o filho necessitado e carente. Aos que souberem pedir, aos que, acima dos valores terrenos sabem vislumbrar os eternos, a estes será dado o Espírito Santo.

3 – Ordinariamente, a quase totalidade das pessoas mudas, na verdade não falam por serem surdas. O texto evangélico apresenta um doente que não falava por estar possesso por um demônio que, segundo a concepção de então, era mudo (Lc 11,14-23). O diagnóstico da “mudez” foi leviano e limitado dada a falta de conhecimentos de então; o da cura não foi menos infeliz: atribuíam, gratuita e apaixonadamente que ela fora produzida por Belzebu, príncipe dos demônios. De um lado está a falta de conhecimento e da outra, o excesso de maldade na condenação gratuita. Aos que afirmavam que

Belzebu estava expulsando em nome dos demônios, o Mestre demonstra o contraditório: se o reino satânico está dividido ele não precisa ser combatido: caminha para a perdição.

Jesus dá sinais a todos para refletir, lendo o pensamento dos acusadores. Questiona, então: “se expulso o demônio em nome de Belzebu, em nome de quem os vossos pais o expulsaram? Se com tais exorcismos os antepassados anunciavam a chegada do Reino de Deus, por que não os meus?” O Senhor deixa claro aos seus adversários que, no mínimo eram contraditórios e merecem a condenação dos antepassados. E conclui expondo a tese: “o Reino de Deus está sendo anunciado, agora, a vocês. É sinal que alguém mais forte do que Belzebu chegou e o está vencendo. É a hora de se tomar decisão: pró ou contra mim”.

4 – Lc 11,24-28. Antigo provérbio diz que a queda dos bons é péssima. Quem caminhou pela senda da santidade, mas depois lhe voltou as costas, geralmente começa a cair em queda livre. Abre as portas do coração para a impiedade crescente. Jesus sabia ter presente pessoas que deixaram a fé autêntica e passaram a cultivar a vida religiosa mais na exterioridade do que na interioridade. Põe a mão na ferida chamando-as de pertencentes a uma geração má. Mostra lhes ser inútil procurar práticas exorcistas sem a conversão interior, a do coração. Seria como o espírito mau que, expulso, não encontrando lugar acolhedor onde ficar, voltaria à casa que deixara e que não fora arrumada. Porém, voltando, far-se-ia acompanhar por outros sete espíritos piores e lá se estabeleceriam. Recomenda, assim, ser necessária a conversão, a mudança de vida, a reforma completa do coração.

Piedosa senhora, ante os ensinamentos profundos de Jesus, exalta a maternidade física de Maria. Jesus, porém, conduz a reflexão para especial filiação trazida por ele: a dos que ouvem e acolhem a mensagem celeste. Para tanto, Maria colaboraria acatando a missão que o Filho lhe daria da cruz: a de ser mãe de todos os que se abrem ao discipulado (Jo 19,25-27). Jesus, então, não dispensa o louvor dirigido à Mãe pela mulher, mas ressalta o que já fora enfatizada pelo Evangelista (Lc 1,45-48; 2,19.51).

5 – Lc 11,29-32. As palavras duras de Jesus às multidões que o seguem têm presente o pedido anteriormente feito de sinais do céu como prova (Lc 11,16). Ele se refere, então, ao enigmático sinal de Jonas. Pedir sinal é revelar falta de fé, como é falta de confiança pedir prova de amor. Ambos são ou não aceitos, independentemente de comprovações. Em ambos os casos é de se fechar os olhos e seguir ou de abandonar tudo.

É contestada a compreensão de Jonas como sinal ante os ninivitas. Ao que parece, tenta-se explicar que, depois da pregação do Profeta, estes se converteram; assim o Crucificado Ressuscitado será salvação a quem o acolhe. Assim como os ninivitas pagãos se abriram às palavras de Jonas, a rainha do sul, também pagã, se abalou de longe para ouvir Salomão (2Cro 9,1-12). Eles, mesmo sendo pagãos, se levantarão contra os que não creem em Jesus, que deu o sinal dos sinais: a morte na cruz e a ressurreição.

6 – Dando continuidade ao tema da necessidade da conversão, o Mestre se compara à lamparina que é colocada em lugar destacado. Assim é ele enviado pelo Pai para iluminar as mentes e os corações humanos e, como tal deve ser por todos recebido (Lc 11,33-36). Para receber o Senhor como enviado do Pai é necessário ter os olhos, ou melhor, os corações abertos à luz que chega gratuitamente. Infeliz quem tem tais aberturas cerradas ao Senhor que chega. É ainda de cada qual se examinar se pretende ser luz para os outros, quando não passa de trevas, como acontecia com inimigos de Jesus (Jo 9,40; Rm 2,19). Como diz o Salmista, Deus deve ser o alimento da luz a brilhar no coração de todos (Sl 18[17],29). Em Cristo e por ele, o corpo não só fica iluminado, mas se torna luz para os irmãos.

7 – Lc 11,37-44. Estes versículos estão como que para ilustrar e aprofundar o que Jesus acabara de ensinar. Um fariseu, possivelmente entusiasmado com os ensinamentos do Senhor, convidou-o para jantar em sua casa. Mas, ainda escravo do legalismo, admirou-se pelo fato do Mestre não ter lavado as

mãos para purificar-se de possíveis “faltas” cometidas: ter dado a mão a um pecador, ter tocado coisas tidas como impuras...

Lendo o pensamento condenatório do anfitrião, o Mestre revela a sua hipocrisia: exteriormente eram limpos, mas imundos no interior. Jesus não se dirige só ao anfitrião, mas aos fariseus em geral e a todos os que o representam, apegados à pureza legal e olvidando a moral, a do coração. O Criador a todos criou bons e essa bondade deve acontecer tanto no exterior como no interior. De interior bom devem emanar coisas boas.

A seguir, o Mestre condena a exterioridade farisaica com três “ais”. O primeiro é dirigido aos que levam ao extremo a lei, pagando o dízimo até de hortaliças, hortelã, arruda, mas deixam de lado a justiça e o amor a Deus. Trata-se de coar mosca e engolir camelo (Mt 23,24). O segundo “ai” é contra o farisaico amor a si mesmo, olvidando o amor ao próximo (esta segunda parte da afirmação está implícita). No terceiro “ai”, os judeus são comparados aos túmulos despercebidos pisados por viandantes. Em si, eles tornariam impuros tais passantes (Nm 19,16). Os fariseus, então, vivendo hipocritamente, contaminam as pessoas como aconteceria com os sepulcros espalhados pelos campos.

8 – Lc 11,45-53. Os doutores da Lei ou escribas ocupavam o ápice do pensamento teológico, moral e jurídico dos judeus. A vida religiosa e social dependia da interpretação que davam às Escrituras e às tradições. Com ou sem autorização, um deles protestou contra Jesus pela acusação que ele fizera contra o grupo (Lc 11,42-44). Jesus lhe responde com outros três “ais” condenatórios. Sem generalizar, não deixa de condená-los, pois como debatiam os pontos mais pormenorizados da Lei, eram capazes de descobrir subterfúgios escusatórios. Conseguiram colocar cargas nos ombros alheios sem tocá-las com um dedo. O Senhor lamenta ainda o comportamento deles com um segundo “ai”, por construírem túmulos aos profetas que seus pais mataram. Os antepassados dos referidos doutores da Lei haviam matado os mensageiros de Deus e seus filhos edificaram monumentos fúnebres aos assassinados. Assim, reconhecerem a culpabilidade dos próprios pais. Agora estão prontos para fazer o mesmo com Jesus. São legítimos sucessores e continuadores dos antigos assassinos de profetas.

Jesus ainda afirma que a Sabedoria de Deus, isto é o próprio Criador, enviou mensageiros a todos os povos, mas de modo especial aos judeus. Mas os enviados foram sistematicamente mortos a partir do assassinado Abel (Gn 4,1-16) chegando a Zacarias; estes não são nomeados profetas. Zacarias, segundo Lucas, seria o filho de Joiada, sacerdote que foi apedrejado no pátio do templo (2Cro 24,17-21), possivelmente considerado profeta a partir do martírio. O sangue dos profetas pede vingança a todas as gerações.

Jesus encerra o diálogo com o terceiro ai: pesada acusação aos líderes judeus, os doutores da Lei, pois não só deixam de abraçar a salvação como impedem os outros que o façam. A Lei não é tanto para ser conhecida como vivida. O verdadeiro conhecimento é o cordial e não o puramente racional. Além disto, é bastante comprovado o provérbio italiano: *“fata la legge si trova il dolo”* (feita a lei se encontra logo o truque para dela se eximir).

As colocações duras de Jesus exacerbaram o ânimo da elite judaica que passou a armar todo tipo de cilada para eliminá-lo. A partir de então, começaram a esquematizar a crucificação de Jesus.

É A VEZ DOS DISCÍPULOS DE JESUS (Lc 12,1-59)

1 – Lc 12,1-12. Ante a hostil tomada de posição da elite judaica, de matar Jesus, este passa a dedicar especial atenção aos seus seguidores. Muitos o procuravam interesseiramente; mas, de modo especial entre os discípulos, havia um mínimo de abertura ao Mestre. É a estes que ele passa a dedicar maior atenção: que não se deixassem impressionar pela exterioridade religiosa dos fariseus. O fermento, mesmo sendo pouco, leveda quantidade enorme de massa; assim os ensinamentos farisaicos podem contaminar as multidões ou a totalidade do coração. Em contrapartida, o pequeno número dos discípulos fieis, um dia pode se tornar grande revelação. A vida autêntica e silenciosa dos seguidores de Jesus, no devido momento será do conhecimento geral e proclamada em alto e bom som no mundo inteiro (At 1,8).

O Mestre não esconde que a vida do discípulo será difícil. Que tenha visão descortinada e não apenas para valores terrenos e passageiros. O imediatismo é danoso na construção da eternidade. Deus, que cuida dos pequenos pássaros, mais cuidará dos discípulos. Ele ama muito mais os seus do que as aves do céu. Jesus se refere a si mesmo na expressão “Filho do Homem”; nela se afirma o Filho de Deus que também é inteiramente humano. Quem o testemunha nesta vida será por ele testemunhado na outra. O Verbo que assumiu carne em visão salvífica no mundo (Jo 1,14), uma vez na glória, será o intercessor em favor dos seus. A estes Jesus fala que quem disser algo contra o Filho do Homem, a saber, contra ele como pessoa, será perdoado; mas não quem nega o agir do Espírito Santo na vida dele em função da humanidade. Jesus que se revelou aos judeus foi por eles rejeitado. Mas a revelação dele como o vencedor da morte pela ressurreição será anunciada novamente ao seu povo pelo Espírito Santo; recusá-la é recusar a salvação, não ter o pecado perdoado. A partir de Pentecostes, começou a abertura do Espírito Santo pela Igreja; não acolhê-lo é não acolher o Divino Paráclito. Antes deste período, foi levada em consideração a ignorância dos judeus (At 3,17-19).

O Mestre termina seu diálogo com os discípulos, tranquilizando-os: jamais estariam sós, entregues à própria sorte. O Espírito Santo estaria com eles fortalecendo-os e iluminando-os. Teriam condições de enfrentar o peso da maldade, do pensamento grego, da religiosidade judaica e do poderio romano. As forças do inferno nada poderiam contra eles (Mt 16,18).

2 – Lc 12,13-21. Deus capacitou o ser humano de inteligência para que pudesse resolver a grande maioria dos problemas no mundo (Gn 1,28-31). Este então concebido (céu, água e terra), foi colocado nas mãos humanas; que o adaptassem segundo as suas necessidades. Contudo, que reservassem especial tempo de sua vida para serem cada vez mais imagem semelhante ao Criador (Gn 1,27). Compreende-se o aborrecimento de Jesus ao ser procurado para que pendências familiares fossem solucionadas. Aproveitou então a ocasião para alertar os ouvintes sobre o apego aos bens terrenos. Sem desdenhar tais valores, Jesus mostra que eles estão em função da eternidade. Mostra, ainda, que era dos mestres da Lei, como juristas, se preocuparem com tais questões; a ele cabia abrir os corações e as mentes para os valores eternos. Então alerta: a ganância leva os ambiciosos a perder o caminho da pátria celeste.

Na parábola, o rico proprietário é tido como insensato e escravizado pelos bens terrenos. Ante a safra dadivosa, sem pensar minimamente no próximo e nos valores eternos, em solilóquio tem presente a riqueza acumulada que lhe proporcionaria felicidade plena. Usufruiria dos bens acumulados sem pensar,

minimamente, nos necessitados e na riqueza que a traça e a ferrugem não podem destruir e os ladrões levar (Mt 6,19). O infeliz novo rico cometeu a imprudência de colocar sua razão de ser nos bens passageiros, olvidando o ensinamento do Salmista, de por sua segurança somente em Deus (Sl 39[38],6-8). Melhor seria ao iludido rico se tivesse amealhado riquezas perenes (Mt 6,19-20).

3 – Lc 12,22-34. Fazendo eco ao que dissera anteriormente, de não supervalorizar os bens terrenos (Lc 12,13-21), o Mestre passa a falar aos seus discípulos que, mesmo tendo deixado tudo (Mt 4,20), podem cair na tentação de se apegarem a bens passageiros. A confiança na providência não implica a indolência; mas não é de se estar demasiadamente voltado para a falsa segurança em riqueza materiais.

O Senhor convida os ouvintes a olharem o mundo que os cerca: os corvos, mesmo sendo considerados impuros (Lv 11,13-20) e sem semear, são objetos da providência divina. Se o exemplo dos corvos não convence, o Mestre evoca os lírios que não fiam e nem tecem; assim mesmo se vestem de beleza que supera Salomão com toda sua exuberância. Mesmo com sua beleza, as ervas do campo tem existência tão efêmera; mas é aos humanos que o Criador ama de modo especial, para eles preparando particular existência. Deve haver empenho para ter o pão de cada dia, mas sem angústia ou sofreguidão. É de se estar mais ocupado do que preocupado, pois Deus é pai que vela pelos filhos. A inquietação é dos que não veem algo além da matéria e se voltam totalmente a ela que lhes é inferior. O discípulo deve estar voltado para o Reino de Deus e sua justiça; o resto será dado por acréscimo. Este reino não é mera utopia, mas realidade ofertada a ser conquistada.

Jesus se abre, de modo especial, aos que abraçam até mesmo o extraordinário. São uma porção pequena que, assim mesmo devem testemunhar. Nem sempre serão bem compreendidos e as tentações não faltarão. Mas devem ser sinal, no mundo. Os discípulos devem assumir um mínimo de radicalidade para melhor servirem os irmãos. Com a venda dos bens transformados em esmola, estarão “comprando” um “tesouro” indeterminado, mas transcendental, perene (Tm 4,7-10). Que o coração do discípulo se volte para os bens permanentes, que todo dinheiro do mundo não consegue comprar.

4 – Lc 12,35-48. A começar por Abraão chamado a peregrinar para região desconhecida (Gn 12,1-4), passando por Moisés escolhido para conduzir o povo ao deserto rumo a uma pátria indeterminada (Ex 3,7-8), os judeus se descobriram povo peregrino. Ao tomarem posse da Terra Prometida eles imaginaram ter encontrado seu chão, para sempre. Há um caminhar quantitativo que é ir de um lugar para outro; mas há o qualitativo que é deixar estado de menor para o de maior perfeição. Por isso mesmo Jesus se proclamou como caminho (Jo 14,6) e o primeiro nome dos cristãos era “adeptos do Caminho” (At 9,2). Lamentavelmente, nem todas as traduções trazem esta versão frequente em Atos dos Apóstolos.

Jesus recomenda aos seus que estejam com os rins cingidos, isto é, com as vestes levantadas para caminhar como peregrinos neste mundo. Estejam, ainda, com as lâmpadas nas mãos, como o servo atento à chegada do Senhor que vem em horário inesperado. Quem assim se comporta será convidado a sentar-se à mesa do banquete. A mesma vigilância é enfatizada na narração do atento dono da casa que não se deixa surpreender pelo ladrão. Jesus, dessa maneira, alertava os ouvintes à chegada inesperada do Reino.

Em nome próprio e no dos discípulos, Pedro interroga Jesus querendo saber a quem a parábola se dirigia. O Mestre responde que é feliz o servo que o Senhor, ao viajar, coloca como administrador da casa e que, regressando, encontra tudo em ordem. Tal administrador será promovido a cuidar de todos os bens de seu senhor. Ao contrário, se for mau administrador, tratando mal as pessoas e as coisas, o senhor, regressando em momento inesperado, não só o demitirá como o tratará igual a um condenado. Pior é a sorte do servo que, conhecendo a vontade do amo, mesmo assim não a leva em consideração;

este será severamente chicoteado. Menor será o castigo de quem não sabia e fez coisas merecedoras do castigo. De quem muito recebeu, muito será pedido; a quem muito foi confiado, muito será exigido.

5 – Lc 12,49-53. O Mestre encerra sua alocução com mensagem escatológica, isto é, falando de sua missão: trazer o fogo, a saber, o juízo; e desejaria que já tivesse acontecido. Refere-se a especial batismo, isto é, morrer crucificado, derramando o seu sangue. O fogo é o juízo de Deus que, sendo a santidade, não pode tolerar o pecado, a maldade (Is 66.15-16). Antigamente era comum queimarem o lixo, os entulhos; era a maneira de “purificar” o ambiente. A imagem era bem compreendida pelas pessoas, então.

Ainda falando sobre o batismo, o Mestre se põe a caminho de Jerusalém onde seria crucificado pela redenção do mundo. Este batismo antecede ao fogo acenado que agora significa o dom do Espírito Santo. que se dá precisamente na morte de Jesus. Naquela hora sublime não é dito que ele “expirou” e sim que “entregou o espírito” (Jo 19,30). Mas antes será dos discípulos abraçarem a cruz todos os dias, nesta vida, e seguir o Mestre (Lc 9,23). Estranhamente o Senhor disse que não veio trazer a paz, mas a divisão. É de se ter presente que, quando de seu nascimento, os anjos anunciaram a paz (Lc 2,14) que ele levava a todos (Lc 7.50). Mas, no mundo ferido pelo pecado é impossível a paz plena; apenas deixar a semente da crescente harmonia, da suspirada fraternidade. Para agravar, aconteceria que, a partir do interior da família, uns receberiam a mensagem do Senhor e outros não. E no início do cristianismo aconteceu de pagãos denunciarem irmãos de terem acolhido a mensagem cristã, conforme denúncia do profeta (Mq 7,6).

6 – Lc 12,54-59. O “serviço meteorológico” dos antigos era observar a natureza e nisto eram bastante hábeis. Sabiam que do ocidente, do Mediterrâneo procediam as chuvas, e do sul, onde estava a região desértica, africana, vinha o calor. Se eram perspicazes em conhecer os sinais meteorológicos questiona Jesus, por que se fechavam aos sinais salvíficos, máxime ante a presença e o ministério do Senhor? Por que não tomam a devida decisão pelo que lhes estava sendo propiciado?

Terminando o seu sermão, Jesus questiona os ouvintes: por que não tomavam as justas decisões ante tudo o que estava acontecendo? Então lhes dá exemplo prático: quando levado ao tribunal por um adversário e não estando com a razão, não é melhor solucionar o problema antes e evitar sérios aborrecimentos jurídicos? Não tomando a decisão correta, terá que pagar até o último centavo. É fundamental caminhar no bem, na fraternidade e no espírito de diaconia.

A VIDA RELIGIOSA PARTE DO INTERIOR (Lc 13,1-35)

1 – Lc 13,1-9. Não é possível identificar o acontecimento narrado pelo Evangelista, o porquê e o como a notícia da imolação dos galileus se deu no templo sob o governo de Pilatos. Interroga-se, ainda, qual seria o objetivo da notícia. O certo é que Jesus aproveitou a ocasião para dizer que o fato não indicava que tais pessoas eram mais culpáveis do que as demais ou que os romanos eram injustos e opressores. Na verdade o Mestre aproveita a ocasião para proclamar aos ouvintes que estivessem preparados, que se convertessem para que não lhes acontecesse algo pior. Para reforçar o que acabara de anunciar, recorda aos ouvintes a queda da torre de Siloé, nas proximidades de Jerusalém, quando então, morreram dezoito judeus. Acrescenta, então, que os judeus mortos não eram piores do que os demais. Mas serve-se da ocasião para alertar a todos que estivessem preparados, pois poderiam morrer como tais pessoas. Aproveita, então, ambos os fatos conhecidos pelos ouvintes, para exortá-los a se converter; que estivessem sempre preparados, pois a morte poderia chegar de qualquer maneira e dos modos mais diversificados.

O Mestre aproveita a ocasião para contar a parábola da figueira que há três anos não produzia os frutos esperados. O dono estava disposto a mandar cortá-la, pois ocupava o terreno inutilmente; mas o funcionário pediu mais um ano de paciência; a planta receberia melhores cuidados e então a sua sorte seria decidida. Jesus ilustrava que a sorte dos judeus e de cada pessoa estava em jogo. É de se aproveitar cada instante da vida que é tempo de graça.

2 – Lc 13,10-17. O Mestre começa a operar uma série de curas. Elas não eram o objetivo de sua vida; para tanto existiriam médicos cada vez mais capacitados. A finalidade delas era testemunhá-lo como salvador, assim com a sua mensagem. Tanto que João evita a palavra milagre; a substitui por “sinal” (*semeion*) que começa a aparecer em Jo 2,11. Para “agredir” o legalismo hipócrita dos fariseus, o Mestre operava tais milagres no sábado, quando era proibido curar. Na sinagoga e em plena celebração sabática, estava uma mulher há dezoito anos doente. Como era usual, então, a enfermidade era atribuída a algum espírito mau. Tal doença não exigia cura imediata, quando seria permitida aos sábados. Didática e questionadamente, Jesus liberta a mulher do mal esta passou a louvar Deus.

O responsável pela sinagoga de imediato protesta, seguramente citando Ex 20,8-11 e Dt 5,12-15. Jesus, porém, desmascara a hipocrisia geral: eram capazes de cuidar de animais, aos sábados, mas deixar abandonada uma irmã necessitada, descendente de Abraão. Desamarravam um animal no sábado e, em nome de Deus, proibiam que uma filha do patriarca fosse libertada do demônio.

3 – Lc 13,18-21. A interrogação feita por Jesus antes da parábola ilustrativa é desafio à descoberta do mistério escondido, mas dinâmico, do Reino. Este é como a semente pequenina que se transforma em árvore frondosa. Deixa de ser o que era passando ao que não era; é algo que tem dinamicidade interior própria que o leva ao crescimento sem fim na perfectibilidade. Embora se revele pequeno e frágil como semente, o Reino se torna como árvores em condições de acolher todas as aves dos céus. É de se pedir que ele se difunda sempre e cada vez mais (Lc 11,2). Realmente, o Reino se abre a todos os povos da terra.

O Reino do Céu é ainda comparado à pequena porção de fermento, capaz de levedar grande quantidade de massa. O fermento não é apenas porção pequena que se soma à quantidade bem maior de massa; bem ao contrário, a dinamicidade, a potencialidade da minúscula quantidade de fermento é que

propicia o grande crescimento da massa. Além disto, ambas as misturas entram em comunhão entre si e se tornam um todo indistinguível. É o que levou Paulo a dizer que não era mais ele quem vivia, mas Cristo nele (Gl 2,20).

4 – Lc 13,22-30. Jesus continuava acolhendo e evangelizando a multidão. Mas não perdia de vista Jerusalém, que se tornara o seu centro gravitacional. Lá dar-se-ia o mistério pascal. A cada passo ia fortalecendo e concretizando o propósito de chegar em Jerusalém que não era um lugar qualquer, mas onde ocorreria o mistério salvífico: a morte e a ressurreição redentoras (Lc 9,51).

No caminho, alguém perguntou ao Mestre sobre o número dos que se salvariam. Mais do que resposta acadêmica, alienada, ele insistiu, praticamente, na colaboração à graça para que a salvação acontecesse. Recordou ao inquiridor que todos são convidados ao banquete, mas conotou que a porta é estreita, seletiva. Então, que antecipadamente, chegassem ao banquete com as vestes adequadas; diversamente seriam expulsos da sala (Mt 22,1-13), ou ficariam esterilmente batendo na porta. E nem adiantaria apresentar ineficazes merecimentos (comer e beber com Jesus), uma vida religiosa de aparências, de exterioridades.

Grande quantidade de judeus, que se consideravam garantidos por serem tais, não só ver-se-iam excluídos da comunhão com os santos patriarcas, como veriam pagãos ocupando lugares que imaginavam serem deles. Isto tudo demonstra que os judeus, pelo simples fato de serem tais, não terão passaporte diplomático, assim como os pagãos, também pelo fato de serem tais, não serão automaticamente eliminados. Afinal, como disse Pedro, Deus não faz diferença entre pessoas (At 10,34-43).

Jesus termina seus ensinamentos, afirmando que existem últimos que serão os primeiros e primeiros que serão os últimos; a saber, não existe predileção de pessoas. Todos, de uma ou de outra maneira são chamados a serem filhos de Deus.

5 – Lc 13,31-35. Possivelmente os fariseus que avisaram Jesus da intenção assassina de Herodes não eram os que odiavam o Mestre. Chamando o pseudo rei de raposa, possivelmente o Senhor usa expressão idiomática palestinese pela qual diz ser o monarca alguém de somenos importância. O Senhor tinha especial missão a cumprir e nada nem ninguém o impediria. Pela expressão semita “hoje, amanhã e no terceiro dia” se diz que tal missão aconteceria brevemente e que no final, terceiro dia, dar-se-ia o inesperado. Então, por um tempo indeterminado, o Senhor continuaria pregando, atendendo as pessoas. O “terceiro dia” se refere ao que aconteceria em Jerusalém. Por isso, Jesus lamenta a sorte da cidade que matava os profetas e apedrejava os mensageiros de Deus. E ela recusava a ele, por querer congregar os hierosolimitanos como a galinha acolhe os pintainhos sob as asas. Contudo, Jerusalém recusava acolher o Redentor. Ela seria, então, abandonada. Com isto, Lucas se referia à destruição da cidade no ano 70, pelos romanos.

OS ADVERSÁRIOS E OS DISCÍPULOS DE JESUS (Lc 14,1-35)

1 – Lc 14,1-6. A refeição comunitária é ocasião não somente para repor as energias, como de encontro entre pessoas para alimentar a fraternidade. Mas, para o Senhor é ocasião também para se fazer o bem e encontrar a verdade.

Jesus, em refeição sabática na casa de um dos chefes e entre seguidores do farisaísmo, observou a presença de um hidrópico. Os fariseus o observavam para conferir se curaria no dia de sábado. Este dia instituído para o benefício das pessoas (Ex 20,8-11; Dt 5,12-15), com o excesso de zelo se transformou em lei asfixiante e até ridícula, como contar os passos dados fora de casa (At 1,12). Mas Jesus observou a presença de um necessitado, um hidrópico.

O Mestre questiona os fariseus, escrupulosos observantes da Lei, se era ou não lícito curar no dia do repouso sagrado. Se negassem, acatariam que a Lei era contra o ser humano. Aceitando a necessidade da cura do doente, afirmariam que Jesus estava com a razão. Para este, a Lei ou o sábado fora feito para o homem e não este em função daquele (Mc 2,27). A grande resposta dos encantonados fariseus foi o silêncio. E o Senhor curou o doente. Como se o fato não fosse suficiente, ele levou seus adversários ao ridículo, para não dizer que os acusou de hipócritas, pois seguramente tirariam um filho ou um boi caídos num buraco, mesmo sendo em dia de sábado. Por que não libertar, nesse dia, um ser humano aprisionado pela doença?

2 – Lc 14,7-11. Contando uma “parábola”, Jesus vai além de simples aula de bons costumes. A narração se presta, também, para ilustrar um comportamento religioso. Ensina que o discípulo não está para ser servido e sim, para servir, como ele próprio fez (Lc 22,27). Não é de bom tom ao convidado a uma festa nupcial, tomar a iniciativa de escolher lugares mais destacados; poderá sofrer a humilhação de ser “rebaixado” para lugar inferior.

Com tais palavras Jesus, mostra que é do discípulo ser servidor e não servido. Se com o convidado acontece o contrário: passar de lugar menos para mais destacado, será honroso para ele. Assim, Jesus conclui que quem se eleva, será rebaixado. Desta maneira ele ensina que é dos seus seguidores abraçarem o espírito de diaconia, de serviço. Não para ser exaltado ante os irmãos, mas para a conquista do Senhor que se abateu e humilhou para levar consigo todos para a glória (Fl 2,5-11; Tg 4,10).

3 – Lc 14,10-14. O Mestre, que se dirigira aos convivas, agora aconselha diretamente o anfitrião e nele e por ele, a todos os seus seguidores: que não convidassem pessoas distinguidas apenas para receber retribuição. Neste caso, ao servir o outro, estariam se servindo a si mesmos: faria um favor para receber troca. Que em lugar de convidados destacados (parentes, amigos, pessoas ricas), houvesse lugar para os pobres, os doentes, os que não podem retribuir. Pode-se fazer um paralelismo antitético para ilustrar esta questão: **1º - amigos X pobres; 2º - irmãos X aleijados; 3º - parentes X mancos; 4º - vizinhos ricos X cegos.** Esta substituição elimina a recompensa ou o interesse egoísta. Não havendo a recompensa terrena, acontece melhoria na face da terra e acolhida na ressurreição dos justos. A “retribuição” não acontecerá na terra, mas no banquete celeste.

Este ensinamento abre espaço para a compreensão da parábola subsequente.

4 – Lc 14,15-24. O banquete estava sendo rico e enriquecedor: Jesus estava presente e os convivas podiam não só fortalecer os corpos com os alimentos e com as bebidas, mas mais ainda com os ensinamentos do Mestre. Tanto que um dos comensais soube reconhecer o momento especial que lhe

estava sendo dado, dizendo: “Feliz quem come pão no Reino de Deus”. No momento, tal comensal poderia pensar que felizes eram só os fariseus, os saduceus, o clero, que se consideravam os observantes da Lei. Contudo, sem saber, profetizava. Tanto que Jesus aproveitou a ocasião para contar a parábola do grande banquete oferecido por alguém a muitas pessoas: o anfitrião mandou servos a chamar os convidados, pois tudo estava pronto. Cada qual foi apresentando escusas e declinando do convite. Os empregados relataram tudo ao senhor que se irritou com os amigos, substituindo-os pelos pobres, doentes. Não satisfeito, mandou-os novamente pelas estradas, convidando andarilhos, ambulantes, até que a sala estivesse repleta. E concluiu: nenhum dos outros convidados provará de meu banquete.

A parábola revela o Reino de Deus que num primeiro momento foi apresentado aos judeus. Estes, com uma ou outra escusa, desdenharam-no. Nenhuma desculpa era convincente: como alguém teria comprado um campo sem conhecê-lo? Irado, o rico senhor mandou que os primeiros convidados fossem substituídos pelos esquecidos na sociedade, nas ruas e praças, assim como os abandonados pelo mundo e que estavam nas estradas e vielas.

Não passou despercebido aos que participavam da ceia com Jesus, que ele se referia aos judeus ao falar dos grandes que desdenharam o primeiro convite; judeus que foram substituídos pelos que eram tidos como o resto do mundo: os pagãos.

Agora é válido o alerta: que ninguém desdenhe o convite que Deus faz a cada qual.

5 – Lc 14,25-27. Muitas multidões seguiam Jesus; o interessante seria perguntar a cada pessoa, a cada grupo o porque. Seguramente seriam encontrados inimigos que procuravam uma razão para acusá-lo. Outros não queriam nada com ele, mas apenas os favores que poderiam advir. Mas não faltariam os que, realmente estavam interessados na mensagem de santidade.

Jesus, que não era ingênuo e nem carente de fama, coloca exigências para quem quer segui-lo: “odiar” os familiares e até a própria vida. Ocorre que o hebraico bíblico tem carência dos comparativos e superlativos, como “amar mais” ou “amar menos”; estas expressões são substituídas por “amar” ou “odiar”. O Mestre afirma: quem não relativiza o amor aos familiares, à própria vida, não tem condições de segui-lo. Por Cristo, o discípulo deve abraçar todos os dias a cruz redentora com Cristo e como ele (Lc 9,23).

6 – Lc 14,28-33. A vida cristã deve ser fruto de projeto exequível, sempre com a graça de Deus. É difícil, mas não é impossível; portanto, deve ser refletida, fortalecida e bem alicerçada no Senhor e exige planejamento e trabalho. Assim acontece com quem, sem recursos e projeto, inicia a construção de torre e abandona a obra pela metade; torna-se motivo de zombaria pelos vizinhos. Assim o rei que vai à guerra, antes de partir deve fazer os cálculos para antever as probabilidades de êxito. Ante a certeza de provável derrota, é melhor negociar a paz, mesmo se onerosa. A compreensão das parábolas não é de todo clara. Nota-se, porém, que a vida religiosa proposta por Jesus, pede resposta pronta e fiel, mas os passos de maior radicalidade exigem discernimento à luz do Senhor.

7 – Lc 14,34-35. O sal era bem mais usado, na antiguidade: além de temperar o alimento, era por meio dele que se conservava a carne. Era, então, tido como puro e purificador. À luz desta constatação, colocava-se um punhado de sal na carne das vítimas imoladas nos templos. Minas de sal eram procuradas avidamente no interior dos continentes, dada a pobreza de sua presença nas águas do Mediterrâneo. Sal inosso deixa de ser tal; merece ser jogado fora. O mesmo se pode dizer do discípulo de Cristo: ou é ou não.

OS CARENTES ABERTOS À PALAVRA (Lc 15,1-32)

1 – Lc 15,1-7. Os inimigos de Jesus que se tinham como a nata do judaísmo, se radicalizam em suas posições contra ele. O Mestre se abre, então, aos necessitados dispostos a acolher a mensagem divina: os pecadores ou tidos como tais.

Eram chamados de publicanos os cobradores de impostos, pessoas que arrematavam esse direito. Os romanos estabeleciam um preço mínimo pelo serviço que prestavam em Israel: estradas, seguranças... Conforme os lances, eles sempre arrecadavam mais; cabia ao publicano organizar-se para reaver o que gastara e levantar o seu lucro. Nem todos eram corretos; em geral, eram tidos como colaboradores do império. Pecadores, por sua vez, também eram pessoas que desempenhavam atividades consideradas impuras, como os curtidores de couro.

Os fariseus, por sua vez, eram considerados e se imaginavam os mais fiéis à Lei; a palavra “fariseu” significa “separado”. Isolavam-se dos demais para não se contaminarem. Doutores da lei ou escribas eram os especializados nas Escrituras; interpretavam-nas, assim como as leis que regiam os judeus. Eles se levantavam contra Jesus porque acolhia os chamados pecadores. Para comunicar-se com todos e envolvê-los pessoalmente no caso, Jesus se serve de “parábola” ou de metáfora ou questionamento concreto.

O pastor que abandona noventa e nove ovelhas para ir ao encalço de uma única que desagregara corre o perigo de perder as que deixara e não encontrar a perdida. Mas algo o leva a ela: um amor sem medida. No momento, aquela lhe era a única no mundo; carrega-a nos ombros porque a tinha no coração. A alegria do reencontro devia ser partilhada com a família e com os pastores que tinham corações como o dele e o compreenderiam. A conclusão da períclope ou narração parece contraditória, mas é compreendida pelos corações que amam: assim haverá, no céu, mais alegria por um pecador convertido do que pelos noventa e nove que não precisam de conversão. Aquele estava morto e voltou à vida e estes, sem sustos, nela permanecem. É de se fazer presente: por nós o Pai não se poupou e nem poupou o Filho (Rm 5,6-10), assim como este, amando os mortais, amou-os até o fim (Jo 13,1).

2 – Lc 15,8-10. Como que para reforçar o que ensinara antes, Jesus fala da mulher que perdeu uma moeda de prata no casebre mal iluminado e pessimamente assoalhado. Depois de muita preocupação e esforço, a encontra. A alegria é tanta que reúne as amigas para, com ela, partilhar a felicidade. A conclusão é a mesma da narração anterior e reforça o ensinamento da felicidade no céu pelo pecador que se reencontra com Deus.

3 – Lc 15,11-32. A chamada Parábola do Filho pródigo é das mais conhecidas e apreciadas pela sua beleza e conteúdo. Todavia, poucos aprovam o título; poderíamos chamá-la de a “do Pai acolhedor e do filho intolerante”. Não poucos acatam a tese de duas narrações distintas; uma abordando o pai que acolhe o filho tresmalhado que volta; e a outra, a do Pai que tolera o filho que, mesmo estando em casa, não “comungava” o genitor e o irmão.

De imediato Jesus apresenta um pai que tinha dois filhos. O caçula, desejando sair de casa em vista de uma vida nova, pediu ao pai o que lhe cabia como herança e partiu. Raramente a vida era fácil na árdua Palestina. Ordinariamente, a quase totalidade da herança cabia ao primogênito. Como a maioria dos judeus, o jovem partiu para o exterior, mas passou a viver dissolutamente e perdeu tudo. Para complicar, grave período de fome afetou a região onde vivia. Foi obrigado a cuidar de porcos, animal impuro para os judeus (Lv 11,1-8) e não lhe era dado comer da lavagem servida aos animais. Chegando ao fundo do poço,

reconheceu o seu pecado como o profeta (Jr 31,19), recordou-se do bem estar até dos funcionários na casa paterna. Decidiu, então regressar, não como filho e sim, como trabalhador. E assim fez.

À distancia o pai o viu e, misericordioso, correu ao seu encontro com abraços e beijos. O filho se prostrou ante ele e confesso não ter direitos. O genitor saudoso o interrompeu; ordenou que providenciassem roupas, calçados e até anel, não tanto como enfeite e sim como carimbo de lacrar documento. Isto equivalia entregar-lhe o “cartão magnético da conta bancária”. E foi organizada uma festa com novilho gordo para celebrar o filho que “estava morto” e voltou vivo.

Começa a segunda parte ou a outra parábola. O primogênito, voltando do trabalho, percebe a festa e, por um servo fica sabendo o que acontecera. Recusa entrar em casa, mesmo ante os rogos do pai. Revela ter perdido o sentido de fraternidade. O pai vai ao encontro dele com a mesma paternidade acolhedora. Sem chamar-lhe de pai, o primogênito vitupera-o, recordando que sempre fora fiel, obediente e trabalhador. (O termo usado “*douleuein*” tem mais sentido de trabalho escravo). Afirma que jamais tivera um vitelo para celebrar com os amigos, enquanto que o “teu filho” (não usa nem o nome, nem a palavra irmão) que tudo perdeu em farra é recebido festivamente.

Sentida, mas significativamente, o pai lhe mostra que tudo o que possuía estava à disposição dele; agora, era justo celebrar o “teu irmão”. Ele estava morto e retornou vivo.

É de se descobrir Deus no amor misericordioso do pai para com os dois filhos, de modo especial para com o mais carente que abandonara a casa paterna pelos bens ilusórios do mundo. O primogênito, não acolhendo a alegria do pai que reencontrava o filho perdido, não retrataria a falsa filiação? Não retrataria, ainda, fraternidade e filiação hipócritas que ignoram o amor misericordioso do genitor?

Parábola de ontem para hoje: é de se confiar sempre no amor misericordioso e a acolhida em favor do irmão que retorna.

AINDA DURANTE UMA REFEIÇÃO (Lc 16,1-31)

1 – Lc 16,1-13. Numa verdadeira refeição, não somente os corpos são fortalecidos, mas também os corações dos comensais. Jesus ainda estava à mesa farta, servida pelo chefe dos fariseus (Lc 14,1); contudo, não deixava de servir iguarias para os corações.

Em forma de parábola, num primeiro momento, serve o prato da necessária sabedoria no uso dos bens materiais. Fala, então, do administrador infiel que soube, com os bens do patrão, preparar o “seu pé de meia”.

Um proprietário descobriu as falcatruas de seu administrador e lhe pediu prestação de contas. Este, sabendo que seria destituído, pensou no futuro: não tinha mais força para trabalhar, condições para arrumar outro emprego e nem coragem de pedir esmola. Planejou servir-se dos bens do patrão para garantir o seu futuro. Sabia que a um dos devedores cabia dar-lhe cem barris de óleo; combinou com ele que escrevesse cinquenta. Com outro, que devia cem sacos de trigo, que escrevesse oitenta. O proprietário não elogiou a desonestidade de seu administrador e sim sua astúcia: com os bens que não eram dele e sim do patrão, ele garantiu o próprio futuro.

Sem elogiar a desonestidade do funcionário, Jesus ensina que os discípulos devem usar a sabedoria do administrador para “garantir a vida eterna”. Concretamente ensina a bem usar os dons da inteligência, da saúde e dos bens materiais para com eles fazer o bem aos irmãos. Tudo o que os discípulos têm sejam usados como moedas para “comprar o céu”. As pessoas ajudadas pelo discípulo serão os amigos que o receberão nas moradas eternas. Se os “filhos deste mundo” são espertos para garantir a vida terrena, que os seguidores de Jesus saibam se servir dos bens de Deus em vista da vida eterna. O Mestre ensina aos seus usarem criteriosamente de tudo o que é, de tudo o que tem, em vista da eternidade (Lc 12,33). Trata-se do chamado “mamona” ou “dinheiro injusto” usado inteligentemente para o bem. Afinal, tudo o que é criado vem de Deus (Sl 14,1). Que os bens terrenos (chamados de injustos) sejam usados para a aquisição da vida eterna, chamada de verdadeiro bem (Lc 12,33). É impossível servir dois senhores; resta a escolha: ou Deus, ou o dinheiro e aquilo que ele representa.

2 – Lc 16,14-18. Jesus não é maniqueu, dos que consideram que as coisas materiais são essencialmente más. Afinal, foram criadas por Deus. Mas elas podem ser transformadas em ídolos. Por sinal, os fariseus achavam que os ricos o eram por serem justos. Logicamente, quem sofria, pagava por pecados cometidos consciente ou inconscientemente; e o livro de Jó é um grito conta a tese. Então, os fariseus caçoavam de Jesus pelas colocações que ele acabara de fazer sobre a pobreza.

Os Evangelhos acusam frequentemente os fariseus de ostentarem justiça perante as pessoas; mas tal hipocrisia não enganava Jesus que os denunciava (Lc 18,9-14). Deus, que sonda os corações e os rins (Jr 17,10), a saber, a interioridade do ser humano, condena a exterioridade hipócrita (Mt 23,27-32). Jesus, em colocação debatida, afirma que a Lei e os Profetas foram até João Batista. A partir de então, todos são convidados a entrar no Reino de Deus por meio do Evangelho. Em outras palavras, a Lei e os Profetas são e continuam sendo o mínimo necessário a ser vivido pelos que creem. O máximo a ser atingido é o amor cristão que não tem limites: é ser perfeito como o Pai Celeste o é (Mt 5,48). E esta solicitação é abertura para o infinito, sempre e cada vez mais solicitante. A Lei do Primeiro Testamento tem sua validade, na medida em que é lida na perspectiva da Nova Aliança, pois aquela é sinal e esta a perenidade. Jesus não veio para ab-rogar a Lei, mas para levá-la à perfeição (Mt 5,17). O Senhor dá a sua graça, mas da parte humana deve haver o maior esforço. Tudo pode passar, até o céu e a terra, mas não a Lei. É de se insistir: ela tem seu valor na perspectiva de Jesus, como se falou.

A afirmação de Jesus sobre o divórcio toca tanto o homem como a mulher e deve ser compreendida no contexto da Lei mosaica. A mulher era literalmente comprada pelo homem com ou sem o consentimento dela (Gn 29,20-29). Contudo, era direito do marido dar à mulher, com ou sem motivo, o libelo de repúdio pelo qual ele se “livrava” da esposa como se fosse mercadoria. Esta, porém, ficava vinculada a ele sem direito de se casar novamente. Foi então exigido um documento que a deixava livre para novo matrimônio (Dt 24,1-2). Diferentemente, ela poderia ser apedrejada como adúltera, enquanto que o marido só se tornava adúltero se tivesse caso com alguma mulher casada. A ele era dado até o direito da poligamia. Ao menos à mulher rejeitada era dado o direito de ter outro esposo e não ser apedrejada (Dt 24,2), assim como melhores condições de sobreviver.

Jesus toma o matrimônio, em si, como indissolúvel, mas não ignora as mazelas da vida. Então, que o ruim não piorasse. E que não fosse dado só à mulher o ônus de carregar as dificuldades da vida conjugal. Neste ponto, juntamente com outras vozes discordantes, Jesus se dava ao direito de criticar a Lei. Ele a condena quando são dados direitos apenas sob a ótica masculina. Para o Senhor, a esposa não é mera propriedade do marido.

3 – Lc 16,19-31. Jesus acabara de denunciar os que idolatravam o dinheiro (Lc 16,14) e que se colocavam como a nata dos religiosos em Israel. Contra eles é contada a parábola do pobre Lázaro (Deus tem misericórdia, Deus ajuda) que não é o personagem principal, mas o anônimo rico e os seus parentes que vivem a mesma falsa segurança. Em paralelismo antitético são colocados um rico pensando só em si e um pobre que simplesmente era indigente, marginalizado dos bens terrenos. Um esbanjava os dons de Deus e o outro era carente de tudo. Tinha a atenção dos cachorros e não dos humanos.

As chances diferentes na vida terrena mudam radicalmente na outra existência como Jesus preanunciara (Lc 6,20-24): um está na felicidade e não o outro. Este, que não dera a mínima atenção a Lázaro, pede ao pai Abraão que o pobre seja enviado para lhe saciar a sede com uma gota de água o que lhe é negado. O abismo que separou ambos na terra era maior na eternidade. O desnaturado filho de Abraão que ignorou o irmão, também descendente do Patriarca, pede a Deus que Lázaro seja enviado aos irmãos para alertá-los. É O Senhor que mostra, porém, que os familiares têm as Escrituras para orientá-los.

De nada adiantou a contra argumentação do rico, a de que eles se converteriam vendo um morto levando-lhes a mensagem salvífica. A isto lhe é afirmado que se não acataram a palavra viva e vivificante de Deus, muito menos acatariam a de um morto ressuscitado.

O REINO VAI CADA VEZ MAIS SE CONFIRMANDO (Lc 17,1-37)

1 – Lc 17,1-10. O Evangelista continua mostrando que o ponto alto da chegada do Reino de Deus estava cada vez mais próximo. Jesus vai se aproximando decididamente de Jerusalém, onde se daria o Mistério Pascal: Morte e Ressurreição. Assim mesmo continua administrando ensinamentos. Afirma que os escândalos são inevitáveis, mas lamenta que existam, assim como a sorte dos escandalosos. Melhor seria se atirar no mar com pedra amarrada no pescoço. Pior o escândalo ante crianças. Insiste na necessidade de perdoar o irmão que erra e que pede perdão; isto deve se dar indefinidamente (sete vezes sete).

Ante a exigência das colocações feitas por Jesus, os discípulos pedem fortalecimento na fé. Manifestam estar compreendendo que fé não é apenas adesão mental a verdades propostas, mas sim comprometimento vivencial com elas. Este modo de crer faria com que acontecesse o aparentemente impossível: o traslado de uma montanha ou amoreira para o mar.

Para revelar a necessidade do fiel se colocar abandonadamente nas mãos do Senhor, o Mestre apela para o contexto de então: cabia ao escravo executar o trabalho devido e nada exigir do dono como recompensa. Assim, vida religiosa implica viver no bem sem a mínima exigência de recompensa; pede gratuidade. Mesmo fazendo tudo o que foi pedido pelo Senhor, é do discípulo dizer: fiz tudo o que deveria ter feito.

2 – Lc 17,11-19. Sempre a caminho de Jerusalém, perto de lugar indeterminado entre Samaria e Galileia, Jesus encontrou um grupo de dez leprosos. Eles deviam se afastar do convívio familiar, social. Além disto, tinham que manter certa distância dos sadios com os quais se encontrassem (Lv 13,45-46). Dadas as condições sociais, alimentícias e higiênicas de então, a hanseníase ou lepra proliferava na Palestina. Além disto, qualquer mancha na pele era tida como doença, chegando ao exagero de considerar paredes mofadas ou lascadas como leprosas (Lv 13,1-14,57). É de se imaginar o número de pessoas afastadas da família e da sociedade, assim como a ânsia que tinham de voltar à vida comum. Foi neste espírito que os dez “doentes” gritaram a Jesus pedindo-lhe a cura; este os mandou se apresentarem ao sacerdote. Estes não curavam, mas somente deviam constatar a cura ou não, a saber, o estado de pureza ou de impureza legal.

Durante o caminho, os dez se viram curados. Estranhamente, apenas um voltou a Jesus e, mais estranhamente ainda, ele era samaritano, do povo tão desprezado pelos judeus. As três perguntas de Jesus levam a questionamentos que merecem reflexão pessoal. Sintetizando: não basta a cura da “lepra” externa, que hoje está sendo cada vez mais conquistada pelos nossos cientistas. E a outra? A cura verdadeira é a que leva a Deus e aos irmãos.

3 – Lc 17,20-37. Como se as revelações e manifestações de Jesus nada dissessem, como a cura dos leprosos, fariseus interrogam: quando viria o Reino de Deus? É de se recordar que a expectativa judaica era deixarem de ser submissos a reis estrangeiros despóticos (direito legítimo), para serem eles os exploradores dos outros povos (Sl 2,6-9), o que é plenamente lamentável. Ao questionamento Jesus responde que o Reino não chegará de modo detectável, mensurável. Nem mesmo localizável: aqui, ali, acolá. Deviam reconhecer que, de modo especial por Cristo, ele já se fazia incoativamente presente, constatável, detectável e atuante no seio da humanidade e nos corações humanos.

Depois, o Mestre, dirigindo-se aos discípulos (Lc 17,22-37), anuncia-lhes tempos difíceis, sem a sua presença física que será cada vez mais suspirada. Refere-se ao que sucederá após a sua morte até a revelação plena. Não é de se procurar o Senhor cá e lá, como faziam os judeus; de modo especial o

procuravam no deserto (Lc 3,15-17). Assim, a comunidade cristã esperaria a revelação final do Senhor vitorioso e como juiz a premiar os bons e deixar os maus nas opções que fizeram. Antes o Senhor passaria pela morte na Cruz e haveria, depois, em tempo não revelado, a vitória final.

É recordado o tempo de Noé: foi anunciada grande catástrofe purificadora, porque grande parte das pessoas pensava apenas em seus interesses imediatos; e veio o dilúvio (Gn 6,5ss). Assim acontecerá na vinda do Filho do Homem. O tempo não é determinado; simplesmente se pede vigilância contínua. É como o ladrão que não avisa a hora do assalto ou do roubo (Lc 12,39-40). A urgência da vigilância é ilustrada pela destruição de Sodoma, cuja população foi indiferente aos apelos de conversão (Gn 19,1ss). Isto é imagem pálida da revelação do Filho do Homem, que chegará inesperadamente. É de todos estarem preparados para o encontro definitivo com ele. Que, como Lot, ninguém olhe para trás, diferentemente da mulher dele, preocupada com os bens deixados (Gn19,26). Entre valores e valores, é de se optar pelos eternos, os que propiciam a felicidade plena. Acontecerá distinção entre as pessoas, conforme a opção que fizerem na terra, conforme os bens que elegerem, mesmo se aparentemente estejam vivendo ou fazendo a mesma coisa.

Ao questionamento feito pelos discípulos sobre o tempo do anunciado, o Senhor dá resposta enigmática que desafia os estudiosos.

O REINO IMPLICA LUTA CONSTANTE CONTRA O MAL (Lc 18,1-43)

1 – Lc 18,1-8. A luta contra o mal é de sempre e para sempre. Desde o início o Senhor enviou seus mensageiros para que tomassem partido contra o mal e as injustiças na face da terra (Is 10,1-2). E não faltam os que optam pelo mal em detrimento do bem. Em ambiente tão adverso, a oração perseverante se faz necessária; ela é a força do fraco.

É muito difícil para os pequenos quando, em um ambiente impregnado pela maldade, os responsáveis pela justiça não a defendem. Mais do que falar sobre a necessidade da oração, a parábola revela a urgência da perseverança: o responsável pela justiça na cidade não temia Deus, não acatava as suas leis, por isso se absolutizava. Em casos semelhantes, as pessoas mais fracas são as primeiras vítimas. Uma senhora que além de viúva era pobre e não podia contar com bons defensores, não era bem atendida pelo magistrado; então, servia-se da única arma disponível: persistência, vencer pelo cansaço; assim ela conseguiu o objetivo que pretendia.

Jesus conclui o seu ensinamento: se o juiz injusto que não temia a Deus e não respeitava as pessoas atendeu a pobre viúva pela sua insistência, é de se pensar no Senhor santo e santificante, como se comportará com os verdadeiros suplicantes, com os que estão dia e noite em comunhão com ele. Fará a justiça divina, que não é apenas dar a cada um o que merece e sim a que justifica, eleva e transforma a partir de dentro como que em nova criação. E isto de imediato e em crescimento dinâmico.

A interrogação: “o Filho do Homem encontrará fé quando vier?” leva os estudiosos a questionar se a fé é autêntica, se parte do fundo do coração e não da vida religiosa de aparência, de exterioridade. Na verdade, trata-se da que parte do amor vivido por Cristo, e a ser assumida pelos discípulos (Jo 15,12-13).

2 – Lc 18,9-14. Tendo presente que existem tipos diferentes de oração, uma vez que é possível orar com a exterioridade que caracterizava os fariseus (Mt 6,5-8), Jesus volta de imediato ao tema. Agora o texto leva a prece ao interior do coração, à abertura à graça de Deus e não à autossuficiência pela qual Deus é dispensado. O Evangelista deixa claro que a parábola que Jesus contou mostra a distinção de quem se coloca como carente de Deus, portanto abandonando-se em suas mãos. Em contrapartida, está a oração do fariseu que reza com autossuficiência, como ateu que se exalta a si mesmo e implicitamente diz não precisar de Deus. Trata-se de religião atea. A situação é a mesma: duas pessoas estão no templo para, aparentemente, rezar. Uma, o fariseu, pessoa tida como essencialmente religiosa, ostensivamente de pé, se proclama não ser como os outros: ladrões, desonestos, nem como o desprezível cobrador de impostos que estava ao lado. Pagava o dízimo (Dt 14,22-29) e jejuava mais do que o preceituado pela Lei (Lv 16,29-31). Bastava-se a si mesmo pelo seu “praticismo religioso”; não precisava de Deus.

O “desprezível” cobrador de impostos se coloca abandonadamente nas mãos misericordiosas do Pai; sente-se o carente de Deus. Nem ousa dirigir-lhe o olhar. Reconhecia-se pecador, necessitado da misericórdia divina; então, suplicava o perdão.

Jesus dá a sentença final, condenando aquele que, por sinal, não se declarou carente de Deus, apenas apresentou-se autossuficiente. O cobrador de impostos, ao contrário, foi justificado pelo Senhor, pois se revelou necessitado dele, de sua ação misericordiosa. O falso orante apenas se apresentou vangloriando-se; voltou com as mãos vazias. O outro se abriu como carente de Deus e foi por ele acolhido, pois quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado.

3 – Lc 18,15-17. Em contraste com a atitude do fariseu, o Evangelho apresenta Jesus acolhendo as crianças, que são consideradas modelos de vida cristã.

Crianças são apresentadas pelas mães a Jesus possivelmente como santo, pois dele poderiam advir as bênçãos divinas; ou então, como mestre que poderia acolhê-las dando sábias orientações às mães. Entre os pequeninos havia também recém-nascidos. Os discípulos não acharam conveniente achegá-los ao Mestre. Queriam poupar o Mestre? Não consideravam as crianças “dignas” de bênçãos? Textos rabínicos afirmam que, ensinar a Lei de Deus às crianças e às mulheres era perder tempo ou causar-lhes mal maior. O certo é que Jesus reage contra a atitude dos discípulos e acolhe tanto as mães como as crianças. Afinal, faziam parte dos mais desamparados, mas eram privilegiadamente acolhidas no Reino de Deus. Recusar um desses pequenos era recusá-lo. A criança, além de ocupar lugar privilegiado no referido Reino, é um de seus cidadãos natos (Mt 18,1-5).

4 – Lc 18,18-30. Como que dando sequência ao que se considerou anteriormente (Lc 18,15-17), mas sem descambar no maniqueísmo, Jesus acolhe os bens materiais por terem sido criados por Deus. Nem por isso, deixam de correr o perigo de se transformarem em verdadeiros ídolos. Este perigo é denunciado pelo Mestre ao atender alguém importante. Além disto, é empecilho a quem deseja seguir radicalmente o Senhor. Primeiramente, tal pessoa pergunta: “bom Mestre, o que é necessário para possuir a vida eterna?” Jesus diz que somente o Pai é bom. Embora o Mestre não tenha absolutamente nada que o desdoure, ele era também humano e, com isto, assumiu mazelas da humanidade, o que não acarreta o pecado. Quando João afirma que Jesus assumiu carne (Jo 1,14), implicitamente fica a impressão de que ele é pecador. Entretanto, em Hb 4,15, está esclarecido que ele se fez em tudo semelhante aos mortais, menos no pecado.

De imediato, o Mestre dá as orientações gerais e comuns a todos os mortais: seguir o que a Lei propunha a todos, a saber, evitar os pecados e abraçar as virtudes. Coisas que o interessado já fazia desde a juventude; mas ele tinha ambições mais altaneiras. Então o Senhor lhe propõe passos mais radicais: vender tudo e dar aos pobres para que, mais desimpedido e destemidamente pudesse segui-lo. Deixaria tesouros terrenos em vista dos celestiais. A proposta de Jesus pede radicalismo e o Mestre dá o veredito: “depois, venha e siga-me”. O “muito rico” (Lc 18,23) que desejava ser missionário riquíssimo e não riquíssimo missionário ficou triste e desapareceu sem dizer palavra.

Sem dizer que é impossível, Jesus desabafou: “como é difícil os ricos entrarem do Reino de Deus”. Para ilustrar, disse que um camelo passaria mais facilmente pelo buraco de agulha do que um deles entraria no Reino do Céu.

A reação dos presentes foi pronta e espontânea ante a dificuldade da pertença ao Reino: seria ele inacessível aos que possuem bens terrenos?

Jesus não podia deixar sem resposta o justo questionamento das pessoas. Mostra que o pecado humano pode ser grande, mas maior é a misericórdia divina. Há sempre uma réstea de luz para os pecadores; afinal, na cruz Jesus rogou ao Pai que perdoasse aos quem o crucificavam (Lc 23,34).

Pedro, seguramente em nome de todos, mostra que eles abandonaram o pouco que tinham para seguir o Mestre. Isto teria algum significado? A isto o Senhor acresce com um “amém” que equivale a juramento: quem deixou coisas, sem distinguir se muitas ou poucas, mas de modo especial os familiares, para colocar-se ao serviço do Reino, receberá bens superiores nesta vida, acrescidos da vida eterna. Resumindo: passa a ter especial família na terra e especialíssima na eternidade.

5 – Lc 18,31-34. Jesus relata aos apóstolo o que lhe aconteceria: iria não tanto para Jerusalém, mas para a cruz, submetendo-se a torturas. Ressuscitaria não propriamente para se revelar vencedor, mas para que pela ressurreição todos descobrissem a própria razão de ser no mundo. Isto tudo foi revelado de modo especial aos seus. Não se tratava de algo fortuito, mas predito pelo Pai por meio de seus

profetas. Tudo seria coroado pela ressurreição de Cristo, que não seria mera vitória pessoal, mas na dele estava a de todos que o acolhiam como Salvador.

Contudo, os seus estavam totalmente absorvidos por valores terrenos (Mc 9,34).

6 – Lc 18,35-43. Jesus operara os mais diversificados sinais ou milagres em favor das pessoas. A grande maioria, porém, visava só o benefício e não o benfeitor. Uma vez agraciadas, desapareciam. Então, o Mestre foi se dedicando mais aos discípulos que dariam continuidade à missão que lhes outorgara. Neste contexto surge a cura do cego de Cafarnaum. Na ocasião, era grande o fluxo de pessoas passando pela cidade a caminho de Jerusalém, onde celebrariam a páscoa. As duas cidades distam menos de 30 quilômetros entre si. Um cego esperou, na ocasião, à beira do caminho, comover peregrinos e arrecadar dinheiro. Sabendo que Jesus passava, gritou por ele, a ponto de incomodar pessoas que, debalde, pediam-lhe silêncio. Mas ele insistia. Então, o Mestre pediu que o levassem a ele, quando o doente rogou a graça de ver novamente. Uma vez curado, o agraciado passou a glorificar a Deus, no que foi acompanhado pela multidão.

É digno de nota que Marcos, narrando o mesmo acontecimento, afirma que o cego se chamava Bartimeu e que, ao ser curado, deixou o manto e seguiu Jesus (Mc 10,46-52). Deixar o manto era o mesmo que deixar sua casa e se tornar discípulo. Esta tese é reforçada por terem retido o nome do agraciado, o que indica que ele passou a fazer parte dos primeiros cristãos.

JERUSALÉM MATA OS PROFETAS (Lc 19,1-48)

1 – Lc 19,1-10. Jericó, tida como a cidade mais antiga do mundo, limítrofe entre Israel e a Perea, dista uns 28 quilômetros de Jerusalém. Não obstante tão pequena distância entre elas, esta se situa a 754 m acima do nível do mar e aquela, a cerca de 400 m abaixo. O trânsito entre ambas era intenso, máxime nas proximidades da páscoa que aconteceria semanas depois do fato acenado pelo texto bíblico em estudo. Nela, Zaqueu exercia seu múnus de chefe dos cobradores de imposto. Era rico, mas seguramente odiado pelos judeus, pois sua profissão levava-o a ser considerado colaborador dos romanos, pessoa indigna de consideração.

Sabendo que Jesus passava pela cidade a caminho de Jerusalém, queria vê-lo, mas devia enfrentar dois obstáculos: estava no meio da multidão e tinha baixa estatura; o segundo era o desprezo do povo, como se viu. Então, não hesita em subir numa árvore. Isto não passou despercebido pelo Mestre que o chamou pelo nome, Zaqueu, que significa justo ou puro. Os judeus o desconsideravam e Jesus, mesmo sabendo-o rico, por isso com dificuldade de pertencer ao Reino de Deus (Mt 19,23-24), chama-o pelo nome e vai ao seu encontro querendo ser por ele acolhido.

Isto não passou imune aos que se julgavam justos: criticaram o Mestre por se achegar a um “pecador”. Mas a resposta vem da confissão que Zaqueu fez a ele, revelando o que fazia com os seus bens: era justo e caridoso. E Jesus mostra que, com sua salvação, bate à porta de todos. Mostra que veio para salvar as pessoas de boa vontade (Lc 15,1-7).

2 – Lc 19,11-28. Ouvindo a murmúrio, Jesus contou uma parábola aos que pensavam que o Reino de Deus estava prestes a chegar. Provavelmente ela se baseava em fato real acontecido há pouco mais de trinta anos. Com a morte de Herodes, seu filho Arquelau, pretendendo o trono foi a Roma. Uma comissão de dezenas de judeus também foi para lá colocando-se contra o projeto. Para se vingar, ele eliminou a todos e passou a reinar despoticamente, o que fez a Sagrada Família não se fixar na Judeia ao regressar do Egito (Mt 2,19-23). Este contexto histórico facilitava os ouvintes de Jesus a melhor compreender a parábola contada por ele. Dirigia-se dirigia a pessoas que esperavam o Reino de Deus de imediato.

Na parábola, um pretendente ao trono partiu para longe, a fim de assegurar a coroa real. Antes deixou cem talentos, isto é, grande fortuna nas mãos de dez pessoas, para que os fizessem render. Mas os súditos odiavam a pessoa que ambicionava o trono e mandaram emissários dizendo que não o queriam rei. Mas a missão fracassou. Quando o pretendente ao trono regressou e já tendo assumido o poder, exigiu dos dez que receberam dinheiro, que prestassem contas do uso feito. Os que fizeram o dinheiro frutificar foram sendo retribuídos proporcionalmente ao empenho. Um deles, porém, devolveu a fortuna intata, sem prejuízo, mas também sem lucro. Foi servo indolente, irresponsável. Nem mesmo colocou o dinheiro no banco para que rendesse; ele o escondeu num lenço. O rei pegou o dinheiro que lhe fora restituído e o distribuiu aos servos diligentes, responsáveis e operosos. A parábola ensina que não se deve apenas evitar o mal, mas também operar o bem.

Em seguida, voltam à cena os que foram fazer oposição ao rei: eles são eliminados.

Assim o Senhor mostra o que pode acontecer com os que acolhem o Reino de Deus, com os que não o recebem (os judeus) e com os que o recebem infrutuosamente. Estes são os discípulos omissos.

Depois destes ensinamentos, o Mestre reassumiu o caminho para Jerusalém.

3 – Lc 19,29-40. No arrabalde de Jerusalém, no monte das Oliveiras, se situam duas pequenas vilas: Betfagé e Betânia. Nesse monte ocorreria a vitória de Javé sobre seus opositores (Zc 14,3-5). Nele, mesmo

transpirando sangue, Jesus acatou a vontade salvífica do Pai e foi glorificado (Lc 24,50; At 1,12). Betânia, a mais distante do centro de Jerusalém dista cerca de três quilômetros. A estrada mais antiga estava na parte alta do monte das Oliveiras.

Jesus envia dois discípulos dando-lhes pormenores do proprietário e da cavalgada sobre a qual o Senhor entraria na cidade. Tudo aconteceu como fora predito por ele. O jumento foi adornado com os mantos, seguramente dos discípulos, e cavalgando-o, Jesus se dirige solenemente a Jerusalém. À descida do monte, ante uma das portas da entrada, parte da multidão de peregrinos que para lá se dirigia para celebrar a páscoa e parte da população, receberam festivamente Jesus. A multidão acolhia com cantos de louvores o especial peregrino e rei que chegava em nome de Deus.

Alguns fariseus, tradicionais inimigos de Jesus, pediram-lhe que proibisse aos discípulos tanta manifestação de carinho, acato e veneração. Mas respondeu-lhes Jesus: “se eles se calarem, as pedras gritarão”.

4 – Lc 19,41-44. Jesus, que amava a cidade e seus habitantes, não podia tolerar o que os grandes nela tramavam contra ele, que oferecia a salvação. Então, chorou sobre a cidade que, no ano 70, seria destruída pelos romanos e sua população, morta ou tangida como escrava para as mais diversas regiões. Dela, realmente, não ficou pedra sobre pedra, a começar pelo templo, orgulho nacional. E Jesus desejou acolher os habitantes da cidade como a choca faz com os pintainhos (Mt 23,37-38).

5 – Lc 19,45-48. Para as Escrituras, Deus não precisa de residência feita por mãos humanas para morar (At 17,24-25), pois ele transforma o coração humano em moradia (1Cor 3,16-17) assim como se faz presente na comunidade que vive a comunhão (Mt 18,20). As pessoas é que carecem de lugar para celebrações e encontros comunitários.

Jesus se revolta vendo o templo transformado em casa de comércio, onde se vendia animais para os sacrifícios. Dada a dificuldade de as pessoas de levarem as vítimas para as imolações, como o cordeiro pascal que seria imolado na festa da páscoa, os animais eram vendidos na explanada do templo, logicamente com preço inflacionado. O mesmo acontecia com o dinheiro corrente que era considerado impuro e precisava ser trocado por outro especialmente cunhado para tal, logicamente também inflacionado. O templo se transformara em espelunca de ladrões.

Além de combater os desvios que aconteciam no templo, Jesus se servia dele para doutrinar os que lá se reuniam, servindo a todos o pão da palavra.

Por isso os exploradores do templo, o clero, os doutores da Lei e a nobreza do povo procuravam meio para eliminar Jesus sem ocasionar revolta popular., pois as pessoas simples se entusiasmavam com o Mestre e com o seu ensinamento.

PODER X AUTORIDADE (Lc 20,1-47)

1 – Lc 20,1-8. O alto e o baixo clero, os doutores da lei, os fariseus, os saduceus e os romanos detinham o poder. Legítima ou ilegítimamente, estavam organizados e faziam a política que mais e melhor lhes convinha. Todavia, não tinham autoridade, não eram autênticos, não estavam a serviço do bem, da verdade, das pessoas. Jesus, ao contrário, tinha a chancela do Pai, era autêntico e despojado de interesses. O povo, intuitivamente, sentia a diferença e, sabiamente, tomava partido. Neste ambiente, enquanto Jesus ensinava no templo e encaminhava os ouvintes a Deus e ao próximo, seus inimigos pediram que se “identificasse”, que provasse a “autenticidade do seu poder”. Afinal, queriam saber em nome de quem ele agia e falava.

Jesus usa recurso bastante comum entre os judeus, no debate: a contra pergunta; assim, responde fazendo questionamento. Então pergunta aos inquisidores se o batismo de João era ou não do céu. O povo reconhecia a chancela, a autoridade divina do ministério do Batista. Então, se os inimigos do Senhor negassem, estariam se colocando contra o testemunho do céu, contra a intuição do povo. A contrário, reconhecendo-a, teriam que acatar o seu testemunho favorável a Jesus (Lc 3,15-22). Hipócrita e falsamente, os inimigos responderam ao Senhor que não sabiam. Jesus, para confusão e maior ódio dos seus inimigos lhes negou dizer donde lhe vinha toda sua autoridade. Deixou-os envergonhados ante o povo e em questionamento ante a própria consciência.

2 – Lc 20,9-19. A parábola dos vinhateiros desonestos ilustra o diálogo entre Jesus e as autoridades judaicas que o questionavam. Antes de partir para o exterior, proprietário previdente investiu em fecundo vinhedo e arrendou a vinhateiros capazes para que dessem continuidade ao investimento. Na época da colheita enviou sucessivos funcionários para que recebessem o que era do patrão; estes foram agredidos e até mortos. Finalmente, mandou para lá o filho, o herdeiro, esperando que ao menos este fosse acolhido. Não só foi morto como também profanado, jogado fora sem honras fúnebres.

A reação do dono da vinha ante o que os vinhateiros fizeram com o filho, foi eliminá-los e escolher outros funcionários que substituíssem, com dignidade, os primeiros.

Possivelmente a tabela com os seus confrontos pode ilustrar a parábola de Jesus:

Proprietário da vinha	Deus
Vinha	Israel
Vinhateiros	Autoridades judaicas
Vindima	Tempo salvífico
Emissários não acolhidos, assassinados	Patriarcas, profetas
Filho querido, herdeiro	Jesus
Morte e profanação do filho	Jesus crucificado como maldito (Dt 21,22-23)

A vinha passará para outros que, por sinal, não são especificados. Mas tudo indica serem os sucessores de Jesus, os cristãos oriundos de todos os povos. As autoridades compreenderam a mensagem e pretenderam prender Jesus, mas temeram a reação da multidão.

Citando o Sl 118(117),22, no qual é dito que a pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a fundamental, Jesus se refere à própria morte na cruz, morte que o fazia “maldito de Deus” (Dt 21,22-23), mas que por ela e pela sua ressurreição, elevou o gênero humano à sublimidade (Fl 2,5-11). Na ressurreição de Jesus, incoativamente, já está acontecendo a dos discípulos (Cl 3,1-3).

As autoridades judaicas compreenderam a referência feita a elas; mas não colocaram as mãos em Jesus com medo do povo. Os corações assassinos dariam, na hora certa, o golpe mortal.

3 – Lc 20,20-26. Os romanos dominadores levavam segurança, organização e serviço aos povos dominados, mas cobravam tributos. Ordinariamente, faziam leilão público e quem arrematava tal serviço o exercia com maior ou menor justiça. Tais pessoas passavam a ser consideradas colaboradoras com os dominadores, e eram odiadas.

Aparentando pureza de intenção, autoridades judaicas, com coração assassino, enviam pessoas mais do que venais, para fazer pergunta aparentemente inocente, ao Senhor. A questão proposta era da licitude ou não de pagar tributo aos dominadores. Antes não deixaram de, hipocritamente, fazer elogios a Jesus para, a seguir, lançar o veneno em pergunta capciosa: se era ou não justo pagar o tributo exigido por Roma. Se Jesus dissesse que era para pagar o referido tributo, seria acusado, perante o povo, de ser favorável aos dominadores, aos romanos. Dizendo não, os seus inimigos o acusariam, perante o tribunal romano, de que o Mestre era um agitador, era contra Roma.

O Senhor não foge da questão, mas faz com que as serpentes morram do próprio veneno; então pede a eles a moeda do tributo. Tinham e mostraram-na; era sinal que pagavam. Numa de suas faces estava a imagem do imperador e na outra a da imperatriz. A Lei vetava aos judeus terem imagem (Ex 20,4). Além disto, na moeda o imperador é invocado como “divino”, o que era idolatria. Isto tudo falva de per si. “Para bom entendedor, meia palavra basta”. O Mestre então pergunta: “de quem é a inscrição e a imagem que está na moeda”? Como eles afirmam ser de César, Jesus conclui: “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Resumindo: as realidades terrenas devem ser acolhidas como tais, quer na sua utilidade, quer nas suas limitações. A realidade celeste, porém, deve ser acolhida como perene, transcendental, pois nela o ser humano se plenifica.

4 – Lc 20,27-40. É de se ter presente, preliminarmente, que fariseus e saduceus discordavam entre si sobre a questão da ressurreição. Os primeiros, que gozavam de maior aceitação no meio do povo, a aceitavam; os outros, constituídos pela classe alta, incluindo os sumos sacerdotes que tinham como Palavra de Deus somente o Pentateuco, negavam-na. No caso, os falecidos ficavam em lugar ermo, escuro, incomunicável, sem sofrimento, mas também sem glória. Os fariseus, ao contrário, acolhendo o Primeiro Testamento, aceitavam também a glória celestial, a ressurreição.

A outra questão é a do levirato. Ela está estatuída em Dt 25,5-10. Em vista da perpetuação do nome, se alguém morresse sem ter filho, o irmão mais velho deveria assumir a viúva e com ela gerar uma criança. Esta, para todos os efeitos, era considerada filha do falecido. Não o era biologicamente, mas legalmente (Dt 25,5-10).

Arrimados em sua doutrina, os saduceus expõem a Jesus história possivelmente hipotética: sete irmãos (o sete indica muitos, totalidade), assumiram, sucessivamente, a esposa do primeiro deles que morrera sem descendência e o mesmo acontecera com todos. Havendo ressurreição, questionaram o saduceus a Jesus: “na glória, de quem a viúva será esposa, se todos se casaram com ela, na terra?”

Jesus afirma que a vida na eternidade não é prorrogação da terrena em estágio melhorado, mas que é bastante diferente, pois nela não há necessidade de casamento, uma vez que a grande comunhão dispensa a de um homem com uma mulher e muito menos em vista da procriação. Não há necessidade de casamento em vista da perpetuação da espécie humana. Uma vez que o ressuscitado, na glória é como anjo, participando de amor elevado, não há necessidade de casamento com a finalidade de procriação ou de complementação de si mesmo por meio do cônjuge. Trata-se de algo superior a mundo e que olhos jamais viram e ouvidos jamais ouviram nem coração jamais pressentiu o que Deus preparou aos que ama (1Cor 2,9). A eternidade dispensa, então, a vida sexual, pois não há necessidade da procriação. São como anjos e até mais: são filhos de Deus, introduzidos na vida divina.

Todavia, para os saduceus era importante trazer argumentação do Pentateuco, pois acatavam, como se viu, apenas os primeiros cinco livros da Bíblia. Jesus mostra, então, que Moisés em Ex 3,6 revela a ressurreição, uma vez que Abraão, Isaac e Jacó, que foram fiéis na vida terrena, são comunhão com ele na eternidade. Assim termina Jesus: “Deus é Deus dos vivos e não dos mortos” (At 3,13). Portanto, o Mestre demonstra Jesus aos saduceus, que a ressurreição é sublime revelação na glória, para os mortais que foram comunhão na terra. Isto fica mais claro com a expressão “todos” (*panta*) vivem para ele” (Lc 20,38), o que demonstra que não só Abraão, Isaac e Jacó vivem ressuscitados, como também os demais fiéis.

Alguns doutores da Lei, presentes, aprovaram a resposta de Jesus e ninguém mais contestou a tese que ele defendeu, mesmo servindo-se só do Pentateuco.

5 – Lc 20,41-47. Jesus aproveita a ocasião para dirimir dúvidas a respeito do Messias. Baseados em 2Sm 7,12-17; Sl 89(88),20-53 e outras passagens, muitos afirmavam que ele era filho de Davi. Jesus argumenta: como o Messias pode ser filho do rei se este o chama de “meu Senhor” (Sl 110[109],1)? É de se recordar: este Salmo foi atribuído a Davi e era assim que se acreditava então. Concluindo, Jesus é descendente de Davi, mas em sua natureza, Ihe é superior.

A seguir, dirigindo-se aos discípulos, o Mestre os alerta para que não se igulassem aos doutores da Lei que amam a ostentação, querem ser distinguidos, honrados, terem lugares destacados nas sinagogas. Contudo, enriquecem às custas das viúvas, expoliam suas casas e ocultam a vida pregressa com longas orações. Ao Senhor o mais importante não é a exterioridade e sim a singeleza de coração.

O FIM NÃO CHEGOU, MAS ESTÁ PRÓXIMO (Lc 21,38)

1 – Lc 21,1-4. Nem tudo o que brilha é ouro. A exterioridade e interioridade deveriam ser um todo coeso, uma coisa só. Mas podem se desdizer ou contradizer.

Como que dando continuidade ao que foi dito em Lc 20,41-47, é narrado o que Jesus contemplou numa das salas de coletas de esmola, no templo. Sabe-se que no templo, que seria destruído pouco mais de 30 anos depois de Cristo, existiam várias caixas de coleta. Quem oferecia, declarava ao sacerdote o quanto ofertava e qual era a finalidade, para que fosse colocada no devido receptáculo. Era comum que, conforme a oferta, acontecessem aplausos.

Entre pessoas ricas que faziam ofertas, uma viúva pobre doou duas “leptas”, com o que se comprava pouco mais de 100 g de pão. Quantitativamente, a humilde senhora ofertou muito menos do que os demais ofertantes, mas qualitativamente ela deu muito mais; não ofereceu resto, mas algo de si mesma. Foi louvada por Jesus que se doou em holocausto para a redenção universal (Hb 9,12-14).

2 – Lc 21,5-11. Pessoas entusiasmadas comentavam as reformas do templo feitas por Herodes que teriam durado mais de quarenta anos (Jo 2,20). Entretanto, segundo Flávio José, foram menos de dez anos.

Ante pessoas que comentavam a grandiosidade da obra com enormes pedras esculpida, Jesus afirmou que dias viriam quando não ficaria pedra sobre pedra. Dado que as palavras provinham do Mestre, os ouvintes pediram dados mais concretos, como sinais. Ele responde, fazendo referências a dados históricos, concretos e próximos. Adverte, também, que pessoas abusadamente, fariam em nome dele. Seriam falsos profetas que não deveriam ser ouvidos, anunciadores de fim eminente; não deveriam ser seguidos. Concretamente, o Mestre se referia a choques entre grupos judeus e destes com os romanos que então dominavam a Palestina.

Antecipando o que será dito em Lc 21,25-26, nos versículos 10 e 11, o Mestre se abre à chamada revelação escatológica, como a descrever o fim dos tempos com o juízo final. Então, isto é, no devido tempo, haverá um cataclismo geral: povo se levantará contra povo, acontecerão terremotos, peste, fenômenos terríveis. A linguagem é tipicamente escatológica, modo de falar do final do tempo, o chamado juízo final. Chega-se à grande revelação da época apocalíptica, maneira de se anunciar a vitória do bem sobre o mal.

3 – Lc 21,12-19. Jesus, que até então falara a ouvintes em geral, agora se dirige diretamente aos seus. Anuncia à comunidade cristã nascente que sofreria perseguições pelo simples fato de seguir o Senhor. E assim o testemunharia. É dos discípulos, em tudo, darem testemunho do Mestre que, pelos seus, arrostou os maiores tormentos físicos e morais (Dt 21,22-23). O Senhor se faria presente em seus julgamentos e, assim sendo, não careceriam de defesa prévia, pois lhes seriam dadas palavras sábias, sem falar no seu testemunho de vida. Pelo simples fato de serem tais, seriam perseguidos até pelos irmãos e amigos. De tal modo Jesus minimiza a sofrida missão de seus seguidores, que chega a exagerar em sua comparação: a de que não perderão um fio de cabelo da cabeça. Esta promessa só é possível ser feita, fazendo confronto entre bens materiais, passageiros, com os sobrenaturais, eternos.

5 – Lc 21,20-24. Como que tendo presente o que aconteceria com Jerusalém no ano 70, por sinal, bem documentado por Flávio José, testemunha ocular, Jesus descreve que Jerusalém antes seria cercada e sofreria grandes de catástrofes. Quem pudesse se afastasse da cidade. O Senhor fala de acontecimento histórico sem se referir à escatologia, ao fim do mundo.

O que Lucas descreve sobre o cerco, tomada e destruição de Jerusalém, bem como sobre a sorte dolorosa de seus habitantes, são dados comuns que acontecia com toda cidade sitiada e tomada.

Contudo, os pormenores que traz sobre tamanha catástrofe, parecem ser de quem estava presente e relata tudo.

6 – Lc 21,25-28. Em Lc 21,10-11, o Evangelista descreve as convulsões cósmicas que antecederão a vinda final de Jesus como juiz, a chamada parusia. Depois, narra a sorte dos discípulos ou da igreja que seriam perseguidos até no seio da família (Lc 21,12-19). Em novos versículos (Lc 21,20-24), acena ao à sorte de Jerusalém e de seus moradores, o que realmente aconteceu no ano 70: ela foi destruída, uma parte dos habitantes morreu e a outra foi transformada em escravos. Agora (Lc 21,25-28) o Evangelista reassume a narração escatológica abordando os últimos acontecimentos na história do mundo.

Ao falar do chamado fim do mundo ou do juízo universal, Lucas afirma que haverá sinais no céu e na terra; nesta, as nações se desesperarão, o mar se convulsionará e as pessoas desmaiarão de medo ante tamanha catástrofe no mundo. Todos, então, verão o Filho do Homem, Jesus, chegando sobre nuvens, com poder. Os justos poderão ficar serenos, pois estará chegando a libertação. A narração não é descritiva e sim apoteótica; modo figurado de descrever algo triunfal inspirado em Dn 7,13. Trata-se da vitória do bem, da santidade sobre a maldade, dos santos sobre os que elegeram a mal como sua razão de ser.

7 – Lc 21,29-37. O Evangelista estava interessado não só em anunciar a vinda de tudo o que predissera, a saber, do Reino de Deus. Serve-se, então, do infalível recurso meteorológico da época, que anunciavam a chegada da primavera: a figueira. Ela fica despida de folhas, no inverno; quando despontam os brotos nos ramos esqueléticos, é sinal que a primavera chegou.

Assim, a chegada dos acontecimentos anunciados era o princípio dos mistérios pregados. Lucas, hiperbolicamente, exagera a chegada inevitável do Reino, falando que se daria na geração presente. Diz que as palavras do Senhor são infalíveis; o mundo passará, mas não o anúncio do Mestre.

Lucas retoma a necessária vigilância para a chegada do Reino (Lc 12,36-38), inculcando que ela não fosse olvidada com preocupações essencialmente materiais: gula, embriaguez e outras mais, como as do rico agricultor (Lc 12,16-21), ou do insensível ao sofrimento de Lázaro (Lc 16,19-31). O dia estatuído chegará como a rede lançada que apanha peixes distraídos. Vigilância e oração são indispensáveis para se “estar de pé”, isto é, seguro ante o severo juiz.

Os últimos dias de Jesus em Jerusalém, que culminaram com a Paixão, Morte e Ressurreição, eram de pregação no templo durante o dia e de oração no monte das Oliveiras, durante a noite. A Páscoa estava próxima e milhares de peregrinos se assomavam à população de Jerusalém e ávidos, de manhã cedo, esperavam o Senhor para acolher sua palavra de vida.

ÀS PORTAS DO TEMPO DOS TEMPOS (Lc 22,1-71)

1 - O centro do Evangelho está no anúncio que Jesus, o enviado do Pai, foi predito pelos profetas, morreu crucificado, ressuscitou ao terceiro dia e, glorificado subiu ao céu. Que todos se preparassem para o encontro final com ele.

Com o andar do tempo, as comunidades queriam saber mais dele: de sua vida, de seus ensinamentos. Surgiu então nova unidade evangélica chamada Vida Pública de Jesus. Ela relata o Senhor deixando sua casa e iniciando sua pregação, que durou uns três anos, conforme João, mas que Mateus, Marcos e Lucas sintetizam num único.

Apenas Mateus (Mt 1,1-2,23) e Lucas (Lc 1,1-2,52) falam algo da chamada Vida Privada do Mestre, a que vai do nascimento até o início de sua pregação. João “vai mais longe”: diz que a Palavra ou o Verbo estava no seio da Trindade, se fez carne e habitou ou veio morar entre nós. A partir daí, apresenta o Senhor adulto que vai ao batismo de João (Jo 1,1-34). Marcos inicia o seu Livro falando de Jesus já adulto que vai ao encontro do Precursor (Mc 1,1-9).

A descrição da Paixão de Jesus não é pura narração histórica e nem mesmo consideração piedosa. Trata-se da revelação do Pai que não se poupou a si mesmo ao não poupar o Filho. Nisto se vislumbra especial amor que sempre implica um tipo de “sofrimento” (Rm 8,32). O amor atinge sua plenitude na medida em que o amante vai ao amado não tanto para fruir “às custas de...”, mas para leva-lo à plena realização, à plena felicidade. Isto implica “morrer” em benefício do amado e nele ir ressuscitando em especial comunhão. Assim deve agir o amante, a exemplo do Crucificado que não se poupou a si mesmo, amando “até o fim”, isto é, ao máximo da potencialidade amorosa e até o último instante da vida (Jo 13,1). Tal amor, essência do cristianismo, é proposto como causa exemplar a todo discípulo (Jo 15,12-13).

A narração da Paixão é piedosa, edificante, mas vai além disto. Nela se descobre o Primeiro Testamento, ponto de partida e de vivência da Nova Aliança. Na Bíblia, o Mistério Pascal (Paixão, Morte, Ressurreição e Glorificação de Jesus) é força centrípeta e centrífuga: atrai para que nela se encontre e vivencie o verdadeiro amor e depois envia para que ele seja irradiado e assumido.

Nada descreve e muito menos define a Paixão, porque é amor infinito e indefinido. O infinito não pode ser definido, pois a definição traz em si um limite.

2 – Lc 22,1-6. A população se preparava para celebrar a “Páscoa”, a libertação da escravidão egípcia e a caminhada para a Terra da Liberdade. A cúpula do poder judaico, com o coração aprisionado pelo ódio, planejava matar o justo, o santo. Mas urgia dar os passos com cautela, pois temia a reação popular. Planejava eliminar o Senhor e deixar a impressão de estar defendendo o povo da reação romana. Além disto, era-lhe importante apresentar o Senhor como herege. As autoridades judaicas já tinham assassinado Jesus nos corações (Lc 20,19); era necessário executar o plano com prudência. Como que por ironia, um dos discípulos escancara o coração a Satanás e vai ao encontro do projeto dos inimigos de Jesus. Judas, além de ser quem foi, representar tantos outros traidores.

3 – Lc 22,7-13. A primeira ceia pascal se deu na libertação da escravidão do Egito e surgiu como “memorial” (Ex 12,1-28). Memorial não é simplesmente ocasião de “se recordar de...”, mas também trazer para o presente Deus que liberta, para que, pela “celebração do memorial”, dê continuidade ao processo libertador. Ele era celebrada nos lares sob a direção sacerdotal do pai e mãe de família. Lamentavelmente, com a construção do templo, ele foi centralizado em Jerusalém. Milhares de peregrinos se dirigiam para lá (Lc 2,41-42). Não era fácil arrumar acomodações dentro dos muros da cidade e arredores, então proclamados “zona urbana”. Jesus dá orientações a Pedro e João para que providenciassem a celebração. A preparação exigia não somente ter o necessário para ceia distinguida,

mas também purificações litúrgicas, como eliminar qualquer fragmento de pão fermentado que pudesse existir na casa.

4 – Lc 22,14-23. Os apóstolos, constituindo uma família vinculada mais pela fraternidade do que pelo sangue (não seria o caso de incluir Maria e algumas das discípulas?) se colocaram deitados no chão, com os braços esquerdos apoiados em travesseiros ou almofadas e servindo-se com a mão direita (Lc 22,12). De imediato, o Mestre enfatiza a importância daquela ceia vinculada à sua morte e conectada com a chegada do Reino de Deus. Ainda em vista deste Reino, o cálice com vinho circula entre os comensais. Jesus anuncia sua morte iminente, mas sem angústia ou sinal de derrota, ao contrário, na perspectiva de grande e interminável comunhão no Reino de Deus. Provavelmente os discípulos, só depois da ressurreição compreenderam a mensagem do Senhor. Mas agora ela é penhor para os seus seguidores de todos os tempos.

Como o “pai de família” costumava fazer, Jesus tomou o pão, louvou e agradeceu a Deus, partiu-o e deu um pedaço a cada comensal afirmando ser seu corpo que lhes era dado. Na hora, provavelmente os comensais não compreenderam a extensão e a profundidade das palavras do Mestre. Só mais tarde cairiam as escamas que lhes obnubilava a visão (Lc 24,25-31), pois só viam nele um rei que lhes traria muita vantagem imediata, a ponto de disputarem, de antemão, os cargos mais vantajosos (Lc 9,46).

Na última ceia, ao dar o pão aos comensais, Jesus usa os verbos “tomar”, “partir”, “agradecer” e “dar” no **pretérito perfeito (aoristo, no texto grego)**; então, o tempo indica ação pontual, cerrada, ato fechado e definitivo. Assim o pão é dado, mas não como “**pão**” e sim como “**corpo**”. Trata-se de Cristo que se faz presente não tanto para ser adorado, mas para ser comunhão dinâmica e dar continuidade à ação redentora que ele deixava. Tanto que é ceia “memorial”.

Esta conotação era inerente ao nome de Javé (Ex 3,13-15). Ela é mais explícita em Ex 12,14. Isto significa que celebrá-la implica “presentizá-lo” para que dê continuidade ao processo libertador iniciado na libertação do Egito. Tal libertação era imagem e ponto de partida para a iniciada por Jesus pelo Mistério Pascal; esta se perpetua pela dinamicidade da Eucaristia, memorial da Paixão. “Memorizar o nome de Deus” (Ex 3,13-15) era fazê-lo dinamicamente presente na história salvífica dos judeus. Assim também, “memorizá-lo pela celebração pascal” (Ex 12,14) era trazê-lo no aqui e no agora, para que desse continuidade ao processo libertador do povo. Por sua vez, o “fazer memória na eucaristia” é trazer Cristo Crucificado-Ressuscitado para que a redenção acontecida então, há séculos, se concretize no decurso do dia a dia. A Eucaristia é dinâmica e dinamizante, mas a ser celebrada não individualizante, mas comunitariamente como povo. Ela não pode ser estrangulada em devocionismo eucarístico (1Cor 11,16). A Eucaristia leva não a simples encontro com Jesus, mas com sua obra plenamente salvífica.

O que o Mestre fez com o pão, faz com o cálice (Lc 22,20). Não por ser cálice, nem por ser vinho, mas referindo-se ao seu sangue derramado e significado pela bebida. Beber de seu sangue implica agregar-se com os irmãos do passado, comungar com os do presente e agregar-se com os futuros em marcha para a Casa do Pai.

No ambiente de amor e comunhão, havia uma nota destoante: alguém que era excomunhão e que podia estar retratando tantos outros judas, no futuro, estava à mesa. Tratava-se de um traidor. As palavras do Mestre não deixaram de suscitar questionamentos entre os discípulos.

5 – Lc 22,24-30. Os judeus esperavam um rei forte, poderoso, que não só os libertaria do domínio estrangeiro, como os dominaria (Sl 2,6-9. Como os demais, ele seria “ungido”; por isso era chamado de “cristo” ou “messias”. Ambas as palavras, grega e hebraica, respectivamente, têm esse sentido. Os apóstolos já se consideravam pessoas distinguidas nesse reino que seria instalado por Jesus. Portanto, disputavam, entre si, quem ocuparia o lugar mais destacado. Jesus lhes mostra que isto é mentalidade

deste mundo. Ele próprio está à mesa, servindo, abençoando e distribuindo o pão e o vinho; logo mais lavará os pés dos seus. Veio do céu à terra para servir, culminando na morte redentora na cruz. É do discípulo, como ele, ser servidor. Como o Pai legou um reino ao Filho que veio para servir, assim Jesus o concederá aos seus, se forem servidores neste mundo como ele.

O Evangelista não deixa claro como será a participação no Reino Celeste aos que forem fiéis e zelosos cooperadores no Terrestre. Parece ficar no ar: é possível explicar a riqueza e a fecundidade da vida em comunhão dinâmica e não meramente estática? Só conhece o sabor de uma fruta quem a saboreia.

6 – Lc 22,31-34. Jesus acabara de falar em provação (Lc 22,28). Dirige-se, então, a Pedro cuja fidelidade e zelo conhece bem; mas, como todos, tem suas limitações e carências, como é próprio dos mortais. O Mestre anuncia-lhe que Satanás submeterá os discípulos a serem joeirados como o trigo que deve ser separado da palha. Às vésperas da Paixão, parece que as forças infernais ficaram completamente liberadas. Seguramente a crucifixão de Jesus provocará choque mais profundo: frustrará o sonho de reinado forte, triunfalista e rico, no qual os apóstolos seriam os privilegiados. Ver-se-iam perseguidos pelas autoridades judaicas. E, para coroar, teriam que encarar o Mestre não como santo, mas como maldito de Deus (Dt 21,22-23). Caberia então a Pedro, após o choque e o escândalo do Calvário, se robustecer com a visão da Ressurreição e “recongregar” o redil disperso, atividade prontamente assumida pelo Santo Pescador (Lc 24,34).

Espontâneo e sincero, Pedro confiou demasiadamente em si mesmo: iria até as “ultimas conseqüências”. Não imaginava que o espírito pode estar pronto, mas a carne é fraca (Mt 26,41). Não demoraria para comprovar a veracidade das palavras de Jesus. Mas, seguramente o que lhe aconteceu serviria de lição, quer na auto avaliação futura, quer no exercício de timoneiro da barca de Jesus; seria compreensivo com os irmãos mais fracos. Para que a predição e o mandato fossem rápida e imediatamente assumidos, foi-lhe antecipado o quanto e o como cairia naquela mesma noite.

7 – Lc 22,35-38. O Senhor vai revelando um céu cada vez mais carregado de nuvens escuras. Faz com que seu grupo se recorde que, ao serem enviados como pregadores e com poderes de curar e atender pessoas, não precisarão de nada; serão bem acolhidos (Lc 9,1-6). A partir de agora, tudo será mudado; deverão partir precavidos; o ambiente será hostil. As recomendações de Jesus, estranhas num primeiro momento, mostram que a missão do colégio apostólico será difícil (Lc 21,17). O Senhor afirma, ainda, que ele próprio será considerado, como disse o Profeta (Is 53,12), um criminoso como os outros e pior do que eles: um amaldiçoado de Deus por morrer na cruz (Dt 21,22-23).

Os discípulos entenderam que o Senhor realmente precisava de espada e lhe apresentaram duas. Com isto, mostraram que estavam prontos para reagir a favor do Mestre, que lhes dá sinal de impaciência com a palavra “basta”.

8 – Lc 22,39-46. Quando estava em Jerusalém, Jesus costumava passar a noite ou em Betânia, na casa de Lázaro, ou no jardim das Oliveiras, em oração. As duas localidades estão próximas entre si e pouco distantes de Jerusalém. Os discípulos o acompanharam ao jardim das Oliveiras para rezar. Já no local, ele recomendou aos seus que orassem para não caírem em tentação; todos passariam por momentos questionadores e dolorosos. Retirou-se a dezenas de metros para sua oração pessoal. Como humano, roga ser liberto da imolação que vislumbrava; contudo, em visão salvífica da humanidade, coloca-se disponível ao projeto paterno. Evocando Elias que, perseguido pela rainha Jesabel foi confortado por um anjo no deserto (1Rs 19,7-8), assim Jesus recebe sinal celeste de conforto que o reanima a assumir a dura missão anteriormente aceita.

Mesmo alentado pelo céu e disposto a continuar correspondendo ao projeto divino, o Senhor continuou sentindo o peso de sua missão. É o que diz o termo “agonia”. A transpiração sangrenta de Jesus pode ser a hematidrose: ter suor com sangue em estado de profunda emoção, sofrimento ou angústia. O fenômeno constatado pode ter sido exagerado por quem o testemunhou, para melhor enfatizar o sofrimento do Senhor. Nesta luta extrema ele é confortado e fortalecido pela imagem do anjo; mas continuará sofrendo até o fim as consequências da luta, como anunciara de antemão (Lc 12,50). Voltando aos seus, constatou que, ao menos a maioria dormia, ignara de tudo o que acontecia com o Mestre; este os incentiva à oração ante a luta futura.

9 – Lc 22,47-53. Abruptamente entra em cena uma grande multidão. Guiando-a estava Judas Iscariotes que, mesmo no escuro, identificaria Jesus. Ele conhecia bem o lugar onde o Mestre costumava passar a noite em oração quando estava em Jerusalém. Hipocritamente, beija o Mestre; serve-se de manifestação de amor e de carinho para traí-lo. Jesus o questiona publicamente para leva-lo à reflexão. Mas ele já havia acolhido o projeto satânico de trair o Mestre (Lc 22,11-6). Valorizou o dinheiro que recebeu dos sacerdotes judeus em detrimento do chamado feito por Cristo. Em Jo 13,30, é dito que era noite ou escuro, quando Judas, tendo comido do pão, deixou a sala. Ele preferiu as trevas à luz.

Ante a situação, os apóstolos interrogaram o Mestre se era a hora de usar a espada, numa espécie de guerra santa (Lc 22,36-38). Teriam pensado que, possivelmente, chegara a hora de instalar o esperado Reino de Deus. Sem esperar resposta, um deles decepcionou a orelha direita do soldado Malco. Teria sido Pedro? (Jo 18,10). Jesus, rei pacífico, condena a violência e cura o carrascos feridos. O Mestre sempre condenou a violência e propugnou a paz (Lc 6,27-36).

Contudo, mesmo sendo pela paz, não podia acolher a injustiça, viesse donde viesse. Questionou-a e condenou a violência que perpetravam contra ele. Afinal, tudo fizera abertamente: pregara, semeou o amor e estava sendo tratado como se fosse um bandido. E concluiu, mostrando que aquela hora era a da maldade, a dos que são das trevas.

10 – Lc 22,54-65. Aprisionado, o Mestre é levado à casa do sumo-sacerdote. João diz que ele foi conduzido primeiro a Anás (Jo 18,13) que depois o enviou amarrado a Caifás (Jo 18,24). Este era genro daquele e tinha sido deposto pelos romanos; contudo, ele tinha a política e o “governo” nas mãos. Então, o processo ante Anás foi um simulacro, um treinamento para o que aconteceria no dia seguinte ante o verdadeiro sumo sacerdote. Sendo um julgamento que implicava pena capital, não poderia ocorrer à noite. Por isso Jesus, depois de tudo o que acontecera ante Anás, foi enviado a Caifás; assim salvariam o “aspecto legal” ao que não passou de farsa, de jogo com cartas marcadas.

Se os outros apóstolos se dispersaram com a prisão do Mestre, Pedro o seguiu às ocultas. No pátio do palácio de Anás, se aquecia ao fogo com outras pessoas para acompanhar o que acontecia com o Mestre. Foi questionado por uma serva se não era do grupo de Jesus. O apóstolo não só o negou como afirmou nem conhecê-lo. O verbo empregado (*arnesthai*) significa “não ter nada com ele”. A mesma negação é feita a outro cortesão que lhe fizera a mesma pergunta. O terceiro não somente o interrogou como a acusou ser seguidor de Jesus pelo sotaque galileu. Ao negar pela terceira vez ele ouviu o galo cantar e, de imediato, lembrou-se da predição do Senhor (Lc 22,34) que no momento, de passagem, o encarou. Pedro caiu em si, retirou-se do grupo para chorar, reencontrando-se consigo mesmo.

Entrementes, os algozes, para agradar e adular os “patrões”, zombavam, agrediam e desafiavam Jesus para que, com o rosto velado, descobrisse quem o espancara. Inquiriam-no ironicamente para que comprovasse o seu “profetismo”, como se isto fosse só prever o futuro ou ser adivinho. Era do profeta, além de predizer, “falar na cara” ou denunciar (2Sm 12,1-14), testemunhar com a própria vida, autenticar a própria fé. E assim, para adular os amos, ultrajavam o réu incapacitado de se defender minimamente.

11 – Lc 22,66-71. O processo no tribunal de Anás não tinha o menor valor jurídico; era necessário dar-lhe caracterização legal, embora nem por isso fosse legítima ou honesta. Cedo, o inocente réu foi conduzido ao tribunal de Caifás, então caricatura de sumo-sacerdote. Com ele estavam presentes os componentes do sinédrio, o supremo tribunal judeu; era um total de 71 membros, incluindo o sumo sacerdote. De imediato interrogaram o Senhor se ele era, realmente o messias. A pergunta era capciosa, pois colocaria o Senhor em dificuldade em qualquer alternativa que escolhesse. Ao negar, ele estaria se desacreditando entre os judeus e ao confirmar, ele se confessaria réu perante os romanos. É de se evocar: as palavras “messias” ou “cristo” (respectivamente em hebraico e grego), significam “ungido” e indicam um príncipe que, ao subir ao trono, era ungido e lhe cabia libertar os judeus de qualquer jugo estrangeiro para passar a dominar os demais povos.

Mais do que respondendo diretamente às autoridades desonestas, caricaturas da verdadeira vida religiosa, verdadeiros pecadores impenitentes, o Senhor vai se revelando. São pessoas avessas à verdade, à conversão. Jesus se revela messias ou cristo, não para libertar os humanos das mazelas puramente terrenas, mas para lhes dar sentido para a vida. E esta se plenifica apenas nos valores transcendentais. O início da plenificação de tudo se dá a partir da morte e ressurreição do Senhor, quando ele assumirá o trono definitivo, ao lado do Pai, mas em benefício dos seus (At 2,32-36). A revelação da filiação divina, messiânica, projetada em Davi (2Sm 7,14), vai se concretizando e plenificando no Senhor (Lc 1,35). Esta era o centro da pregação apostólica (At 9,22).

Ante a pergunta provocadora do tribunal a Jesus, se era o Filho de Deus, ele o confessa em alto e bom som. Isto foi motivo para que passassem a considera-lo blasfemo e digno de morte.

DO TRIBUNAL RELIGIOSO AO CIVIL (Lc 23,1-56)

1 – Lc 23,1-5. No tribunal judaico, Jesus foi condenado por crime religioso: proclamar-se Filho de Deus. Isso não era crime para os romanos; aceitar mais um humano como filho de Deus não era problema. No máximo seria colocar outra divindade no acolhedor panteão pagão. Nele existiam deuses para todos os gostos.

Mas pelo chamado *jus gladii* (direito da espada), salvo raras exceções para os judeus, só o tribunal romano podia condenar alguém à pena capital. Por isso Jesus, já sentenciado à morte pelos judeus, precisou ser levado a ele. Se perante Caifás, o Mestre foi acusado de crime contra a fé, ante Pilatos a acusação é de ter contrariado a lei romana, como a de não pagar o devido tributo ao império.

Os judeus que participavam de alguma maneira do processo contra Jesus, de bom ou de mau ânimo, levaram-no ao tribunal romano. As acusações são atinentes a “crimes contra o estado”, cometidos por Jesus. Pilatos residia em Cesareia Marítima, cidade mais acolhedora, provida de maiores recursos e com menor rigorismo. Por ocasião da páscoa judaica, o romano ia com o grosso da tropa e com o tribunal para Jerusalém. A festa pascal, da independência da escravidão do Egito, deixava os ânimos da população da cidade e as muitas dezenas de peregrinos, com os nervos à flor da pele por causa do jugo de Roma.

As acusações não são de natureza religiosa, mas política, financeira, administrativa, como se viu (Lc 20,22-26). Uma era de não pagar o tributo imposto por Roma. Outra, a de Jesus se proclamar messias ou cristo, isto é, o descendente real que assumiria o trono e expulsaria os romanos da Terra Santa.

Pilatos se interessou de imediato e questionou Jesus se ele era realmente rei. Encabeçaria o grupo dos zelotas, guerrilheiros nacionalistas que pleiteavam a instalação de reino independente judeu? Possivelmente, partindo de tal acusação, profética, mas também ironica ele escreveu, na sentença condenatória, que Jesus era rei dos judeus (Jo 19,19-22). À interrogação de Pilatos se o Mestre era rei, ele respondeu: “tu o dizes”.

O procurador romano intuiu não haver fundamentação na acusação e declarou claramente que não via culpabilidade no acusado. Sem qualquer prova, os acusadores afirmavam que o Mestre, da Galileia à Judeia, incluindo agora Jerusalém, sublevava o povo.

2 – Lc 23,6-12. Sabendo que Jesus era galileu e querendo se livrar do problema que tinha em mãos – o processo contra o Mestre - mesmo estando com a relações cortadas com Herodes Antipas, mandou o Mestre ao rei. Este estava em Jerusalém para as celebrações da Páscoa e sempre desejava ver o Senhor (Lc 9,7-9). Ao que parece, o tetrarca, também chamado rei, estava mais interessado em presenciar algum ato extraordinário. Assim Pilatos procurou “lavar as mãos” e “empurrar o problema” para o tetrarca, que ficou muito contente. Mas Jesus não estava para proporcionar espetáculo circense; permaneceu em silêncio.

O alto poder judaico estava presente; não permitiria que Jesus escapasse de suas mãos. Então, derramava o ódio contra ele. Os esbirros da corte sempre prontos a adular os grandes para ganhar migalhas que caem da mesa, se somaram a eles e procuraram transformar Jesus em “bobo da corte”. Assim, reenviaram o Mestre a Pilatos que, com isto, voltou a ser amigo de Herodes. Isto tudo demonstra que ninguém conseguiu encontrar culpabilidade em Jesus.

3 – Lc 23,13-25. Depois do que acontecera com Anás, com Caifás e com Pilatos, Jesus é submetido ao quarto tribunal. Ninguém conseguia encontrar culpabilidade nele. O povo que sempre fora favorável a Jesus, agora se faz presente, mas contra o Mestre. É de se descobrir o trabalho deletério feito pelos grandes junto à massa raramente bem pensante. Neste todo é de se concluir: ninguém é inocente ante a morte de Jesus.

Ao povo agora “comprado”, Pilatos confessa a inocência de Jesus; nem ele, nem Herodes haviam encontrado qualquer desabono no Senhor. O procurador tinha o poder judiciário e o exército nas mãos; cabia-lhe colocar tudo a serviço da justiça. Imaginou salvar Jesus cometendo injustiça: flagelar um inocente para saciar a tara de acusadores falsos.

Inesperadamente entra em cena Barrabás. Em Mc 15,7 seria rebelde, possivelmente zelota, nacionalista e matara alguém. Em Lucas é possível ver um assassino desordeiro, que Pilatos apresenta ao povo na esperança de ele ser o escolhido para o suplício. O mesmo Lucas faz doloroso comentário e chocante conclusão: um assassino foi preferido e não o autor da vida ou aquele que é a vida (At 3,13-15).

Pilatos não esperava tal reação do povo que pediu a soltura de Barrabás, e volta a questioná-lo. A plebe insiste na soltura dele e na morte de Cristo. A fraqueza do romano reforçou a maldade dos inimigos de Jesus, que ficou com sua sorte selada sob a sentença: “crucifica-o, crucifica-o”. Em tal decisão catastrófica, se evidencia mais o amor ilimitado do Crucificado que se fez maldito (Dt 21,22-23) para libertar a humanidade da maldição (Gl 3,13). Os desígnios de Deus são insondáveis.

A terceira tentativa de Pilatos em favor da libertação de Jesus demonstra sua omissão e covardia; não basta boa intenção. Pensou amolecer os corações empedernidos, apresentando o Senhor esfacelado pelo flagelo. Foi omisso, mesmo tendo a justiça, o direito e a força militar ao seu lado e ao seu serviço. E assim, o justo e santo foi condenado e o criminoso, libertado.

4 – Lc 23,26-32. Alguns fatos chocantes como a flagelação e a coroação de espinhos não são narrados. Porém, surgem novos personagens ao lado de Jesus, enquanto outros desaparecem. Ele continua sendo a figura central. Era de o condenado carregar a cruz, ou mais precisamente, o patíbulo, a saber, a parte transversal da cruz.

Jesus estava sem condições físicas para carregar o madeiro; os Sinóticos têm presente Jesus humano, agredido, depauperado fisicamente. Ao contrário, João considera a divindade do Mestre e o apresenta carregando o instrumento de morte e maldição.

Lucas fala em Simão Cireneu, isto é, de Cirene, Líbia, norte da África. Ele voltava do campo, pelas doze horas. Seguramente pensava em comer algo, repousar e levar o cordeiro ao templo para ser imolado e posteriormente consumido na ceia pascal que começaria logo depois do pôr do sol. Contudo, foi-lhe imposto pelos soldados romanos que levasse a cruz de Jesus. Tratava-se da corveia: trabalho a ser prestado gratuitamente em nome do estado. Tudo indica que se tornou cristão pois foi conservado o seu nome; provavelmente é o acenado em At 13,1, o pai de Alexandre e Rufo (Mc 15,21). Parece ainda ser a este e à mãe dele que Paulo se refere em Rm 16,13. Então a família de Simão descobriu o verdadeiro amor do Crucificado e o abraçou; continuou assim a ajudar Jesus que carrega a cruz, agora nas pessoas dos irmãos carentes.

Lucas, sempre delicado ao se referir às mulheres, as mostra sensíveis aos sofrimentos do condenado que carregava a cruz. Tem certa solidez a tese de que associações de mulheres levavam um mínimo de conforto aos condenados à morte, como água com anestésico, com vinagre, etc (Lc 23,36). Por este gesto humano e virtuoso num ambiente animalesco, o Mestre lhes anuncia momentos dolorosos pelos quais passariam. O escritor judeu Flávio José presenciou o cerco, a tomada e a destruição de Jerusalém, no ano 70 e narra fatos dolorosíssimos vividos pelos jerosolimitanos. Seguramente Jesus se referia a este acontecimento tão doloroso anunciado às mulheres; há relação entre este fato e o que foi predito por Oseias (Os 10,8).

Jesus dirige às mulheres provérbio um tanto misterioso, mas parece estar dizendo que, se ele justo, é tratado de maneira tão brutal, o que não acontecerá aos que são verdadeiramente pecadores?

Com Jesus estavam dois criminosos encaminhando-se para o Calvário. A passagem evoca tanto as palavras do Mestre (Lc 22,37) quanto as de Isaías sobre o Servo de Javé (Is 53,12).

5 – Lc 23,33-38. Lucas diz que o doloroso cortejo chegou a um lugar chamado Crâneo ou caveira. É usada a palavra “*tópos*” (lugar, e não monte). A configuração do local se aproxima à do crâneo e como nos arredores eram “sepultados” os que morriam na cruz, era tido como local impuro, conforme a moral judaica. É oportuno lembrar que quem morria na cruz era considerado maldito (Dt 21,22-23).

Depois da morte de Jesus, os cristãos passaram a fazer romarias ao local onde Jesus morrera e fora sepultado. Eram tantas, a ponto de chamar a atenção dos romanos que, depois da destruição de Jerusalém (ano 70), profanaram os lugares tidos como religiosos pelos judeus, construindo ali templos pagãos. Mas eles não distinguiram o cristianismo do judaísmo, assim, também os lugares tidos como santos pelos discípulos de Jesus foram “profanados”. Nos lugares onde Jesus morreu e foi sepultado, foram construídos dois pequenos templos pagãos. Assim hoje, arqueologicamente, se comprova os lugares onde se concretizou o Mistério Pascal.

João (Jo 19,13) diz que Pilatos sentenciou Jesus no local chamado Gábata ou Litóstrotos (pavimento), ao lado da Explanada do Templo. Entre os dois locais medeiam uns quinhentos metros. Então, seria esta a distância percorrida por Jesus carregando a cruz. Jesus e os ladrões foram lá crucificados. Mas pelo fato dos dois companheiros serem encontrados vivos quando Jesus já estava morto, se imagina que eles foram apenas amarrados no madeiro (Jo 19,31-34).

A arqueologia não deixou muitos dados sobre a crucifixão. Cícero afirma que era o mais horrendo dos sacrifícios, tanto que um cidadão romano jamais poderia morrer na cruz; era suplício reservado aos escravos.

Uma vez crucificado, o Mestre roga ao Pai que perdoe seus algozes, pois não sabiam o que estavam fazendo. O perdão revela a excelência de Jesus e de sua oração, como também o amor misericordioso de Deus. A roupa e objetos que o condenado eventualmente trouxesse consigo na hora da execução, pertenciam aos algozes que eram quatro. O Sl 22(21) parece ser descrição do que aconteceu no Calvário.

Perante a cruz, uns estavam estáticos, como que indiferentes ante espetáculo desafiador. As autoridades, agentes diretos na morte de, no mínimo um inocente, reconhecem o poder taumaturgo do Senhor que a tantos salvara; todavia, não descobrem que ele veio em benefício dos outros e não de si mesmo. Anestesiaram, assim, a própria consciência, não reconhecendo, agora, o excepcional amor revelado pelo Crucificado e a ser vivido por todos.

O desafio que as autoridades fazem a Jesus para que use os seus poderes em vantagem própria, mais e melhor ilustra o que aconteceu na tentação no deserto (Lc 4,1-13); nela, tentado pelo demônio, o Mestre não usou de seu poder em vantagem própria. E é de observar como é dito, no v.13, que o demônio se afastou esperando momento oportuno. E este acontecia no Calvário.

Também os soldados, talvez embriagados, talvez para agradar as autoridades, ofereceram bebida ao Senhor, sem pensar que se transformaram em ridículos instrumentos para concretizar o que fora predito no Sl 69(68),22: “como alimento me deram fel e como bebida, vinagre”. O desafio dos soldados era idêntico ao das autoridades.

A tabuleta com a inscrição da sentença da morte de Jesus, escrita por Pilatos sob o protesto dos judeus (Jo 19,21) e levada ao Calvário, foi afixada no alto da cruz. Revelava o especial reinado de Cristo: o do amor.

6 – Lc 23,39-43. É digno de nota como nos versículos que falam de Jesus na cruz (Lc 23,35-43), explícita ou implicitamente, ocorrer seis vezes o verbo “salvar”. Todavia ele não estava lá para salvar a si mesmo, mas para ser o Salvador de todos.

Lucas apresenta dois criminosos que foram sentenciados com ele e como ele para morrerem na cruz. Enquanto um se mantinha inacessível ao bem e desafiava Jesus, o outro se abriu à salvação, que lhe

foi oferecida. A oportunidade estava sendo idêntica a ambos; um a acolhe e o outro não. Deus criou o ser humano livre e ele é o primeiro a respeitar tão sublime dom. O Bom Ladrão é o primeiro a descobrir Jesus, não somente justo como também justificador. É digno de nota: ao fazer o seu pedido, ele chama o Senhor de Jesus, nome que significa “Javé salva”. De imediato lhe é prometido não um reino distante: naquele mesmo dia estaria de posse da pátria desejada.

7 – Lc 23,44-49. O mundo foi criado harmonioso (é este o sentido da palavra grega *kósmos*) ou puro (os latinos chamavam-no de “*mundus*”). A negação de mundo é imundo. Com a proximidade da morte de Jesus, ele se “convulsiona”. Então, em linguagem litúrgica, é dito que pelo meio-dia, quando Jesus foi cravado na cruz, o mundo se agita: fica coberto de trevas por especial eclipse. O véu do templo que impedia a visão da arca se rompe ao meio. As trevas que foram vencidas pela luz, na criação, com a morte próxima do Senhor estavam vencendo a luz no mundo, ou mais, nos corações humanos. Era a maneira de se afirmar que alguém importante morria, como é dito da morte de Rômulo.

Além do fenômeno natural, algo acontece no “mundo religioso”: o véu de templo rasga-se ao meio. A arca da Aliança que não podia ser contemplada por olhos humanos, ficou exposta. Terminava a Primeira Aliança e, com o Crucificado, iniciava a Nova, selada com todos os povos. É neste momento que Jesus, já sem força alguma, dá forte grito, dizendo: “Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito”. Mais do que o salmista (Sl 31[30],6), Jesus, com sua morte, portava vida nova no coração de todo mortal. Era como a semente que morre para que dela surja planta nova e viçosa. Como Deus foi “glorificado” no nascimento de Jesus (Lc 2,20), ele o é, novamente, na morte do Filho, como reconheceu o rude centurião que viu no Senhor o justo que justifica. A multidão que presenciara o acontecido no Calvário, retorna penitente para os seus lares.

8 – Lc 23,50-56. A Paixão e Morte de Jesus não são o ponto final do Evangelho; elas se abrem à Ressurreição que se vincula estreitamente àquelas, perfazendo um todo inseparável.

Paulo diz que, se Cristo não ressuscitasse, vã seria a nossa fé (1Cor 15,17). Ele não morreu e ressuscitou simplesmente para se dizer vencedor, mas para que a nossa vida não terminasse sem sentido com a nossa morte; o discípulo participa da vida e morte do Senhor para que se saiba cidadão da eternidade. Assim sendo, a morte do ser humano não é ponto final inglório para ele, mas abertura para a eternidade.

Os romanos costumavam deixar os corpos dos crucificados mortos à mercê do tempo e dos animais. Os judeus sepultavam em vala comum tais condenados e separadamente dos demais falecidos. O sepultamento deveria ser no mesmo dia, máxime se, a seguir fosse a celebração da Páscoa; quem morria na cruz era considerado maldito de Deus (Dt 21,22-23).

Na morte de Jesus entra em cena José de Arimatéia. Pessoa destacada, era justo e fazia parte do conselho, mas não comungou em nada com a decisão dos colegas, no caso de Jesus. Com sua influência, conseguiu de Pilatos a licença para sepultar Jesus num sepulcro escavado na rocha e, até então, não usado. Os judeus estavam para iniciar a celebração da Páscoa e do sábado com o por do sol daquela sexta-feira. Dada a exiguidade do tempo, o sepultamento de Jesus foi às pressas. As discípulas do Mestre acompanharam o sepultamento e observaram tudo o que foi feito com o seu corpo. Regressando para casa, providenciaram o necessário para o sepultamento de Jesus com as devidas unções fúnebres.

VITÓRIA DA VIDA E NÃO DA MORTE (Lc 24,1-53)

A humanidade sempre sonhou com a pílula ou elixir da imortalidade. Mas, hipoteticamente exequível, com que qualidade chegaria, quer pessoal, quer comunitária e outras exigências mais? A reflexão sobre Cristo Crucificado não termina em morte, mas se abre para a vida, contudo, para a vida em plenitude. E não somente para este ou aquele, e sim a todos os que acolhem o amor oblato de Cristo. Trata-se, portanto, de vida impregnada pelo verdadeiro amor (Jo 10,10).

Os discípulos vão dando salto qualitativo na caminhada religiosa. No início, viam em Jesus o reino terreno, dominador, forte e rico e poderoso no qual eles teriam cargos distinguidos (Lc 9,46; Lc 24,19-24). Havia interesses pessoais, políticos. Depois, entre os que “criam”, um afirmou que acreditaria só tocando o Senhor com as mãos e vendo com os olhos (Jo 20,24-29). Assim como no amor, também na fé é descartável o que pede provas. O certo é que os discípulos vão dando passos a ponto de se tornarem perseguidos, torturados e mortos por causa do Senhor e de sua mensagem. Assim, foram evoluindo qualitativamente.

Num primeiro momento encontraram em Jesus, alguém único e especial que só fazia o bem (At 10,38). A seguir, caíram em profunda crise de fé, pois ele: morreu como maldito de Deus (Dt 21,22-23); por fim, descobriram que ele se fizera maldito para libertar a humanidade da maldição (Gl 3,13). A partir de então, viram-se enviados como missionários pelo Missionário Divino (Mt 28,18-20).

É compreensível, então, que Lucas termine o seu 1º Livro, o Evangelho, falando em Jesus Ressuscitado que sobe aos céus (Lc 24,50-53); e inicia o 2º Volume, Atos dos Apóstolos, partindo do mesmo ponto, a Ascensão, mas agora, o Mestre enviando os seus para que anunciassem o Reino a todos os povos (At 1,1-11). A continuidade do ministério de Jesus está nas mãos dos verdadeiros discípulos.

1 – Lc 24,1-11. Partindo da experiência do Crucificado-Ressuscitado, Lucas reflete, narrativa e liturgicamente, o mistério da Ressurreição. A revelação vai além do palpável: o amor dispensa “provas” detectáveis com os sentidos. Aconteceu um passado rico e maravilhoso, um amor que se revelou na “execrada” prova da morte maldita na cruz. Depois, se manifesta pelos indícios inteligíveis pelos corações, que “têm suas razões que a própria razão ignora”.

O primeiro dia da semana, isto é, o que segue ao sábado, logicamente seria a “primeira feira”, que foi substituída pelo “domingo” (dia do Senhor; “*dominus*” = senhor). Isto tem seu sentido: as mulheres foram ao sepulcro com os bálsamos para a unção fúnebre. Era madrugada. Estranhamente viram removida a pesada pedra que vedava a entrada. Não encontraram o corpo de Jesus. Elas não se desesperaram e nem imaginaram algo extraordinário: apenas estranharam. Viram-se ante dois homens que se revelaram celestiais: as vestes eram fulgurantes. Eram seres especiais? Tratava-se de manifestação do céu? A roupagem lhes revelava algo mais do que simples pessoas humanas. Timoratas ou perplexas, isto é, entre o medo e a ousadia, as mulheres voltaram os olhos para o chão. Mais do que com os sentidos e a inteligência, era o momento de se compreender com o coração. Não ficaram com medo, mas com temor (*enfobós*) que é o postar-se respeitosa e reverentemente ante o transcendental. Às discípulas inclinadas (postura do humano ante o sobrenatural: Gn 17,3), a revelação veio interrogativamente, enfatizando o óbvio: “por que procurar entre os mortos quem está vivo?”, isto é, “quem é a Vida” (Jo 14,6)?

A partir de então tem lugar breve catequese: é colocado ante as discípulas o que Jesus predissera, ensinara e prometera: sua morte na cruz e sua ressurreição no terceiro dia. Isto porque, no pensar dos judeus, com a morte a alma poderia retornar ao corpo; mas a partir do terceiro dia não havia lugar ao retorno, mas apenas à ressurreição.

As mulheres, então, “se recordaram” o que é mais do que “se lembrar”, em hebraico: é trazer um passado dinâmico para um presente a ser mais dinamizado. Algo as transformou a partir de seus corações. De certa maneira, elas “ficaram grávidas, conceberam algo” e logicamente deveriam “dar à luz”. Em outras palavras, elas se tornaram missionárias. O Evangelista parece ser traído pelo seu entusiasmo: cita nominalmente três para, depois, afirmar a presença de outras. Os primeiros apóstolos da ressurreição de Jesus foram as discípulas.

O ser humano é carente de Deus e nesta carência ele pode se abrir a ele ou se absolutizar. A auto absolutização é o pecado (*amartia*; no singular). Quando ela se exterioriza, acontece a falta (*parábasin*, e outros sinônimos, no plural).

Deus se chega ao ser humano nesta carência. Então, a história salvífica pode ser assim resumida:

- A) – Deus cria o ser humano partícipe de sua natureza pelo sopro divino (Gn 2,7).
- B) – Jamais o humano será Deus. É o que se diz ao ser formado da terra (Gn 2,7).
- C) – O ser humano pretende ser Deus e externa a pretensão, desobedecendo-o (Gn 3,5-7).
- D) – O Descendente da mulher (Jesus) esmagará a cabeça da serpente (demônio), que lhe picará o calcanhar (morte de Jesus na cruz). A luta seria árdua (Gn 3,15).
- E) – O ser humano é expulso do paraíso; perde a participação da natureza divina (Gn 3,23).
- F) – O Profeta anuncia: de uma virgem nascera criança especial, Emanuel: Deus conosco (Is 7,14).
- G) – O Profeta anuncia o sofrimento e a morte maldita Jesus (Is 52,13-53,11).
- H) – Jesus nasce da Virgem Maria (Lc 1,26-38; 2,4-7).
- I) – Jesus, que viveu pregando e fazendo o bem, é crucificado, ressuscita, e dá a vida nova a todos e sube ao céu.

J)– Sem abandonar os que aqui ficaram, entrega a eles a missão de difundir o Reino de Amor na terra, até a acolhida definitiva na eternidade (Mt 28,16-10).

2 – Lc 24,12. De imediato, os apóstolos consideraram o anúncio das mulheres como alucinações. Todos estavam marcados pelo fracasso da expectativa do reino triunfal esperado. Imaginavam-se nele personagens distinguidas e tudo deu eu nada. E, para agravar, Jesus morrera, segundo a Lei, como maldito de Deus (Dt 21,22-23). O que fazer agora? Voltar às margens do lago de Tiberíades e reassumir a humilde e sofrida vida de pescador? Entretanto, passou pela cabeça de Pedro: aconteceram tantas coisas estranhas com o Senhor... E se a notícia das mulheres fosse verdadeira? Na espontaneidade que o caracterizava, o Apóstolo se levantou e correu até o túmulo. Não viu nada e ninguém a não ser os lençóis de linho que haviam envolvido o corpo do Mestre. Se não regressou iluminado pela fé, ao menos ficou pensativo com o complexo de coisas que estavam acontecendo.

3 – Lc 24,13-35. Como que em doses homeopáticas, o Ressuscitado vai se revelando como tal. Primeiro foi às discípulas; agora a dois discípulos sendo que um deles se chamava Cléofas. Ambos iam para Emaús. A arqueologia ainda não encontrou as ruínas da localidade que se situaria a uns doze quilômetros de Jerusalém. Não é de identificá-la com a cidade tomada por Judas Macabeus (1Mc 3,57-4,25) que dista uns 30 quilômetros de Jerusalém. Os dois discípulos de Jesus conversavam entre si sobre o que acontecera com o Senhor que, irreconhecidamente se achegou a eles fazendo-se passar por peregrino que regressava de Jerusalém. O “estranho peregrino” se inseriu na conversa, mas os viajantes estavam com o coração obnubilado e não o reconheceram. Jesus interrogou-os desejando saber por que estavam tão tristes e sobre o que conversavam.

A resposta de Cléofas foi pronta: seria ele o único peregrino de Jerusalém que ignorava o que lá acontecera nos últimos dias com Jesus Nazareno, o profeta poderoso em ação e palavras que as autoridades judaicas condenaram à morte? Todos os discípulos esperavam tanto dele, e tudo terminou com a morte maldita na cruz. “Mulheres do grupo”, ajuntou Cléofas, “indo ao sepulcro viram-no vazio. Disseram ter visto anjos que o anunciaram vivo, mas nada dele. O mesmo acontecera com alguns dos discípulos: como as mulheres, nada viram a não ser o sepulcro sem o corpo de Jesus”.

Antes de revelar-se, Jesus reprova a dureza do coração em compreenderem as Escrituras. A compreensão intelectual, por nobre e sublime, não contempla, necessariamente, o amor de Deus revelado pelas Escrituras que, por sua vez, são compreendidas mais aprofundadamente pelo coração. Assim sendo, e enquanto caminhavam vencendo distância geográfica, espacial, Jesus os fazia percorrer pelas revelações escriturísticas, pelo que anunciaram os profetas. Tudo o que Jesus vivera fora predito a partir de Moisés passando pelos Profetas. Tais luminas, porém, serão compreendidos ao encontrarem corações abertos à fé.

É interessante observar: não são tanto as Escrituras que revelam mistério tão sublime, e sim Jesus que as interpreta. Ele é a revelação e elas a confirmação ou preparação. A fé implica encontro pessoal entre Jesus e quem o acolhe com o coração; trata-se de diálogo entre dois amantes. É o encontro com Cristo que leva à fé, que pode ser explicada pelas Escrituras. Ninguém podia falar melhor do Senhor do que ele mesmo que explanava os Livros Santos.

Não foi somente a proverbial hospitalidade semita que levou os dois discípulos a insistir para que Jesus se hospedasse em Emaus. E nem o fato da noite estar se aproximando. Os discípulos, mesmo sem reconhecer o Mestre, já haviam aberto os corações e ele; portanto, nada mais justo do que celebrar. O fato de Jesus abençoar o pão e parti-lo foi o suficiente para que ambos os discípulos o reconhecessem. Os corações foram se abrindo, se acalentando na medida em que acontecia a Liturgia da Palavra. Ao se assentarem à Mesa, aconteceu a eucaristia, a descoberta do Ressuscitado. Uma vez que ambos escancararam as portas do coração, era dispensável a presença visível do Senhor. Descobriram como os corações se inflamavam na medida em que o especial companheiro de viagem fazia com que compreendessem como as Escrituras falam dele.

O descobrir o Crucificado-Ressuscitado implicou celebrá-lo eucaristicamente. Isto tudo se transformou em envio. Os discípulos, que insistiram com Jesus para que ficasse com eles porque “já era tarde”, não duvidaram de, na mesa hora, refazer os doze quilômetros para, como missionários, anunciar à comunidade, em Jerusalém, que ele estava vivo, que ele ressuscitara.

Ao acolher os missionários que, seguramente, chegaram noite avançada, a comunidade reunida também já era missionária: haviam passado pela experiência com o Ressuscitado, a começar por Pedro.

É significativo como a apostolicidade que aflorava dos corações da pequena comunidade, tinha a Ressurreição como ponto de partida e se robustecia na Eucaristia.

4 – Lc 24,36-43. Seguramente a comunidade estava reunida em nome do Senhor. Ele mesmo prometera que, quando dois ou mais estivessem reunidos em nome dele, ele se faria presente (Mt 18,20). Não se trata de presença em critérios detectáveis com sentidos corporais com os quais, muitas vezes, os irracionais superam os humanos: audição, visão, olfato, tato... Em critérios puramente naturais, os animais, com sentidos acurados são, em contrapartida, superados pela capacidade intelectual e, máxime, pela cordial, quando elevadas pela luz da fé. Desta maneira, caberá aos discípulos que assim acolhem o Crucificado Ressuscitado, darem continuidade à missão de irradiá-lo a todos os povos. Assim Lucas termina o seu primeiro volume (Evangelho), e se abre ao segundo: Atos dos Apóstolos. O Senhor se faria sempre presente entre os seus, mas caberia a estes serem suas testemunhas, proclamando de todos os modos: ele ressuscitou, está vivo e operante entre nós.

A comunidade estava reunida em nome do Senhor e ele jamais deixa de se fazer presente quando isto acontece, como acima se falou. E com isto, a paz de Cristo, a por ele desejada, se faz presente. A paz (*shalom*) que não é mera saudação (os judeus se saúdam desejando-a mutuamente). Paz que não é mera ausência de guerra, mas o acúmulo de todas as graças, de todos os bens materiais e espirituais. Ninguém pode dela pode ficar privado (At 10,36).

Os discípulos não estavam de todo libertos da credence popular, como era comum entre os gregos, de verem fantasmas ou espíritos em qualquer manifestação preternatural ou espiritual. Assim, num primeiro momento, a comunidade ficou assustada ante o que presenciava. Ante a reação imatura dos seus, Jesus os convida a tocar em suas chagas como se fosse carteira de identidade. Fantasmas deveriam ser destruídos, a começar pelas cabeças de pessoas de pouca escolaridade como eram os discípulos. A expressão “sou eu mesmo” fala mais alto do que as chagas. A expressão não identifica somente Jesus, mas ele Jesus como o Filho de Deus. Foi assim que o Criador se “definiu” ou “se revelou”: “sou o que sou” (Ex 3,14). Esta experiência, este desafio se tornaram marcantes no seio da comunidade cristã (1Jo 1,1-3).

Mas não se trata de ressurreição que trouxe o Senhor da mesma maneira como era desde o nascimento até a morte. Jesus ressuscitado tem corpo distinto do que tinha antes. Seu corpo era “espiritual”, indefinível (1Cor 15,42-44).

Seguramente os membros da comunidade estavam embasbacados com o que viam e ouviam. Então o Mestre vai ao concreto: pede algo de comer. Jesus, então, comeu do pão e do peixe que lhe foram servidos. Este foi o argumento de sua concretude, de sua identidade, o que com eles convivera: Jesus de Nazaré que assumira corpo como os demais mortais, menos no pecado (2Cor 5,21).

5 – Lc 24,44-49. O Senhor, aparecendo aos discípulos, não visava apenas apresentar-se ressuscitado, glorificado, mas atribuir-lhes especial missão. Mostra-lhes que terminara sua missão terrena, cabendo aos discípulos darem continuidade a ela através dos tempos. Ele não os abandonaria, mas cabia-lhes levá-la, apostolicamente, a todos os povos (Mt 28,17-20).

Jesus recorda aos discípulos que, como lhes falara, era necessário que se cumprisse tudo o que está nas Escrituras a respeito dele. O projeto do Pai deveria ser executado com toda perfeição. Foi a partir daí que os discípulos deram verdadeiro salto qualitativo: não deixaram de ser humanos como os demais, sujeitos ao pecado, mas excepcionalmente abertos ao bem e à apostolicidade. Era necessário que todos compreendessem que o ponto salvífico está na Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor e que, a partir disto, a salvação fosse anunciada a todos os povos, com a remissão dos pecados. Que todas as gerações fossem evangelizadas, que a todos fosse anunciado o perdão dos pecados. Cristo devia ser testemunhado pelos seus não só com palavras, mas também com a vida íntegra, a ponto de derramarem seu sangue e necessário fosse. É de se evocar que mártir é sinônimo de testemunha.

Jesus encerra suas palavras prometendo o dom do Espírito Santo, promessa do Pai. É pelo Crucificado-Ressuscitado que ele os daria (At 2,33). Por isso, todos deveriam ficar em Jerusalém para que. Impregnados pelo Espírito Santo, se tornassem apóstolos enviados aos quatro cantos da terra.

Desta maneira, Lucas prepara os seus leitores para o seu segundo livro: Atos dos Apóstolos. Por meio dele se mostra a Igreja Apostólica atuando, dando continuidade ao que Jesus fez na face da terra. O anúncio salvífico de Cristo teria continuidade por meio do apostolado dos cristãos.

6 – Lc 24,50-53. A narração da Ascensão é a chave de ouro com a qual se encerra o Novo Testamento. Cristo volta para o seio do Pai que se torna o ninho acolhedor de todos os que se abrem à sua mensagem salvífica.

Como que se desligando do templo que representava o judaísmo, Jesus, que significativamente morrera fora dos muros da cidade (Jo 19,20; Hb 13,12), sai em direção de Betânia a menos de três

quilômetros de Jerusalém. O Primeiro Testamento estava encerrando as suas portas e surgia o Novo fora das amarras e do legalismo religioso ligado ao templo. Jesus, elevando as mãos abençoou os discípulos e assim, foi retornado à glória. Terminara sua etapa terrena; continuaria entre os seus, mas não mais visivelmente (Mt 28,20).

Os discípulos adoraram o Mestre e regressaram a Jerusalém com grande alegria. Significativamente, eles foram ao templo. É a maneira de dizer que o Primeiro Testamento cerrava as suas portas e terminava o período terreno de Jesus. Dessa maneira termina o primeiro livro de Lucas, o III Evangelho, falando da Ascensão de Jesus.

Significativamente, o segundo livro do nosso Autor, Atos dos Apóstolos, começa com a Ascensão. É ainda significativo e digno de nota: retornando da Ascensão, os discípulos de Jesus não se dirigem mais para o templo e sim para um lugar que lhes era próprio, o cenáculo. Com isto

O IIIº EVANGELHO E ATOS DOS APÓSTOLOS

São dois livros distintos: III Evangelho e Atos dos Apóstolos. Todavia, ambos se originam do mesmo autor: Lucas. Eles são distintos, mas não independentes entre si. Ao contrário, um se vincula ao outro. Onde termina o IIIº Evangelho, aí começa o livro Atos dos Apóstolos. Aquele fala do período de Jesus na terra, revelando-se à humanidade como Filho de Deus, pregando e anunciando a salvação. Encerra com o Mistério Pascal: Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus ao céu. Este, reassumindo o Mistério Salvífico, se abre à missão dos discípulos na face da terra.

Então, Atos dos Apóstolos reassume o ponto alto do Mistério Pascal e passa a narrar o Evangelho sendo pregado no seio do judaísmo, mas prontamente se abrindo aos pagãos, sobremaneira por meio de Paulo. Significativamente, termina abruptamente com Paulo chegando a Roma, capital do paganismo. Isto parece dizer aos leitores: agora a história continua com vocês.

Que este final interrogante, espécie de obra aberta, seja convite aos leitores para não ensarilhar as armas, mas despertar e alimentar a vida apostólica, sempre lutando no “venha a nós o vosso reino”.